



LUIZ NILTON CORRÊA

ANTROPOLOGIA
E OS CONCEITOS E DEFINIÇÕES DE
CULTURA

CVM LAVDE
HUMANITAS

ANTROPOLOGIA

e os Conceitos e Definições de

CULTURA

Luiz Nilton Corrêa

CVM LAVDE
HUMANITAS

Ficha Técnica

ISBN: 978-65-996867-3-3

Design da Capa: Luiz Nilton Corrêa

Imagem da Capa: Abstrato - StMax89 - Stockphoto

Revisão: Vilca Merizio

*Esta é uma obra em construção, qualquer crítica, sugestão ou observação
poderá ser encaminhada através do e-mail
luiznilton@yahoo.com.br*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 CULTURA E O PENSAMENTO ANTROPOLÓGICO	9
1.1 Evolucionismo Cultural e os Primeiros Antropólogos	12
1.2 Difusionismo Cultural	14
1.3 Cultura e Personalidade	18
1.4 Particularismo ou Culturalismo Norte-Americano	19
1.5 Neoevolucionismo	21
1.6 Funcionalismo e Malinowski	22
1.7 Escola Francesa e o Estruturalismo de Lévi-Strauss	24
1.8 Antropologia Simbólica (Interpretativa ou Hermenêutica)	26
1.9 Antropologia Ecológica ou Ecologismo	28
1.10 Antropologia Pós-Moderna	29
2 CULTURA: IDEIAS, CONCEITOS E DEFINIÇÕES	36
2.1 Cultura: do Latim a Europa do século XIX	36
2.2 Da Europa ao Culturalismo Americano	47
2.3 Século XX e a Consolidação da Ideia de Cultura	57
2.4 As Influências de Franz Boas e Malinowski	61
2.5 Do Culturalismo ao Neoevolucionismo	73
2.6 Novas ideias e as Influências Pós-moderna	88
2.7 Problemática do Conceito de Cultura	114
3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE CULTURA	122
3.1 O Papel da Herança Cultural	128
3.2 A biologia e os Animais não Humanos	133
3.3 Outras Dinâmicas da Cultura Humana	137
BIBLIOGRAFIA	150

APRESENTAÇÃO

Quando, por algum motivo, minha mente busca nas lembranças acadêmicas o que poderia ajudar a entender o conceito ou definição de cultura, duas interessantes lembranças surgem imediatamente. Discussões simples, ingênuas, mas de grande significado no meu interesse sobre o tema.

Uma delas, no final da década de 1990, com o professor e autor Marcos Cobra, ao final de uma noite de autógrafos em Florianópolis, em que, aparentemente, eu era o único presente no local. Eu, mesmo antes de saber o que era Antropologia, dizia a ele, acompanhando-o a caminho do hotel, que, os “Estados Unidos era um país sem cultura, pois importavam tudo que tem a ver com cultura, até mesmo os cientistas” (um comentário ingênuo de quem mal sabia do que estava falando).

A outra lembrança tem a ver com o grande historiador britânico Peter Burke, em 2008, caminhando na orla da praia de Boa Viagem, onde este comentava que a cidade de São Paulo estava perdendo sua cultura, e eu, sem saber exatamente com quem falava, dizia que não, que a cultura paulista estava em todos os lugares.

Anos depois, já com minha formação completa em antropologia, e com conhecimentos um pouco mais amadurecidos, lembro-me destes episódios com uma certa vergonha, mas com a graça de quem lembra das gafes da juventude. E certamente foram episódios como estes que me levaram a pesquisar e publicar minha principal obra sobre cultura “Cultura” Em 250 Conceitos e Definições”.

Histórias aparte, é importante mencionar que as semelhanças que podem ser encontradas entre o presente trabalho e a obra “Cultura: Em 250 Conceitos e Definição” não são meras coincidências, uma vez que a obra citada é a base para este pequeno livro, mais otimizado, sucinto e prático. E foi justamente este o objetivo que me propus quando, com base na obra principal, desenvolvi este pequeno livro, de forma a produzir uma leitura mais leve, sem perder as informações lá contidas.

Assim, apesar de apresentar aqui os mesmos capítulos e conteúdos da obra mais alargada, com um levantamento histórico das várias correntes de pensamento antropológico, um capítulo dedicado inteiramente

às dezenas de conceitos e definições de Cultura finalizando com uma breve reflexão sobre o que pode ser relevante à cultura atualmente, esta obra acaba por continuar como um bom contribuem para o entendimento do termo Cultura.

De forma geral, poderá ser mais adequada a acadêmicos e pesquisadores que já possuem um certo conhecimento sobre cultura e antropologia, enquanto a obra principal, “Cultura: Em 250 Conceitos e Definições” será obra fundamental para aqueles que pretendem se aprofundar com mais ênfase no estudo e conhecimento, tanto da antropologia quanto da própria dimensão do significado do termo cultura.

Por fim, desejo que a obra contribua com o desenvolvimento de pesquisas e no aprofundamento sobre o tema, e que a leitura seja agradável e pertinente, ficando sempre disponível e aberto a críticas construtivas e correções quando estas se fizerem necessárias.

Luiz Nilton Corrêa

INTRODUÇÃO

Impreciso, subjetivo e extremamente importante, o conceito ou definição de cultura é um dos temas que mais gerou debates junto aos teóricos das ciências humanas nos últimos 150 anos. Das centenas de definições elaboradas, desde a primeira formulação antropológica apresentada por Edward Tylor, em 1871, até a atualidade, não foi possível ainda construir definição ou conceito capaz de abranger toda a subjetividade do termo, ou mesmo, obter o consenso dos pesquisadores.

Este modesto trabalho elaborado quando se completam 150 anos da publicação do que se considera a primeira definição antropológica de Cultura, por Edward Tylor, na obra *Primitive Culture*, tenta apresentar um panorama geral desse conceito tão difuso e, ao mesmo tempo, tão importante para as ciências humanas, desde as primeiras referências latinas até os estudos humanísticos dos séculos XVIII e XIX.

Trata-se de “resumo” da obra mais extensa, “Cultura: Em 250 Conceitos e Definições”, onde são apresentados cerca de 250 conceitos e definições de cultura, e tem o objetivo de não cansar o leitor, tendo subtraído, para isto, uma parte das referências originais, mantendo-se apenas aquelas consideradas mais influentes ou que apresentam definições e conceitos mais completos e pertinentes para sua época.

No primeiro capítulo são apresentadas as principais correntes antropológicas que influenciaram os últimos dois séculos desta ciência. Do evolucionismo de Tylor, Spencer e Morgan, até as correntes pós-modernas do final do século XX e início do XXI, mostrando que mesmo ideias “antigas”, por vezes consideradas ultrapassadas, recebem novas interpretações, voltando a atuar no âmbito acadêmico científico.

No segundo capítulo, é apresentado um apanhado geral do significado do termo cultura, desde sua origem

latina até as primeiras definições “modernas” ou antropológica, num levantamento de cerca de 150 conceitos e definições publicadas por diferentes autores em diferentes períodos e correntes antropológicas. Todos extraídos das primeiras edições das obras de cada um dos autores, sempre com uma tradução livre, buscando manter a ideia principal e o sentido prático e antropológico das palavras.

Para cada enxerto, são apresentadas informações sobre o papel, a origem e a formação de seus autores, precedendo, por vezes, seu ponto de vista sobre a cultura, além do ano e obra em que o conceito ou definição foi publicado pela primeira vez. Juntando ainda diferentes conceitos e definições do mesmo autor em épocas diferentes.

No terceiro capítulo são apresentados alguns pontos críticos gerais sobre a definição e o conceito de cultura, mencionando exemplos, contextualização e importância, sem esquecer todos os debates em torno desse objeto de estudo antropológico, que tem vindo a se diversificar por um cada vez maior leque de ciências, como design, marketing ou economia.

Por fim, algumas considerações que podem ajudar na formulação de novos conceitos, mais amplos e abrangentes, com subsídios que possam levar os debates sobre o tema para um nível mais diversificado, propondo particularidades indispensáveis para que a cultura se forme e exteriorize, transformando-se no objeto de estudo da antropologia.

1 CULTURA E O PENSAMENTO ANTROPOLÓGICO

O termo cultura, há pouco mais de um século e meio, não tinha sequer autonomia quando comparado à sua atual concepção antropológica. Desde sua origem latina, a palavra cultura tem sido usada para nomear o trabalho da terra, o cultivo, o plantio, associada a colônias, a terras trabalhadas, lavradas. Com o tempo, agregou-se ao termo civilização por uma analogia ao cultivo da mente, ao trabalho da mente humana, ao processo “civilizador”.

Assim, o termo cultura passou, então, a ser utilizado sistematicamente como grau de hierarquia entre os povos, mais e menos “civilizados”, isto é, mais ou menos “cultivados intelectualmente”. Com o tempo, transformou-se em sinônimo de civilização, até adquirir autonomia com um significado muito mais abrangente e universal.

Foi Edward Tylor, antropólogo evolucionista de meados do século XIX, o primeiro a indicar um novo significado para o termo, produzindo o que podemos chamar de um “conceito moderno de cultura”, utilizado como sinônimo de civilização, de uma forma que, dada à abrangência do conceito, não teve a aceitação, ou associação, esperada por parte dos defensores de uma superioridade da civilização europeia, legando apenas ao termo cultura toda a carga de significado expressa por Tylor.

Se antes o conceito de Tylor não seria bem-visto para definir civilização, hoje descreve muito bem a noção contemporânea de cultura. Não à toa, deu autonomia ao termo e segue ainda hoje como a definição mais conhecida e citado nos trabalhos antropológicos por todo o mundo.

Muito para além de um conceito das ciências humanas, cultura é ainda o único objeto de estudo da antropologia cultural, o que relega aos antropólogos uma

responsabilidade gigantesca uma vez que, apesar de único, é tão abrangente quanto possível, adquirindo suma importância no conhecimento das sociedades humanas e de seu entorno quanto da própria biologia.

Seu conceito ou definição é mais do que uma clarificação ou delimitação de um objeto de estudo das ciências humanas; é, antes de tudo, ferramenta indispensável quando se trata de estudos antropológicos. É ele que vai “delimitar” o objeto de estudo dos antropólogos, sociólogos, filósofos e de muitos outros cientistas, das humanidades.

Um exemplo da importância dessa delimitação está na própria indefinição do objeto de estudo da antropologia frente à sociologia, ou da psicologia, por exemplo. Se cultura é comportamento, não seria ela objeto de estudos dos psicólogos? Kroeber e Kluckhohn apontaram, na década de 1950, que os comportamentos em si eram, sim, tema da psicologia, enquanto as abstrações desses comportamentos eram tema da antropologia cultural, portanto, cultura.¹

E embora essa separação nunca tenha sido possível na prática, ela serve para muitos estudiosos como apoio para limitar seus estudos e entendimentos de povos e sociedades.

A definição de cultura apresentada por Edward Tylor é exemplo clássico do uso de um conceito como ferramenta indispensável para o entendimento de sua obra, assim como muitos outros depois dele apresentaram seus próprios conceitos ou definições. Embora nem todos os conceitos e definições aqui apresentados tenham sido criados com esse propósito, são extremamente importantes por nos revelarem contextos específicos e próprios de cada trabalho, ciência, pesquisador ou período estudado.

¹ KROEBER, Alfred Louis; KLUCKHOHN, Clyde 1952. *Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions*. Cambridge: Publisher by The Museum.

De forma geral, um conceito estabelece linhas e parâmetros para conhecimento sobre determinado objeto, mantém fronteiras abertas de forma que, em determinado momento, não é possível distinguir exatamente o que é, ou o que não é, o objeto do conceito. Enquanto definição, é algo mais objetivo, delimitador, estipulando o que é, e o que não é, o objeto estudado.

No caso, cultura, quando apresentada como conceito, não define, mas orienta o entendimento, ao mesmo tempo que, quando apresentada como definição, delimita, inclui e exclui itens capazes de dizer o que é, e o que não é, cultura. E assim, é possível afirmar que o significado do termo cultura pode ser melhor apresentado através de um conceito do que de uma definição propriamente dita, embora, muitas vezes, essa diferença seja difícil de se distinguir nas obras e referências aqui mencionadas.

De forma geral, dentro das ciências humanas, apesar de nem todos os cientistas sociais e de humanidades saberem explicar ou conceituar objetivamente o termo, todos sabem perfeitamente do que se trata, e a que se referem quando falam de cultura.

A nível popular, apesar de ainda ser comum as antigas associações dos termos a valores adquiridos ou à diferenciação social, isso tem vindo a mudar pouco a pouco na medida em que percebemos maior empatia e preocupação popular em relação à forma como são tratados aqueles considerados diferentes por parte das sociedades, sobretudo, nestes tempos em que as migrações, deslocamentos e diásporas são cada vez mais intensas.

Talvez a melhor forma de entender como o conceito ou definição de cultura foi se moldando nos últimos 200 anos, adquirindo significado atual dentro das ciências humanas, seja através de uma rápida análise das correntes de pensamento antropológico ao longo dos últimos dois séculos, principalmente por serem essas

formas de pensamento as responsáveis por moldar a ideia de cultura nesse período.

Assim, embora possamos classificar um vasto número de correntes e escolas antropológicas, algumas fundamentais para a história da antropologia e do conceito de cultura, outras menos conhecidas e restritas a poucos países ou regiões, optou-se por apontar apenas aquelas consideradas mais destacadas e que tiveram maior influência no pensamento antropológico de sua época.

É importante ressaltar, no entanto, que, embora alguns autores tenham exercido um papel fundamental para definição e difusão de uma determinada corrente ou escola antropológica, isso não significa que os autores dessa corrente ou escola não tenham também contribuído e influenciado fortemente outras escolas ou correntes. E que alguns até mudaram de ideias e opiniões ao longo de sua carreira.

Ainda, as correntes e escolas de pensamento antropológico nunca formaram um quadro fechado, unânime, em que todos pensavam do mesmo modo; elas foram mais como um mosaico de peças diversas, formando uma mesma e única imagem. Por conseguinte, não há ideia única e homogênea dentro de uma mesma corrente ou escola antropológica. Na maioria das vezes, cada autor de determinada corrente ou escola possuía pensamentos e teorias próprias, que confluíam para a mesma ideia geral vigente, o que era o suficiente para incluí-lo, ou identificá-lo como pertencente a uma determinada escola ou corrente.

1.1 Evolucionismo Cultural e os Primeiros Antropólogos

O evolucionismo foi a forma como os primeiros antropólogos entendiam a dinâmica da cultura humana, e teve o mérito de impulsionar os estudos antropológicos,

de desenvolver a antropologia como ciência, assim como definir o seu objeto de estudo, a cultura, criando métodos, teorias e derrubando alguns dos preconceitos que a humanidade trazia de séculos anteriores.

Surge num contexto científico em que o evolucionismo, mesmo antes da publicação de *On The Origin of Species*, de Darwin, apresentava uma forma prática e simples de explicar a razão de algumas sociedades apresentarem modo de vida completamente diferente das outras, em aspecto e grau de complexidade e aprimoramento técnico. Sociedades não agrícolas, ágrafas ou com aspectos culturais que não eram reconhecidos pelos seus observadores.

Eram conclusões que não dependiam de um estudo etnográfico sistematizado e presencial, mas de interpretações de material recolhido por terceiros, lidos e analisados em “gabinete”, e que geravam teorias que mais pareciam a explicação de ideias etnocêntricas pré-concebidas do que resultado de trabalhos cientificamente válidos. Mas que, no entanto, foram fundamentais para o surgimento da nova ciência, a antropologia, principalmente, para a delimitação do seu objeto de estudo.

A ideia de que as culturas evoluíam foi reforçada, naquele período, por trabalhos de outras ciências mais consolidadas, como a biologia e a arqueologia, por exemplo, e não eram teorias uniformes, seguidas e entendidas da mesma forma e maneira por todos os evolucionistas. Cada pesquisador analisava, entendia e respondia suas indagações de forma diferente, chegando a teorias que, no âmbito geral, se enquadravam numa ideia evolucionista da cultura, algumas mais unilineares e outras menos.

Dentre vários pesquisadores evolucionistas do século XIX, os mais importantes, sem dúvida, foram Herbert Spencer, Lewis Henry Morgan, James George Frezer e Edward Burnett Tylor. Nomes que influenciaram profundamente o surgimento da nova ciência, a

construção de métodos, teorias e o objeto de estudo antropológico, e cujos trabalhos seguem influenciando ainda hoje pesquisadores das mais diversas ciências, sendo considerados como os pais da antropologia.

Embora essas teorias possam parecer, a priori, desconectadas da realidade, é importante entender o contexto acadêmico e científico da época. Tanto as dificuldades de deslocamento para regiões remotas quanto à disponibilidade de conhecimento existente até então criavam uma conjuntura propícia a esse tipo de pensamento. Atualmente, é fácil observar com olhos críticos, porém, devemos lembrar que mesmo hoje, as aulas de pré-história das universidades contemporâneas, comumente, explicam o período pré-histórico com esse mesmo olhar “evolucionista linear”, com base na evolução tecnológica e da cultura material desenvolvida pelos seres humanos antes da invenção da escrita.

1.2 Difusionismo Cultural

Essa corrente de pensamento antropológico entende a cultura como algo que se propaga de uma sociedade para outras, através da difusão de saberes e práticas, criados por uma ou várias sociedades, e que foram compartilhadas ou transmitidas de diversas formas a outros grupos humanos.

Oposição ao evolucionismo considerado dogmático, o difusionismo, assim como outras correntes de pensamento antropológico, não possuía uma única teoria ou ideia uniforme e consensual. Cada antropólogo explicava sua teoria difusionista com características próprias, diferentes, mas, também, com parâmetros que ajudavam a enquadrá-la na mesma corrente de pensamento cultural.

As duas escolas mais conhecidas da corrente difusionista foram a escola alemã e a escola britânica. A primeira considerava que as culturas poderiam surgir em

diversas regiões diferentes e com diversos saberes próprios, os quais poderiam ser difundidos para outros grupos humanos em outras áreas do mundo. Não havia um local específico considerado fonte de toda a cultura existente. Entendia que havia círculos culturais, chamados de *Kulturkreis*, e que a difusão partiria desses círculos e não de um único centro, como alegava o pensamento heliocêntrico britânico.

Com origem nas ideias de Humboldt, a escola difusionista alemã buscava na natureza, nas paisagens e na observação, razões para a formação das culturas. Uma ideia que será conhecida mais tarde como Antropologia Ecológica ou Ecologismo, estruturado e difundido por Julian Steward e Leslie White, já na segunda metade do século XX. No entanto, segundo Humboldt, a cultura surgia com base em mecanismos filosóficos da mente humana.

Era uma contraposição à ideia hiperdifusionista britânica. Exemplo interessante pode ser encontrado em Charles Darwin, que, em seu trabalho posterior à *On The Origin of Species*, a obra *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*, de 1871, ao contestar o hiperdifusionismo, faz referência a John Lubbock, arqueólogo e etnógrafo britânico, nascido em 1834.

Segundo Darwin:

[...] relato extremamente curioso que ele dá das armas, ferramentas e artes, usadas ou praticadas por selvagens em várias partes do mundo: não se pode duvidar de que quase todas foram descobertas independentes, exceto, talvez, a arte de fazer fogo. O bumerangue australiano é um bom exemplo de uma dessas descobertas independentes.²

Na Alemanha, destaca-se ainda o nome de Fritz Graebner, geógrafo e etnólogo alemão, criador da teoria

² DARWIN, Charles. 1871. *The Descent of Man, and Selection. Relation to Sex*. V. 1. London: John Murray, Albemarle Street. p. 183.

dos círculos de cultura, ou *Kulturkreis*, fonte de culturas que se difundiram para outras áreas. Uma ideia também adotada mais tarde por Franz Boas.

Outro nome importante para o difusionismo alemão foi Wilhelm Schmidt, um padre católico, linguista e etnólogo, pesquisador de temas relacionados a religiosidades entre os povos. Uma de suas grandes contribuições para a antropologia foi a criação de um periódico chamado *Anthropos*, no qual publicava pesquisas etnográficas de missionários espalhados por todo o mundo, utilizando a estrutura da igreja como uma rede de “padres-etnógrafos”.

Na Grã-Bretanha, teve lugar o hiperdifusionismo, cujos principais representantes foram Grafton Elliot Smith e William James Perry. Ambos tinham como base o heliocentrismo, a ideia de que toda a cultura existente teria surgido em um único local e se espalhado, difundido, para o restante do mundo; e esse local seria o antigo Egito, objeto de estudo dos dois pesquisadores.

Elliot Smith era um egiptólogo e anatomista nascido na Austrália. Foi ligado à Universidade de Cambridge e publicou várias obras sobre o antigo Egito, sobre suas técnicas e cultura. Colaborou com outros difusionistas com ideias de um Egito criador das várias manifestações culturais, e foi responsável pela difusão de ideias e “indústrias” para o restante do mundo. Sua teoria está explicada principalmente nas obras *The Ancient Egyptians and the origin of Civilization*, publicada em 1911, e *Human History*, de 1934, edição revisada e ampliada a partir da primeira edição de 1930.

Já o britânico William James Perry era geólogo e antropólogo; foi o principal responsável pela teoria de que a cultura material teria surgido no Egito há cerca de quatro mil anos e se espalhado pelo mundo através de migrações. Suas teorias são explicadas em três obras: *The Megalithic Culture of Indonesia*, publicada em 1918; *The Children of the Sun: A Study in the Early*

History of Civilization, publicada em 1923; e *The Growth of Civilization*, publicada em 1924; a última, uma síntese dos trabalhos anteriores, acrescida de novas considerações.

Havia ainda a escola difusionista norte-americana, ou historicismo, criada por Franz Boas, segundo a qual, os aspectos culturais de um determinado grupo humano poderiam, sim, ser transmitidos para outros através da difusão. No entanto, não era tão radical como os difusionistas europeus, ao afirmar que povos distintos poderiam apresentar traços culturais semelhantes sem nunca terem estabelecido qualquer tipo de contato.

Seu trabalho consistia em estudos de campo sobre pequenos grupos, tornando os resultados mais precisos e realistas. E nesse contexto, publicou em 1896, no volume 4 da revista *Science*, o artigo *The Limitations of The Comparative Method of Anthropology*, onde apresentou, como o próprio título diz, as limitações do método comparativo, apontando problemas e apresentando formas de estudar a cultura.

Franz Boas foi um dos principais nomes da antropologia no século XX, influenciando em muitas correntes e escolas antropológicas, sobretudo, no que veio a ser chamado de particularismo histórico ou culturalismo norte-americano. É o que iremos tratar de forma mais ampla e direta no subtítulo deste trabalho: Particularismo ou Culturalismo Norte-Americano.

Por fim, apesar de alguns aspectos do difusionismo, e mesmo do evolucionismo, continuarem a ser utilizados, em parte, até por outras correntes de pensamento, como o neoevolucionismo, por exemplo, de forma geral, essas duas correntes deixam de ter a grande importância que possuíam, quando passa a não haver mais o interesse da antropologia na origem dos aspectos culturais, da língua, da religião etc., item que teria sido fundamental e motivador dos vários estudos de ambas as correntes de pensamento antropológico naquele período.

1.3 Cultura e Personalidade

A relação entre personalidade e cultura surgiu nos Estados Unidos da América na década de 1930, com grande influência da psicologia e da psicanálise. Temas como as experiências da infância, sua influência na personalidade e na configuração dos membros da sociedade eram característicos dessa corrente, ou escola antropológica. Os seus três principais representantes foram Ralph Linton, Margaret Mead e Ruth Benedict, ex-alunos de Franz Boas.

Ralph Linton era um arqueólogo e antropólogo americano que trabalhava a cultura como herança social e sua importância na formação das crianças como novos membros de uma sociedade. Militar fervoroso, participou na Primeira Guerra e testemunhou os dramas nas trincheiras, o que marcou sua vida e seus primeiros trabalhos, também o afastando do pacifista Franz Boas. Iniciou seu doutorado na Universidade de Colúmbia, terminando-o na Universidade de Harvard. Mais tarde, foi o substituto de Boas como chefe do departamento de antropologia da Universidade de Colúmbia, apesar dos protestos dos seguidores de Boas que esperavam que o nome escolhido fosse Margaret Mead.

Margaret Mead foi uma antropóloga americana que realizou trabalhos de campo com meninas em Samoa na década de 1920, analisando convívio, formação cultural e sexualidade do grupo estudado em comparação aos jovens americanos. Suas conclusões foram as de que os problemas encontrados pelas famílias americanas na educação dos adolescentes estavam mais relacionados à própria cultura do que às questões hormonais ou da adolescência de forma geral.

Já a antropóloga e folclorista americana Ruth Fulton Benedict, trabalhou com grupos indígenas norte-americanos e tratou de padrões culturais, apolíneo e

dionisiaco, aplicando-os aos povos estudados na América do Norte, tema retratado em uma de suas principais obras, *Patterns of Culture*, publicado em 1934.

Outra obra importante de Ruth Benedict é *The Chrysanthemum and the Sword*, publicado em 1946, resultado das pesquisas realizadas a distância sobre os japoneses durante a Segunda Guerra Mundial. É atribuído a ela o fato de os Estados Unidos da América não terem atacado o palácio imperial japonês, mantendo o imperador ileso e no poder mesmo depois do final da guerra.

É importante contextualizar que, durante a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos da América recrutaram grande número de importantes antropólogos para estudar, a distância, os povos dos países beligerantes, sobretudo, seus inimigos. Esforços que renderam resultados de grande importância na estratégia utilizada pelos Estados Unidos durante o pós-guerra. Uma delas foi a manutenção no poder do imperador Hirohito do Japão, fator indispensável para a coesão do povo japonês depois da rendição.

1.4 Particularismo ou Culturalismo Norte-Americano

Surgido nos Estados Unidos no início do século XX, pelas ideias e pensamentos de Franz Boas, considerado pai da antropologia moderna norte-americana, tinha por base trabalhos de campo, destacando a importância da construção histórica individual e particular de cada grupo humano, e colocando em causa tanto o evolucionismo quanto o difusionismo europeu, sobretudo pelo interesse em cada cultura em particular e não mais em uma visão ampla sobre as culturas como um todo.

Uma vez que a cultura não evolui, como nas ideias do evolucionismo de Morgan ou Tylor, nem são criadas e difundidas de um ponto específico mais “avançado” para

outros menos “desenvolvidos”, como nas ideias de Elliot Smith e Wiliam Perry, a premissa evolucionista de cultura inferiores ou superiores é substituída por culturas diferentes, particulares, desenvolvendo o conceito de relativismo cultural.

Boas não contestava totalmente o difusionismo, mas lembrava que era preciso entender a história de cada cultura, uma reconstrução que possibilitaria a identificação de traços próprios que teriam sido inseridos ou repassados através de um processo próprio de difusão cultural.

Cada cultura tem trajetória e característica próprias, por isso, cada pesquisador deve se centrar na cultura estudada, mesmo que essas tenham traços semelhantes a outras. Cada cultura deve ser vista como completa e particular em cada uma de suas características, pois todas fazem parte de um todo. Boas ainda desvinculava as questões de raça e linguagem das análises culturais, no sentido de que não estão vinculadas nem dependentes umas das outras.

Podemos dizer que a obra fundadora do Particularismo Histórico é o artigo *Museum of ethnology and their classification*, publicado em 1887, no número 228 do *Science: an illustred weekly journal*. Nele Boas apresenta o que subentende como indispensável para um estudo etnológico, ou seja, da cultura de um determinado grupo humano, destacando tanto fatores pessoais quanto históricos e ambientais como indispensáveis para o conhecimento do que chama de fenômenos etnológicos.

Os fenômenos etnológicos são o resultado do caráter físico e psíquico dos homens, e de seu desenvolvimento sob a influência do meio ambiente: portanto, dois problemas devem ser estudados para alcançar resultados científicos. O estudo preliminar e o do entorno: o objetivo final das pesquisas é o conhecimento das leis e da história do desenvolvimento do caráter fisiológico e psicológico da humanidade. 'Arredores' são as condições físicas do país e os fenômenos sociológicos, ou seja, a relação do homem com o homem. Além disso, o estudo do entorno

atual é insuficiente: a história do povo, a influência das regiões por onde fez suas migrações e as pessoas com quem teve contato devem ser consideradas. Todos esses são fenômenos que podem ser observados diretamente por um observador bem treinado, ou podem ser rastreados com maior ou menor precisão por pesquisas históricas.³

Os princípios apresentados no pequeno artigo, sobretudo no parágrafo citado, foram a marca registrada da antropologia boasiana nas décadas seguintes, tanto em seus trabalhos quanto nos de seus discípulos, toda uma geração de antropólogos de destaque na antropologia mundial. Houve ainda o trabalho *The Mind of Primitive Man*, publicado em 1911, revisado e ampliado nas edições seguintes. Nele, Boas pode apresentar suas ideias de forma mais madura e esquematizada, o que passou a ser indispensável para a antropologia, tendo sido adotado de forma geral pelos antropólogos nas décadas seguintes.

1.5 Neoevolucionismo

Surgiu na década de 1930, mas se difundiu amplamente somente depois da Segunda Guerra Mundial, tanto na antropologia quanto na sociologia. Seus teóricos não seguiam o mesmo sistema de valores do evolucionismo cultural do final do século XIX e início do XX, descartando o determinismo e trabalhando com probabilidades, mas também inspirados na teoria da evolução biológica. E embora não seguissem o evolucionismo unilinear de Morgan e Tylor, por exemplo, com ideias, pensamentos, explicações, teorias e métodos próprios, caracterizavam-se dentro do que foi chamado de novo evolucionismo.

³ BOAS, Franz. 1887. Museum of ethnology and their classification. p. 588. *Science: an illustred weekly jornal*. New York: The Science Company, Vol. IX, n. 228. 17, june 1887. p. 587-589.

Foram vários os pesquisadores a adotarem as ideias neoevolucionistas, e assim como no evolucionismo, buscavam fundamentos na arqueologia e na história para suas teorias e trabalhos. Juntaram ideias difusionistas e aspectos evolucionistas, criando teorias de evolucionismo multilinear com difusão e troca entre grupos culturais distintos. Podemos citar nomes como Leslie Alvin White, Julian Haynes Steward, Marshall Sahlins, Darcy Ribeiro e Alexander Lesser, entre outros.

A obra mais marcante e que reacendeu as ideias evolucionistas na segunda metade do século XX foi publicada por Leslie Alvin White, em 1959, com o título, *The Evolution of Culture: The Development of Civilization to the Fall of Rome*. Nela, White apresenta sua teoria evolucionista, na qual diferenciava três componentes fundamentais da cultura: a componente sociológica, a ideológica e a tecnológica, sendo essa última a responsável pela evolução cultural.

Numa perspectiva materialista, acreditava que as sociedades mais avançadas são aquelas capazes de capturar e direcionar maior quantidade de energia para suas necessidades, e de forma mais eficaz, chegando a esse nível através de uma evolução de cinco estágios: iniciando com a energia do próprio corpo, depois a energia de animais domesticados, passando a seguir pela energia das plantas, alcançando a energia dos recursos naturais e finalizando com a energia nuclear.

1.6 Funcionalismo e Malinowski

O funcionalismo apresenta uma nova concepção da cultura. Diferente do evolucionismo e do difusionismo, essa nova concepção observa a cultura de uma determinada sociedade, partindo do princípio de que cultura é um sistema, uma totalidade orgânica, onde cada parte possui uma função própria e cobre uma necessidade

específica, e onde a junção de todas completam o todo cultural.

A base de análise centra-se no papel de uma atividade meio e sua contribuição na execução de uma atividade geral dentro do sistema social. A realidade, a princípio fragmentada, passa a compor um todo interligado, uma estrutura conectada por suas funções e processos, mesmo que de forma inconsciente.

Não era algo novo para a época, década de 1920. O funcionalismo já era utilizado nas teorias de Spencer e Durkheim, na sociologia; era também uma ideia assente nas ciências naturais, na fisiologia e nos sistemas orgânicos, que recebe uma nova visão nas análises antropológicas da cultura. Diferente das correntes antropológicas anteriores, centra-se, sobretudo, no momento presente, deixando de lado as leis de mudanças e as teorias históricas, com foco nas relações e funções de cada parte da cultura estudada.

Podemos citar vários nomes importantes nessa corrente antropológica, como Alfred Reginald Radcliffe-Brow e Edward Evan Evans-Pritchard, mas foram os trabalhos de Bronislaw Malinowski, especificamente a obra *Argonauts of the Western Pacific: An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea*, publicada em 1922, que lançou as bases para a nova metodologia de análise cultural e que serve ainda hoje de modelo para estudos funcionalistas da cultura.

A análise cultural de Malinowski encontrava funções para qualquer aspecto da cultura de uma determinada sociedade. Segundo ela, as condições biológicas impõem necessidades universais, exigindo dos humanos uma resposta; e, de forma a satisfazer essas necessidades, eles criam instituições com as funções necessárias para atender as mesmas e gerar coesão social.

Aluno de Durkheim, Malinowski foi o primeiro pesquisador com conhecimentos científicos em

antropologia e metodologia a realizar um trabalho de campo em meio a uma sociedade exótica, “selvagem”, no entendimento da época. Passou três anos em convívio com os nativos da ilha Trobriand, num trabalho de observação participante, com atenção à forma como os nativos entendiam suas atividades, revelando uma sociedade complexa, onde cada ação tinha sua função na estrutura global da sociedade.

Consciente da necessidade de aportar uma metodologia científica de forma a legitimar os estudos antropológicos, Malinowski buscava traduzir a realidade observada através do convívio da busca de compreensão do observado, isso num período em que a própria antropologia era colocada em causa.

1.7 Escola Francesa e o Estruturalismo de Lévi-Strauss

A escola Sociológica Francesa, surgida nas últimas décadas do século XIX, no auge do evolucionismo, teve como foco a metodologia científica e as representações sociais coletivas. Seu principal pesquisador e fundador foi David Émile Durkheim, responsável por desenvolver várias teorias sobre as construções sociais, abrindo espaço e criando novas ferramentas para a antropologia. Com ele, os fenômenos sociais passaram a entrar na pauta dos estudos socioantropológicos.

Durkheim trabalhou em diversos temas, como suicídio, divisão do trabalho e na própria metodologia sociológica, como apresentou na obra *Les Règles de la Méthode Sociologique*, publicada em 1895. Foi o criador do primeiro departamento de sociologia da Europa, tornando-se o primeiro professor da disciplina na França. Mas foi a obra *The Elementary Forms of the Religious Life*, publicada em 1912, sobre uma análise da religião como um fenômeno social, que passou a ser amplamente

conhecido e estudado. A obra é considerada fundadora do que veio a ser chamado de sociologia do conhecimento.

As hipóteses teóricas apresentadas nessa obra passam a fazer parte dos estudos antropológicos, principalmente quando se trata da razão, que, segundo Durkheim, seria uma construção coletiva, assim como a subjetividade, ambas relativas ao grupo.

Marcel Mauss, sobrinho de Durkheim, desenvolveu seus trabalhos inserido no grupo de colaboradores que se juntaram no entorno da revista *L'Année Sociologique*, criada em 1899 por Durkheim. Mauss, seguiu trabalhando nas ideias de Durkheim e publicou várias obras, uma delas em conjunto com seu tio, *De quelques formes primitives de classification: Contribution à l'étude des représentations collectives*, publicada em 1902, e depois, com vários colaboradores da revista. Buscava uma regra geral para os fenômenos humanos, explicações gerais sem recorrer ao evolucionismo, mas com base na vida em sociedade.

Claude Levi-Straus tem o fato social como objetivo, mas deixou de lado a história social, enfatizando a dualidade lógica, o puro e o impuro, o sagrado e o profano etc. Justificava na forma como o cérebro construía e estruturava o pensamento consciente manifestado através de todos os meios: comportamento, linguagem, ritos, e através desses, descobrir estruturas inconscientes.

Strauss buscava uma teoria capaz de explicar aspectos gerais da humanidade, o que era contestado por Boas e por Malinowski, por exemplo. Sua teoria, que chamou de estruturalismo, com base na literatura, teve influência de Mauss, e utilizou como base as trocas, teorizando que essas eram, de forma geral, o motivador para criação das sociedades.

Segundo ele, as trocas teriam sua razão, ou origem, na proibição do incesto, algo existente em todas as sociedades, e com matrimônios seguindo modelos

repetidos, característica já apresentada por Morgan. Mesmo em sociedades distantes havia uma semelhança entre esses padrões, algo que abordou nas obras *Les Structures élémentaires de la parenté*, publicada em 1949, e em seu complemento, *Anthropologie Structurale*, publicada 9 anos depois, seguido por um segundo volume em 1973.

Strauss acreditava que esses sistemas tiveram por base uma estrutura comum a toda a humanidade. Não uma estrutura hierárquica nem evidente, mas invisível, revelada apenas através dos atos visíveis e que possibilitariam a percepção dessas estruturas invisíveis. Uma estrutura universal para os humanos, independente se eram considerados “selvagens” ou “civilizados”, e que explicava o fato de sociedades diferentes produzirem padrões semelhantes.

Assim, cultura seria entendida como um código interno de comportamento com base em regras, sendo a proibição do incesto, a primeira regra, e a que insere o homem no que chamamos de cultura. É o que diferencia a cultura da natureza. Para ele, é a estrutura formada com base nessas regras que deve ser estudada em detalhes e analisada de forma minuciosa e crítica.

1.8 Antropologia Simbólica (Interpretativa ou Hermenêutica)

A Antropologia Simbólica, também conhecida como interpretativa ou hermenêutica, surgiu no final dos anos 1950 nos Estados Unidos da América e, cerca de dez anos depois, na Inglaterra, e mantém-se como uma das correntes mais utilizada nas últimas décadas.

Na prática, entende a cultura como uma rede de significados, com várias conexões, onde os símbolos são expressões do pensamento, e possuem significados próprios. Para cada cultura ou ocasião, um mesmo símbolo

pode ter significados diferentes, e a função do antropólogo será desvendar esses significados.

Rejeita a ideia de antropologia generalista, com regras aplicadas de forma geral a toda humanidade, como no Estruturalismo, muito utilizado nesse período, privilegiando o ponto de vista do estudado, do objeto de estudo. Busca compreender os símbolos e seus significados e entende que existem diferentes significados nos símbolos das diversas culturas humanas.

Tudo tem um contexto, cada parte da cultura, cada aspecto, tem sentido dentro da cultura, no âmbito geral, por isso, a necessidade de proximidade com o objeto de estudo, do convívio, da observação atenta, do olhar do “estudado”, sob risco de produzir conclusões sem sentido real.

A análise cultural busca entender o significado dos símbolos que conectam toda rede cultural de uma sociedade, e assim compreender a cultura da própria sociedade estudada, deixando de lado a busca por leis universais para a cultura humana.

Entre os nomes mais importantes dessa corrente, estão Mary Douglas, Victor Witter Turner e sua esposa, Edith Lucy Turner. No entanto, o principal representante e fundador dessa escola foi Clifford James Geertz, americano com formação em filosofia, e que entendia a cultura como uma interação de símbolos. De suas várias obras, a mais importante é *The Interpretation of Cultures*, publicada em 1973, considerada a base para compreensão da corrente interpretativa da cultura.

Depois de Geertz, a mais conhecida antropóloga desse grupo foi Mary Douglas. Britânica, com estudos relacionados à religião e ao simbolismo na cultura humana, foi aluna de Evans-Pritchard, de quem recebeu grande influência, mas era também considerada seguidora de Durkheim. Entre suas várias obras, a mais importante é *Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo*, publicada em 1966, onde apresenta

análise simbólica da pureza ritual e da sujeira em diferentes sociedades e contextos culturais, estabelecendo comparação entre o significado de pureza e sujeira entre Europa e os chamados povos “primitivos” e contestando o eurocentrismo cultural ainda existente.

1.9 Antropologia Ecológica ou Ecologismo

Considerada uma das correntes mais influentes do pensamento antropológico do final do século XX e início do XXI, a antropologia ecológica, ou ecologismo, surge como corrente antropológica na década de 1960 e tem como característica principal a associação do entorno ambiental onde as sociedades estudadas vivem, com a cultura da própria sociedade estudada, transformando o ambiente também em objeto de estudo.

De forma geral, estuda as sociedades, o meio ambiente e os ecossistemas que dão suporte ao modo de vida de cada grupo. Busca ressaltar a influência do meio natural nos sistemas culturais, ajudando tanto a explicar as diferenças entre culturas com base no ecossistema, quanto a entender as alterações que os sistemas culturais provocam no meio.

Adotando algumas ideias neoevolucionistas e neo-funcionalistas, os pesquisadores dessa corrente percebem claramente o papel do entorno sob os aspectos culturais, aprofundando essa relação nos povos estudados. Nomes como Julian Steward, Leslie White, Marvin Harris, Roy Rappaport, entre outros, contribuíram de forma abrangente na análise e no papel do entorno sobre a cultura.

Júlian Haynes Steward, considerado o pai da antropologia ecológica, abordou objetivamente as questões ecológicas e culturais como conectadas e autoinfluenciadas. Definiu o conceito de ecologia cultural como o estudo das maneiras pelas quais se introduz uma mudança cultural para adaptar-se ao meio ambiente.

Outros antropólogos como Franz Boas e Kroeber já mencionavam em seus trabalhos que o ambiente limitava a cultura; no entanto, foi Steward que aprofundou o tema, tratando-o objetivamente, e declarando que o entorno limitava, mas também servia de estímulo para mudanças culturais e adaptações do próprio entorno. Criando o método da ecologia cultural, teve como objetivo uma reação contra o particularismo histórico, levando a arqueologia e a antropologia a algo mais científico, focado nas adaptações humanas.

1.10 Antropologia Pós-Moderna

Surgida na década de 1970, a antropologia pós-moderna, também chamada de “movimentos pós-modernos”, representa uma mudança no paradigma do pensamento ocidental. Considerada uma superação do pensamento moderno, do discurso iluminista, apresenta-se de várias formas e em movimentos convergentes, coincidindo com o “surgimento” dos “grupos minoritários”, reivindicadores de seus direitos, em contraposição ao discurso dominante, padronizado e caracterizado pela visão etnocentrista, colonialista e unilateral que conhecemos como “pensamento ocidental”.

De forma mais direta, é um movimento que contrapõe a chamada “cultura ocidental”, buscando a inclusão de grupos minoritários com suas identidades, histórias e formas de pensamento, reivindicando uma maior diversidade de pensamento na ideia de identidade da “cultura ocidental”. Questiona a existência de uma única realidade social e histórica, em detrimento a diversas realidades sociais e culturais existentes, num movimento de redescoberta, de reinvenção, de criação de novas visões de cultura, novas teorias, novas antropologias e novas concepções de diversidade humana.

Uma vez que os paradigmas dominantes são derubados, os pensadores sociais da cultura pós-moderna

já não se submetem a uma única visão dominante, visto que essas já não respondem às questões atuais. E assim, as correntes antropológicas como o evolucionismo, o funcionalismo, o estruturalismo ou estrutural funcionalismo, já não são consideradas como regra. Sem que seus autores e trabalhos percam importância, deixam de ser visões únicas e centrais, dando lugar a uma diversidade de pensamentos, teorias e visões de cultura.

Com a premissa de que é impossível determinar uma só visão do homem, da cultura humana, os modelos únicos caem por terra. O conhecimento que foi construído com base no poder Europeu sobre a geopolítica mundial, sobre o domínio do ocidente. É algo que passa a ser insustentável na atualidade dando lugar a movimentos como o de descolonização do discurso cultural na América Latina, por exemplo.

Os autores pós-modernos começam por lançar críticas à modernidade, que, segundo eles, está concluída, tornando inevitável a sua superação. Pregam o fim das grandes ideologias, uma vez que não há uma verdade definitiva a toda espécie humana, e sim o multiculturalismo, a diversidade, a pluralidade, uma variedade de verdades e pontos de vistas diversos.

A pós-modernidade passa a ser sinônimo de relativismo, que não se deve afirmar em uma única teoria geral e definitiva, mas ideias que devem ser sempre colocadas em causa, sempre com uma visão ampla para todas as outras teorias e análises, pois todas passam a ser válidas,

Embora seja quase um consenso, há pensadores, como o filósofo e sociólogo alemão, Jürgen Habermas, por exemplo, em sua obra *Der Philosophischer Diskurs der Moderne: Zwölf Vorlesungen*, publicado em 1985, que afirmam que o que se chama de pós-modernidade é apenas uma continuidade da modernidade, que estamos passando por uma fase de reformulação da modernidade com base nas heranças culturais e políticas, numa

continua adaptação de tudo que vem sendo herdado do chamado pensamento moderno, sempre numa busca por uma sociedade mais digna para todos.

O pensamento antropológico que apresenta essas características passa a ser chamado de Antropologia Pós-Moderna, que se manifesta claramente como uma ruptura do que vinha sendo feito até então a nível de estudos antropológicos, sem menosprezar as correntes antropológicas anteriores. Utiliza os trabalhos já realizados como base para suas críticas e ideias, mas também, como o próprio objeto de estudo antropológico, dividindo-se mais claramente em três correntes: a metaetnografia, a corrente do diálogo antropológico e a corrente chamada de crise da antropologia.

1.10.1 Metaetnografia

A Metaetnografia tem como objeto os estudos etnográficos já realizados, e não mais as culturas e os povos etnografados. Estuda-se o antropólogo, o texto, as condições em que foram escritas, as questões que envolviam a relação entre o etnógrafo e o etnografado. Uma antropologia da antropologia.

Um exemplo importante é a obra do antropólogo espanhol, José Antonio Fernández de Rota *y Montes*, *Una Etnografía de los Antropólogos en EEUU: Consecuencias de los debates pos-modernos*, publicado em 2012, e que apresenta um estudo etnográfico em que o objeto de estudo são os antropólogos dos mais importantes departamentos de antropologia das universidades dos Estados Unidos da América. Nomes como Marshall Sahlins, Clifford Geertz ou James Clifford são alguns dos objetos de estudos apresentados nesse trabalho.

O próprio James Clifford, objeto de estudos de Fernández de Rota, é considerado um dos principais nomes da antropologia pós-moderna com estudos de metaetnografia, tendo como exemplo importante sua

obra *Writing Culture - The poetics and politics of ethnography*, publicada em 1986, em conjunto com George Emanuel Marcus, antropólogo americano, professor da Universidade da Califórnia, Irvine.

Considerado o principal trabalho dessa corrente antropológica, *Writing Culture* apresenta um conjunto de nove artigos que lançam uma análise crítica sobre as etnografias dos principais nomes da antropologia, sobre seus trabalhos de campo e descrições etnográficas. Apresentam novos prismas, analisando os contextos, o papel etnógrafo e do etnografado, do informante, até mesmo as questões políticas e de domínio presentes na relação entre pesquisador e pesquisado.

Os autores também enfatizam o caráter provisório da análise cultural, denunciam erros e desmistificam alguns trabalhos clássicos. Fazem referências sobre a omissão de questões como a própria relação entre pesquisador e pesquisado, as subjetividades envolvidas nos estudos, levantando dúvidas quanto à parcialidade dos resultados apresentados, e buscam apresentar formas etnográficas que, por vezes, podem beirar à utopia.

1.10.2 Diálogo-Antropológico

Já o Diálogo-Antropológico levanta a questão de que não basta apenas um trabalho etnográfico, sob o ponto de vista de um único antropólogo, para descrever o que considera os aspectos culturais de um determinado grupo humano, mas sim, uma visão mútua de conjunto, obtida através de debates entre diferentes antropólogos com visões diversas, observações distintas e teorias variadas sobre o mesmo objeto de estudo. Não basta uma única visão, mas é preciso discutir e abrir espaços para vários pontos de vista, sem que haja um considerado dominante.

Um antropólogo importante dessa corrente é o americano Paul Rabinow, professor da Universidade de

Califórnia, em Berkeley, conhecido por suas publicações a respeito do pensamento de Foucault, e que, no entanto, tem como sua obra antropológica mais famosa o trabalho *Reflections on Fieldwork in Morocco*, publicada em 1977, onde aborda o método de trabalho de campo antropológico e a observação participante, questionando a validade do processo, o papel do próprio antropólogo nos dados recolhidos, e do próprio objeto de estudo que passa a ser o seus processos de transformação e formação. Pode ser considerado como uma crítica aos trabalhos etnográficos tradicionais, e a ele mesmo ao longo do processo.

1.10.3 Crise da Antropologia

A terceira corrente, chamada de Crise da Antropologia, autodenomina-se como a mais vanguardista, e busca utilizar uma espécie de “bricolagem” de visões antropológicas distintas sobre as culturas e sociedades estudadas, incluindo análises e observações dos membros da cultura estudada, de outras ciências e de pontos de vistas variados.

O antropólogo passa a dividir seu papel e importância sobre o estudo de um determinado grupo ou aspecto humano, inserindo visões com uma maior diversidade de perspectivas. A própria etnografia é analisada pelos grupos estudados e por outros antropólogos de corrente diversas, com o objetivo de enriquecer o conhecimento de uma só cultura.

Uma obra importante que pode ser considerada dentro dessa corrente é *Designs for an anthropology of the contemporary*, publicada por Paul Rabnow, em conjunto com o antropólogo George Emanuel Marcus, com o antropólogo e neurobiólogo Tobias Rees e ainda com o antropólogo e educador James Daniel Faubion.

A obra apresenta um debate entre os quatro autores sobre trabalho de campo, etnografia e a própria metodologia da produção de conhecimento antropológico.

Uma crítica e uma busca por novas formas de desenvolver o trabalho etnográfico e, conseqüentemente, antropológico.

A obra *Writing culture: The poetics and politics of ethnography* é citada várias vezes e tomada como exemplo de crítica e observações sobre o que devem ser as novas formas de trabalho etnográfico, desde o estilo literário dos textos etnográficos até mesmo à forma como o trabalho deve ser desenvolvido no campo.

1.10.4 Antropologia Cognitiva

Uma das outras várias correntes inseridas nessa diversidade é a chamada Antropologia Cognitiva, tendo como um dos nomes mais conhecidos Dan Sperber, antropólogo e linguista francês, professor da Universidade de Michigan e da *École Polytechnique* de Paris. Com influência estruturalista, é considerado um dos grandes críticos dos pressupostos teóricos da antropologia.

Uma de suas obras mais conhecidas é *Le Symbolisme en Général*, publicada em 1974, resultado de 18 meses de trabalho de campo com o povo Dorze, na Etiópia, estudando sistemas de símbolos e rituais, com um capítulo dedicado ao simbolismo verbal. Percebeu que algo estava errado nos métodos tradicionais de pesquisa o que o levou, mais tarde, a trabalhar no sentido de que não há uma estrutura geral, mesmo que simples, mas módulos de pensamentos, dando ênfase na psicologia e reconhecendo que não há formas ainda de entender o funcionamento da mente humana.

1.10.5 Outras Correntes Pós-modernas

Ainda inserido na corrente pós-moderna, ou sobremoderna, podemos citar o antropólogo francês Marc Augé, cuja obra de destaque tem como título *Non-Lieux*, publicada em 1992, introduz o termo “Não Lugares”, na

antropologia, segundo o qual, há espaços que não possuem significados capazes de os transformar em lugares propriamente ditos. São lugares de passagem que vão de redes de hotéis e hipermercados, meios de transportes, estações de trem ou rodovias, onde os indivíduos permanecem anônimos.

No entanto, podemos considerar como sua obra mais importante o trabalho *Pour une anthropologie des mondes contemporains*, publicado em 1994, onde apresenta o que poderíamos chamar de uma antropologia sobremoderna, ou hipermoderna.

Entre outras correntes não citadas, podemos lembrar ainda a Etnografia Experimental, que lança novas formas para a realização de trabalho de campo, redefinindo a observação participante. A Vanguarda Pós-moderna, que aborda questões da crise das ciências gerais, alegando que no trabalho de campo tudo é possível, desde que haja rompimento do que se vinha fazendo até então. O hipermodernismo, cujo termo teve notoriedade em 2004 com a obra de Gilles Lipovetsky e Sébastien Charles, *Le Temps Hypermodernes*, entendido como uma fase a seguir a pós-modernidade, caracterizado pelo excesso, intensidade e urgência de tudo, do hiperconsumo ao hipercapitalismo.

2 CULTURA: IDEIAS, CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Como é possível observar, existe uma variedade de ideias e entendimentos a respeito das linhas de pesquisa do objeto de estudo da antropologia, conseqüentemente, do próprio conceito e definição deste objeto, a cultura. No entanto, veremos que a necessidade de construção um conceito ou definição para o termo, quase sempre foi usada como ferramenta base para interpretação dos mais variados trabalhos, mas foram poucas as vezes em que este conceito foi apresentado como um objetivo final de um trabalho, como veremos na revisão a seguir.

Assim, com base nas cerca de 150 definições e conceitos aqui apresentados, o leitor poderá compreender melhor a dinâmica e o desenvolvimento do significado do termo cultura ao longo dos anos, também os conceitos e as definições mais abrangentes, ou as ciências que, ao longo do período, envolveram-se nessa questão tão subjetiva, mas necessária. Conhecendo ainda os estudos culturais e a forma como cientistas das várias áreas se envolveram na compreensão e na ideia por trás do termo.

2.1 Cultura: do Latim a Europa do século XIX

Construção moderna e ocidental, criado no eixo Europa e Estados Unidos da América nos últimos 150 anos, a definição e conceito “antropológico” de cultura surgiu da antropologia como ciência, a mesma que tem a cultura como seu objeto de estudo.

Considera-se que sua primeira definição antropológica foi publicada em 1871, por Edward Tylor, na abertura do primeiro capítulo da obra *Primitive Culture*, onde cultura estava associada à civilização, como sinônimo, junção que levou muitas décadas para se desfazer

nos meios científicos, permanecendo ainda hoje como dado adquirido em nível popular.

Palavra de origem latina, teve seu significado proveniente do termo grego para educação, *Paideia*, no sentido de cultivo das mentes humanas, misturando-se com outros termos em latim que traziam sentidos diversos, mas confluentes. *Colere*, *Cultus*, ou propriamente *Cultura*, ou ainda a adoração a Deus e até a própria educação “formal”, o cultivo das mentes.

Podemos encontrar esses termos utilizados em diversas obras publicadas em latim desde o século XV até o XVIII, normalmente empregando o seu sentido prático, referente ao cultivo da terra e dos campos. Mas também ao cultivo da mente.

Colere, *Cultus* ou propriamente *Cultura*, são termos que foram utilizados em diversos sentidos, quase sempre se referindo ao cultivo da terra, ao cultivo da mente, das emoções, ao culto religioso, à devoção e à adoração. Então, ao mesmo tempo que culto podia ser entendido como *colere* de venerar, cultivar, podia significar organizar o espírito para cultivar algo.

Na Enciclopédia *Pavao Skalich*, *Encyclopaediae, seu Orbis disciplinarum tam sacrarum quam prophanarum Pauli Scalichii, epistemon*, publicada em latim, em 1559 na Baseleia⁴, um dos primeiros livros que adotou como título o termo “Enciclopédia”, é possível encontrar as palavras *Colere* e *Cultura*, respectivamente, quatro e cinco vezes, com sentidos que se alternam conforme o contexto. Por vezes, de forma figurativa no sentido de cultivar um determinado sentimento ou ação, outras vezes, no sentido mais abstrato de venerar ou adorar algo, como *Deum Colere* (Adorar a Deus) (p. 697), ou *non Christi colere Ecclesia* (não servir à igreja de Cristo) (p. 669). Ainda, na mesma obra, encontramos o termo *Cultus*, citado, pelo

⁴ SCALICHII, Pauli. 1559, *Encyclopaediae, seu Orbis disciplinarum, tam sacrarum quam prophanarum, epistemon*: Pauli Scalichii de Lika.

menos, doze vezes, e, em todas as citações, o sentido é de adoração.

Esse sentido variado, incluído o agrícola, seguiu em várias outras obras publicadas em latim naquele período, passando uma ideia de cultivo agrícola ao cultivo religioso, de culto religioso ao aprimoramento intelectual, influenciando obviamente autores franceses, ingleses e alemães.

Uma destas obras, talvez uma das mais importantes do período, foi *Discurso do Método*, de René Descartes, publicado originalmente na Holanda, em língua francesa, em 1637, e apesar de não apresentar o termo cultura, deixa claro o entendimento que alguns intelectuais europeus da época, para além dos alemães, possuíam sobre os povos não europeus. Embora não mencione qualquer pesquisador que buscasse entendimento sobre o que é cultura, encontraria, ao menos neste trecho, um entendimento claro do que viria a ser o conceito de relativismo cultural dentro da antropologia:

[...] e desde então, em viagem, tendo reconhecido que todos aqueles que têm sentimentos muito contrários aos nossos não são bárbaros ou selvagens por isso, mas que muitos usam a razão, tanto ou mais que nós; e tendo considerado o quanto o mesmo homem, com seu mesmo espírito, sendo nutrido desde a infância entre franceses ou alemães, torna-se diferente do que seria se sempre tivesse vivido entre chineses ou canibais [...].⁵

Percebemos a influência dos termos latinos para referenciar cultura no sentido antropológico com maior clareza nas obras inglesas, como *Leviathan*, de Thomas Hobbes, de 1651⁶. Uma obra de extrema importância

⁵ DESCARTES, René. 1637. *Discours de la méthode pour bien conduire sa raison et chercher la vérité dans les sciences. Plus la Dioptrique. Les Meteores. Et la Geometrie qui sont des essais de cete sic methode par Descartes*. Leude: De l'Imprimerie de Ian Maire. p. 17.

⁶ HOBBS, Thomas. 1651. *Leviathan, or, The matter, forme, & power of a comon-welth ecclesiasticall and civil*. London: Andrew Crooke, at the Green Dragon. p. 188-189.

para as mudanças políticas e filosóficas do século XVII e XVIII, utilizada ainda hoje para estudos que vão da política à filosofia.

Na versão inglesa, original, o termo *Culture* é citado ao menos seis vezes, entre as quais, em uma comparação direta entre cultura da terra e a cultura das mentes, em contexto da educação infantil e em referência ao termo *Cultus*, que, segundo o próprio autor, tem, como significado latino, o trabalho da terra e da mente. Termos que em sua versão em Latim, publicada em 1668⁷, seguiu com a mesma grafia, *Cultus*, alterando apenas *Cultura*, que na obra original em inglês escreveu-se *Culture*, todas, palavras com o mesmo sentido.

Nessa mesma obra, o termo *Colere* é citado, pelo menos, treze vezes na versão latina, todas elas no sentido de adorar a Deus e a igreja.

Honra consiste em um pensamento interior e opinião, do poder, bondade de outro: e, portanto, honrar a Deus é pensar tão bem no seu poder e bondade, quanto possível. E os sinais externos dessa opinião que aparecem nas palavras e ações dos homens, são **chamados de culto**; que é uma parte daquilo que os latinos entendem pela palavra **Cultus**: pois **Cultus** significa o sentido próprio e constante, aquele trabalho que um homem dedica a qualquer coisa, com o propósito de obter benefício. Ora, aquelas coisas das quais obtemos benefício ou estão sujeitas a nós, e o lucro surge pelo trabalho aplicado, como um efeito natural; ou eles não estão sujeitos a nós, mas respondem ao nosso trabalho, de acordo com suas próprias vontades. No primeiro sentido, o trabalho concedido à terra é denominado **Cultura**; e a educação das crianças, uma **cultura** de suas mentes. No segundo sentido, onde as vontades dos homens devem ser forjadas para nosso propósito, não pela força, mas pela complacência, isso significa tanto quanto o cortejo, ou seja, a conquista favor através dos bons ofícios; como por exemplo, **louvores**, pelo reconhecimento do seu poder, e por tudo o que lhes agrada, a quem esperamos qualquer

⁷ HOBBS, Thomas. 1668. *Leviathan, Sive, De matéria, forma, & potestate civitatis ecclesiasticae et civilis*. Amsterdam: Joan Blaeu. p. 169.

benefício. E isso é propriamente **Adoração**: no sentido em que publicola, é entendida como aquele que faz **culto** ao povo; e **Cultus Dei**, para a adoração de Deus.⁸ (grifo nosso).

Já no final do século XVIII, em uma das referências sobre a definição do termo cultura mais antiga que foi possível encontrar em obras alemãs, mesmo antes de Alemanha existir como país, foi no Dicionário Crítico Gramatical de Johan Christoph Adelung, *Grammatisch-kritisches Wörterbuch der Hochdeutschen Mundart: mit beständiger Vergleichung der übrigen Mundarten, besonders aber der Oberdeutschen*, de 1793. Na página 1354, Adelung apresenta uma definição de cultura iluminista, no sentido de requinte ou refinamento moral de uma pessoa ou povo:

Cultura é o enobrecimento ou refinamento de todo o poder mental e físico de uma pessoa ou de um povo, de modo que esta palavra inclui tanto a iluminação, o enobrecimento da mente através da liberação de preconceitos, mas também o polimento, o enobrecimento e o refinamento dos costumes.⁹

Esse foi um período em que o interesse pela cultura popular na Alemanha ganhou força, talvez como consequência da união dos reinos germânicos na formação do que hoje é Alemanha e a necessidade de uma identidade nacional, ou ainda, por uma reação ao êxodo rural, provocado pela revolução industrial, com a perda das populações do interior e das comunidades, em direção às grandes cidades, em busca de trabalho nas fábricas. As comunidades culturais perderam seu

⁸ HOBBS, Thomas. 1651. *Leviathan, or, The matter, forme, & power of a comon-welth ecclesiasticall and civil*. London: Andrew Crooke, at the Green Dragon. p. 188-189.

⁹ ADELUNG, Johann Christoph. 1793. *Grammatisch-kritisches Wörterbuch der Hochdeutschen Mundart: mit beständiger Vergleichung der übrigen Mundarten, besonders aber der Oberdeutschen*. Von A - E. 1. Leipzig: Breitkopf und Härtel. p.1354-1355.

sentido e tentaram se encontrar em meio a sociedades que nem sempre as acolhiam.

Ao mesmo tempo, é possível associar a ideia alemã de cultura a uma reação ao iluminismo déspota, à sua ideia de padronização de leis, ordens, regras e pensamento lógico, científico e formal, sobrepondo o costume e as tradições locais e gerando uma busca pela identidade comunitária, o espírito do povo, *Volksgeist*, no contexto do romantismo alemão, e das influências de Johann Gottfried Herder, responsável por termos como próprio *Volksgeist* ou *Volkslieder*.

Na língua alemã, no entanto, existe o termo *gebildet*, próprio para referir-se a alguém educado, “culto”. Talvez por isso é possível identificar maior facilidade na separação entre os significados dos termos cultura e civilização na língua alemã.

Wilhelm Von Humboldt, um filósofo e linguista alemão, que deixou seu nome marcado em várias áreas do conhecimento em todo mundo, fez duas referências interessantes ao termo cultura em 1836, na obra *Über die KawiSprache auf der Insel Java [...]*, um trabalho sobre linguagem na ilha de Java. A primeira delas aparece logo na abertura do livro, onde o autor fala das conexões entre os povos da tribo malaia com tribos de cultura diferentes. Ele utiliza a palavra *Cultur* na versão original em alemão, menção interessante para a época em que o termo cultura não era aplicado aos povos ditos “primitivos”, mas que nos leva a perceber o entendimento claro que os intelectuais alemães tinham do termo já na primeira metade do século XIX.

Os povos da tribo malaia encontram-se, se considerarmos seu domicílio, sua constituição, sua história, mas acima de tudo sua língua, em uma conexão mais

estranha com tribos de culturas diferentes do que qualquer outro povo da terra.¹⁰

Mais adiante, Humboldt faz a comparação entre o significado do termo civilização e cultura, utilizando respectivamente os termos *Civilisation* e *Cultur* na sua versão original em alemão, embora não esteja condizente com a forma como o termo *Cultur* foi utilizado na menção anterior, deixando claro que civilização e cultura não eram entendidos como sinônimo naquele período na Alemanha.

Civilização é a humanização dos povos em suas instituições e costumes externos e na disposição interna a eles relacionada. A cultura acrescenta ciência e arte a esse enobrecimento da condição social. Mas quando dizemos educação em nossa língua, queremos dizer algo mais elevado e mais interno ao mesmo tempo, ou seja, o tipo de sentidos que fluem harmoniosamente do sentimento e o caráter do conhecimento e da alma de todo o esforço espiritual e moral.¹¹

No entanto, o marco principal para uma definição ou conceito antropológico de cultura surgiu apenas em 1871, com o britânico Edward Burnett Tylor. Sua definição foi publicada no início do primeiro capítulo do primeiro volume de sua famosa obra *Primitive Culture: Researches Into The Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom*. E, mesmo utilizando o termo como sinônimo de civilização, Tylor plantou os alicerces do que hoje é o conceito de cultura dentro da Antropologia.

¹⁰ HUMBOLDT. Wilhelm von, 1836. *Über die KawiSprache auf der Insel Java nebst einer Einleitung über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Berlin: Königlichen Akademie der Wissenschaften. p. I.

¹¹ HUMBOLDT. Wilhelm von, 1836. *Über die KawiSprache auf der Insel Java nebst einer Einleitung über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Berlin: Königlichen Akademie der Wissenschaften. p. XXXVII.

A definição foi criada de forma objetiva, embora claramente evolucionista e tem vindo a ser utilizada desde então, tornando-se ainda hoje um dos conceitos mais conhecido por estudantes e pesquisadores da cultura, sobretudo, como base para a criação de outros conceitos ou definições de culturas, e de outros conceitos e termos mais específicos dentro da antropologia na atualidade.

A definição de Tylor foi desenvolvida e inserida na obra como ferramenta essencial para o seu entendimento. Ou seja, a obra não foi criada para que o conceito de cultura de Tylor fosse difundido, mas o conceito de cultura foi desenvolvido e ali inserido como ferramenta para compreensão da totalidade da obra.

‘Cultura’ ou ‘civilização’, em seu amplo sentido ‘etnográfico’, é aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.¹²

No ano seguinte, em 1872, encontrarmos já a definição de cultura de Friedrich Nietzsche, na sua obra *Die Geburt der Tragödie: Unzeitgemässe Betrachtungen, Erstes bis viertes Stück*, definição que apesar de pouco citada pelos teóricos da atualidade, leva-nos a perceber que já havia um entendimento diferente do que viria a ser cultura no sentido antropológico ou moderno, principalmente na sua primeira frase.

Acima de tudo, a cultura é a unidade do estilo artístico em todas as expressões de vida de um povo. Muito conhecimento e o que foi aprendido, no entanto, não é nem um meio necessário de cultura, nem um sinal dela e, se necessário, convive muito bem com os contrastes da

¹² TYLOR, Edward Burnett. 1871. *Primitive Culture: Researches Into The Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom*. V.1. London: Jhon Murray, Albemarle Street. p. 1.

cultura, da barbárie, ou seja, a falta de estilo ou a caótica confusão de todos os estilos.¹³

Já no final do século XIX, mais precisamente em 1890, o filósofo alemão Griedrich Kirchner publicou seu Dicionário de Termos Filosóficos, *Wörterbuch der philosophischen Grundbegriffe*, apresentando um conceito de família, no qual destaca que família é base para toda cultura, assim como costumes e religião. O que nos leva a crer, somado a definições já citadas, que, na Alemanha desse período, já havia um entendimento muito claro da definição ou conceito antropológico ou moderno de cultura.

Família (v. I. *famulus* Diener) é a comunidade de vários indivíduos fundada pela união sexual de homens e mulheres, que se mantém unida não apenas pelos mesmos interesses, mas também por sentimentos e atitudes. A família, principalmente quando baseada na monogamia, é a base de toda cultura, especialmente dos costumes, religião e sociedade. Por meio desses, as influências mais duradouras, boas ou más, são transmitidas à nova geração, involuntariamente, por meio do costume, ou intencionalmente, por meio da educação. A dissolução da vida familiar é, portanto, sempre um prenúncio ou consequência da ruína social geral.¹⁴

É possível perceber que temas contemporâneos que hoje nos levam a debates em relação a gênero e preconceito, naquele período sequer poderiam ser mencionados, sobretudo em uma Alemanha cristã. No entanto, o destaque para a família como base de toda cultura nos deixa claro a forma como cultura já era entendida como algo amplo, comum e já desvinculada do meio intelectual e acadêmico.

¹³ NIETZSCHE, Friedrich. 1872. *Die Geburt der Tragödie: Unzeitgemässe Betrachtungen, Erstes bis viertes Stück*. Leipzig: Druck und Verlag von C. G. Naumann. p. 183

¹⁴ KIRCHNER, Friedrich. 1890. *Wörterbuch der philosophischen Grundbegriffe*. Heidelberg: Georg Weiss, Verlag. p. 127.

Nesse mesmo período, o antropólogo britânico Herbert Spencer, um evolucionista admirador de Darwin, conhecido por sua hipótese sobre “darwinismo social”, publicou o primeiro volume de sua obra *Principles of Ethics*, em 1892, onde dedicou nove páginas especificamente para o significado de cultura, começando pela apresentação de uma definição antropológica mais clara do termo. Embora ainda um pouco distante do conceito antropológico, permite vislumbrar o que viria a ser, nas décadas seguintes, o amadurecimento da antropologia cultural e de seu entendimento sobre cultura.

Em seu sentido mais amplo, cultura significa preparação para uma vida completa. Inclui, em primeiro lugar, todas as disciplinas e todos os conhecimentos necessários ou conducentes à autossustentação e sustentação eficazes da família. E inclui, em segundo lugar, todo o desenvolvimento das faculdades em geral, conforme as habilita a utilizar as várias fontes de prazer que a Natureza e a Humanidade fornecem às mentes receptivas.¹⁵

Poucos anos depois, o filósofo alemão Heinrich Rickert, apresenta seu entendimento sobre o termo cultura, mencionando as mudanças que seu significado sofreu nos anos anteriores. Seu conceito foi publicado em 1896, em sua obra, *Die Grenzen der naturwissenschaftlichen Begriffsbildung: Eine logische Einleitung in die historischen Wissenschaften*, onde traz um entendimento mais amplo sobre o sentido de cultura que viria a se tornar comum ao longo do século XX.

Esta palavra, originalmente usada para designar o cuidado do solo, é hoje usada como um nome comum para todos os bens que devem estar no coração de todos os membros de uma sociedade e cujo cuidado pode ser exigido deles. Os valores culturais são, portanto, os valores sociais normativos gerais, e a oposição entre natureza e cultura, portanto, torna possível usar o conceito objetivo

¹⁵ SPENCER, Herbert. 1892. *Principles of Ethics*, V. 1. New York: Appleton and Company. p. 514.

de história para determinar o caráter puramente lógico do método histórico.¹⁶

Como é possível observar, o século XIX termina com uma definição antropológica de cultura já estruturada, embora ainda muito influenciada pelas ideias iluministas e pela corrente evolucionista e já apresenta uma nítida diferenciação do termo civilização e de seu significado, lançando as bases para a intensa produção antropológica que viria a surgir nas décadas seguintes.

No entanto, é importante mencionar ainda que, apesar do amadurecimento que podemos observar do conceito e significado da palavra cultura em finais do século XIX e início do século XX, é possível encontrar autores que mantiveram até mais tarde a associação entre os termos cultura e civilização. É o caso, por exemplo, de Louis Alfred Kroeber, num dos mais famosos artigos antropológicos publicados nesse período, no qual os termos civilização e cultura são apresentados como sinônimos.

Em *The Superorganic*¹⁷, publicado em 1917, no volume 19 da revista *American Anthropologist*, apesar de utilizar o termo cultura, no primeiro parágrafo para uma contraposição ao que chama de “orgânico” (oposição entre o cultural e o orgânico), Kroeber utiliza o termo *Culture* apenas seis vezes, enquanto *Civilization* é utilizado, ao todo, 51 vezes, fazendo referência ao que não é orgânico no homem, ao que chamamos hoje de cultura. Situação que não observamos nos trabalhos posteriores de Kroeber, que acabou se tornando num dos pesquisadores que mais contribuiu no aprofundamento dos

¹⁶ RICKERT, Heinrich. 1896. *Die Grenzen der naturwissenschaftlichen Begriffsbildung: Eine logische Einleitung in die historischen Wissenschaften*. Freiburg und Leipzig: Akademische Verlagsbuchhandlung von J. C. B. Mohr. p. 577.

¹⁷ KROEBER, Alfred Louis. 1917. *The Superorganic*. *American Anthropologist*, vol. 19 N. 02, p. 163-113.

estudos teóricos sobre cultura na primeira metade do século XX.

2.2 Da Europa ao Culturalismo Americano

Os conceitos e definições de cultura se multiplicam nas primeiras décadas do século XX. Com uma noção mais consistente com o objeto de estudo da antropologia, pesquisadores passaram a buscar formas de explicar aquilo que já conheciam e que autores como Humboldt já tinham expressado na primeira metade do século XIX. No entanto, carregam forte influência do conceito de Tylor e buscam, por vezes, uma forma de diferenciar os humanos dos outros animais não humanos. E embora seja possível encontrar alguma influência do Franz Boas na segunda década do século XX, os conceitos evolucionistas e com ares dos séculos anteriores continuam existindo.

No primeiro volume da revista *Dier Kultur*, publicada na Alemanha em 1902, encontramos um conceito de cultura de Sascha Simchowitz. No caso, Kultur, no texto original:

A cultura é a totalidade de tudo o que a humanidade produz em termos de valores materiais e espirituais. Mas toda comunidade, seja uma única nação ou toda a humanidade, funciona essencialmente inconscientemente.¹⁸

No ano seguinte, o filósofo alemão Leopold Ziegler apresenta sua definição de cultura na obra *Das Wasen der Kultur*. Numa visão mais filosófica, reforça o caráter inconsciente da cultura, mas sem apresentar maiores aspectos da ideia antropológica do termo.

¹⁸ SIMCHOWITZ, Sascha. Kultur und Bildung, p.01-06. *Dier Kultur: Halbmonatsschrift*. N.01. Köln: Verlag Schafstein & Co. 1902. p. 3.

A cultura é a totalidade de todas as relações entre o homem e o espírito-mundo eternamente inconsciente e de existência objetiva, que no homem vem à consciência de sua própria vontade e cuja direção significa o processo de autoliberação do ser divino inconsciente na consciência e existência humanas.¹⁹

Lester Frank Ward, botânico, paleontólogo e sociólogo americano, foi um grande promotor da sociologia nos Estados Unidos e, em 1903, publicou seu tratado sobre a origem do desenvolvimento espontâneo da sociedade, onde apresentou um conceito de cultura dentro de um contexto sociológico da época, diferente de Tylor, mas que também buscou nas teorias da *On The Origin of Species* uma forma de exemplificar o seu entendimento a respeito de cultura, provavelmente com base em seus conhecimentos de botânica e paleontologia.

A fertilização cruzada das culturas está para a sociologia o que a fertilização cruzada de germes está para a biologia. Uma cultura é uma estrutura social, um organismo social, se alguém preferir, as ideias são seus germes. Elas podem ser misturadas ou cruzadas, e o efeito é o mesmo de cruzamento de cepas hereditárias.²⁰

Outro sociólogo americano a abordar o conceito de cultura na época foi Albion Woodbury Small. Um dos principais promotores da sociologia no meio acadêmico americano, apresentou em 1905 uma comparação entre civilização e cultura dentro de um entendimento sociológico, que contribuiu também, de forma precisa com a separação dos dois termos ainda utilizados, algumas vezes, como sinônimos no meio acadêmico.

¹⁹ ZIEGLER, Leopold. 1903. *Das Wesen der Kultur*. Leipzig: Euge Die-drichs Verlag. p. 138.

²⁰ WARD, Lester Frank. 1903. *Pure Sociology: A Treatise on the Origin and Spontaneous Development of Society*. New York: The Macmillan. p. 235.

‘Civilização’ é o resultado positivo, até um determinado momento, do trabalho conjunto dos homens. É a soma e o sistema das realizações do homem, medidos por unidades humanas mais do que unidades físicas. ‘Cultura’, como usamos o termo nesse ponto, é o equipamento total de técnica, mecânica, mental e moral, por meio das quais as pessoas de um determinado período tentam atingir seus fins [...] Em outras palavras, ‘cultura’ consiste nos meios pelos quais os homens promovem seus fins individuais ou sociais.²¹

Uma das contribuições diferenciadas nesta lista é a do filósofo e químico nascido na Letônia, Friedrich Wilhelm Ostwald, considerado o pai da Físico-química e Nobel da Química de 1909. Apresenta duas abordagens publicadas com oito anos de diferenças, respectivamente, em 1907 e em 1915.

A primeira destaca o que difere o homem dos outros animais, no caso, a cultura, enquanto a segunda diz que o estudo da cultura deve se enquadrar nas ciências biológicas, propondo uma divisão da biologia em fisiologia, psicologia e o que chamou de *culturologia*.

[...] aquilo que distingue os homens dos animais é que chamamos de cultura. Em sua interpretação mais comum, consiste no fato de que o homem possui um controle muito mais amplo sobre seu meio ambiente. Em outras palavras, ele sabe como influenciar e guiar os eventos naturais de forma que eles sigam um curso que corresponda as suas necessidades e desejos. Essa capacidade não é ilimitada, mas o progresso da cultura é caracterizado pelo aumento do domínio do homem sobre seu mundo.²²

As ciências biológicas, finalmente, devem ser divididas em fisiologia, psicologia e ‘*culturologia*’ (*kulturologie*), a primeira tem a ver com os fenômenos mais gerais da vida,

²¹ SMALL, Albion Woodbury. 1905. *General Sociology: An Exposition of the Main Development in sociological Theory from Spencer to Ratzenhofer*. Chicago: University of Chicago. p. 344-45.

²² OSTWALD, Friedrich Wilhelm. 1907. The Modern Theory of Energetics. *The Monist*, vol. 17. N. 04. Oxford University Press. p. 481-515. p. 510.

a segunda com aqueles fenômenos especiais chamados processos do espírito ou da mente, e a terceira, finalmente, com os fenômenos biológico-psicológicos que ocorrem exclusiva ou totalmente na espécie mais elevada de seres vivos, o homem. Essas peculiaridades especificamente humanas que diferenciam a raça do *homo sapiens* de todas as outras espécies de animais são compreendidas no nome Cultura; portanto, a ciência das atividades especificamente humanas pode ser mais apropriadamente chamada de culturologia.²³

Em 1916, o antropólogo Clark Wissler apresenta seu primeiro conceito de cultura. Na época, era doutorando de psicologia quando seu departamento, na Universidade de Colúmbia, fundiu-se com o de Franz Boas. Seu conceito apresenta influências das ideias de Tylor, provavelmente, via Franz Boas, que só viria a apresentar um conceito próprio de cultura muito mais tarde, como veremos.

Aqui é possível destacar quatro referências ao termo cultura apresentadas por Wissler. As duas primeiras na sua obra *Psychological and Historical Interpretations for Culture*, de 1916, onde destaca a aquisição de conhecimento pelo aprendizado, uma característica que sabemos hoje não é exclusiva dos humanos.

Os fenômenos culturais são concebidos como incluindo todas as atividades do homem, adquiridas pelo aprendizado. Assim eliminamos, por um lado, as individualidades permanentes dos homens separados e, por outro, quaisquer equipamentos que possam ter tido ao nascer. Os fenômenos culturais podem, portanto, ser definidos como os complexos de atividades adquiridas de grupos humanos.²⁴

²³ OSTWALD, Friedrich Wilhelm. 1915. Principles of the Theory of Education. *Rice Institute Pamphlet* 2, p. 191-221. p. 192.

²⁴ WISSLER, Clark. 1916. Psychological and Historical Interpretations for Culture. *Science*, vol. 43, p. 193-201. p. 195.

O que pensamos é amplamente determinado por nossa cultura, pois, até onde os antropólogos podem ver, uma cultura é um complexo definido de ideias.²⁵

As outras duas referências de Wissler são de 1920 e 1929 respectivamente, extraídas, primeiro, de um artigo publicado no volume 22 da *American Anthropologist*, e depois, da obra *An Introduction to Social Anthropology*.

Na primeira, Clark Wissler apresenta um conceito com base sociológica, da cultura como o conjunto de atividades sociais do grupo. Já em 1929, Wissler, apesar de ainda ter por base os fenômenos sociais, percebemos uma importância no estudo etnográfico para o entendimento da cultura de um grupo, o trabalho de campo, de acompanhamento e observação.

Mais uma vez, o antropólogo tem um problema bilateral no grupo, ele procura compreendê-lo zoologicamente, por um lado, enquanto, por outro, ele lida com a história funcional psíquica do grupo. Ele reconhece nesse último o que chama de cultura do grupo. Por esse termo, ele se refere a todas as atividades sociais no sentido mais amplo, como idioma, casamento, sistema de propriedade, etiqueta, indústrias, arte etc.²⁶

O modo de vida seguido pela comunidade ou pelas tribos é considerado uma cultura. A cultura tribal inclui todos os procedimentos sociais padronizados, como aqueles seguidos no casamento, propriedade, recreação, indústria, arte, trabalho, crença, cerimônias etc. Para compreender a cultura de uma tribo, deve-se seguir todo o ciclo anual da vida tribal, para observar o que os membros da tribo fazem, com quem e como.²⁷

²⁵ WISSLER, Clark. 1916. Psychological and Historical Interpretations for Culture. *Science*, vol. 43, p. 193-201. p.196-197

²⁶ WISSLER, Clark. 1920. Opportunities for Coordination in Anthropological and Psychological Research. *American Anthropologist*, vol. 22, n.1, p. 1-12. p. 3.

²⁷ WISSLER, Clark. 1929. *An Introduction to Social Anthropology*. New York: H. Holt. p. 15-16.

Outro aluno de Boas foi Alfred Louis Kroeber, já citado anteriormente, o primeiro aluno a obter doutorado em antropologia, em 1901, contribuindo de forma intensa nos estudos teóricos sobre o termo cultura e seu entendimento. Kroeber também ajuda a perceber uma consolidação do entendimento antropológico de cultura apresentados ao longo da primeira metade do século XX, contribuindo de forma nítida para a formulação de muitos outros conceitos e definições aqui apresentados.

Em um de seus trabalhos, o artigo *The Superorganic*, publicado em 1917, no volume 19 da revista *American Anthropologist*, sem dúvida alguma, o seu trabalho mais famoso e importante, manteve a junção de cultura com civilização, dando, inclusive, prioridade ao termo civilização que foi mencionado cinquenta e uma vezes em seu artigo, contra apenas seis do termo cultura.

Superorgânico [...]. Em suma, o crescimento de novas espécies de animais ocorre por meio de, e de fato consiste em, mudanças em sua constituição orgânica. No que diz respeito ao crescimento da civilização, por outro lado, o único exemplo citado é suficiente para mostrar que a mudança e o progresso podem ocorrer por meio de uma invenção, sem qualquer alteração constitucional da espécie humana.²⁸

Um outro trabalho publicado por Kroeber, em 1923, com o título *Antropology*, foi considerado o primeiro livro didático para antropologia na sua época, com grande sucesso entre os acadêmicos; foi reeditado em 1948, com uma seleção de capítulos da edição anterior onde foi acrescentado o subtítulo *Race, Language, Culture, Psychology, Prehistory*, e, em 1963, com o subtítulo *Culture Patterns & Processes*, também com uma seleção dos capítulos anteriores. Embora apresentadas aqui nas duas últimas edições, as três referências seguintes foram

²⁸ KROEBER, Alfred Louis. 1917. *The Superorganic*. *American Anthropologist*, vol. 19 N. 02, p. 163-113. p.165.

publicadas em 1923, na sua primeira edição e republicadas nas duas versões posteriores, em 1948 e 1963.

Cultura, então, são todas aquelas coisas sobre o homem que são mais do que apenas biológicas ou orgânicas e que também são mais do que meramente psicológicas. Pressupõe corpos e personalidades, visto que os homens se associam em grupos, e repousam sobre eles; mas a cultura é algo mais do que uma soma de qualidades psicossomáticas pressupõe laços e ações. É mais do que isso porque seus fenômenos não podem ser totalmente compreendidos em termos de biologia e psicologia. Nenhuma dessas ciências afirma ser capaz de explicar por que existem eixos e leis de propriedade e etiquetas e orações no mundo, por que eles funcionam e se perpetuam como o fazem, e muito menos por que essas coisas culturais assumem as formas particulares e altamente variáveis ou expressões sob as quais aparecem. A cultura é, portanto, ao mesmo tempo, a totalidade dos produtos dos homens sociais e uma força tremenda que afeta todos os seres humanos, social e individualmente. E neste sentido especial, mas amplo, a cultura é universal para o homem.²⁹

Agora, a massa de reações motoras, hábitos, técnicas, ideias e valores aprendidos e transmitidos - e o comportamento que eles induzem - é o que constitui a cultura. A cultura é o produto especial e exclusivo do homem, e sua qualidade distintiva é uma força tremenda que afeta todos os seres humanos, social e individualmente.³⁰

[...] cultura pode ser definida como todas atividades e produtos não fisiológicos de personalidades humanas que não são automaticamente reflexos ou instintivos. Isso, por sua vez, significa, na linguagem biológica e psicológica, que a cultura consiste em atividades condicionadas ou aprendidas (mais os resultados fabricados dessas atividades); e a ideia de aprendizagem nos remete novamente ao que é transmitido socialmente, o

²⁹ KROEBER, Alfred Louis. 1948. *Anthropology: Race, Language, Culture, Psychology, Prehistory*. New York: Harcourt, Brace and Company. p. 8 - 9.

³⁰ KROEBER, Alfred Louis. 1948. *Anthropology: Race, Language, Culture, Psychology, Prehistory*. New York: Harcourt, Brace and Company. p. 8.

que é recebido da tradição, o que 'é adquirido pelo homem como membro de uma sociedade'.³¹

Nesse conceito publicado em 1928, na terceira edição da revista *Quarterly Review of Biology*, uma revista dedicada aos aspectos da biologia, Kroeber apresenta de forma mais minuciosa o que entende por cultura. Aprofundando temas já abordados no *Superorganic*, e o que, segundo ele, diferencia o homem dos outros animais.

O que é cultural em tais fenômenos não é o fato de um indivíduo liderar e outro seguir, mas o jogo ou a moda como tal. A pipa, a maneira de manipular o mármore, o corte de uma vestimenta e a inclinação do chapéu, permanecem como fatos culturais depois de esgotadas todas as considerações fisiológicas e psicológicas dos indivíduos envolvidos. De qualquer resíduo institucional de material inteiramente cultural, ainda não há demonstração entre os macacos.³²

Depois de *Superorganic*, talvez a obra mais importante de Kroeber foi *Culture: A Critical Review of Concepts And Definitions*, revisão crítica de cerca de 160 conceitos e definições de cultura, publicado em 1952 em conjunto com Clyde Kluckhohn, antropólogo e teórico social americano, etnógrafo dos navajos e com grandes contributos à antropologia americana.

A obra de Kroeber e Kluckhohn divide os conceitos e definições de cultura em sete grupos distintos, a) enumerativos, b) histórico, c) normativo, d) psicológico, e) estrutural, f) genético e g) definições incompletas. Ao final da lista, Kroeber e Kluckhohn apresentam uma definição de cultura que, mesmo passado meio século das últimas ideias evolucionistas, ainda carrega um pouco do princípio de que cultura consiste em algo aprendido e

³¹ KROEBER, Alfred Louis. 1963. *Anthropology: Culture Patterns & Processes*. New York: Brace & World. p.62.

³² KROEBER, Alfred Louis. 1928. *Sub-Human Culture Beginnings*. *Quarterly Review of Biology*, vol.3, p. 325-342. p. 331.

transmitido, ideia que já havia se esvanecido na primeira metade do século XX.

A cultura consiste em padrões, explícitos e implícitos, de e para comportamento adquirido e transmitido por símbolos, constituindo a realização distinta de grupos humanos, incluindo suas personificações em artefatos; o núcleo essencial da cultura consiste em ideias tradicionais (ou seja, historicamente derivadas e selecionadas) e, especialmente, seus valores associados; os sistemas de cultura podem, por um lado, ser considerados como produtos da ação, por outro, como elementos condicionantes de uma ação posterior.³³

A última referência a respeito de cultura publicada por Kroeber é do artigo *The Nature of Culture: what culture is*, publicado por Margaret Mead em 1960, na obra, *The Gold Age of American Anthropology*. Enquanto a obra estava sendo impressa em outubro de 1960, Kroeber morria em Paris, aos 84 anos.

Os fenômenos culturais, portanto, caracterizam o homem mais especificamente do que suas manifestações sociais o caracterizam, pois, essas últimas ele compartilha com animais vertebrados e invertebrados. [...] Aproximadamente, então, podemos mencionar o que é cultura, dizendo que é aquilo que a espécie humana tem e outras espécies sociais carecem. Isso incluiria discurso, conhecimento, crenças, costumes, artes e tecnologias, ideais e regras. Isso, em resumo, é o que aprendemos com outros homens, com os mais velhos ou com o passado, mais o que podemos acrescentar a isso.³⁴

Um dos sociólogos mais influentes na sociologia americana na primeira metade do século XX foi Charles Ellwood. Preocupado com as questões sociais, Ellwood publicou observações e conceitos de cultura voltados à sociologia, destacando a cultura como elemento

³³ KROEBER, Alfred Louis; KLUCKHOHN, Clyde 1952. *Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions*. Cambridge: Published by The Museum. p. 181.

³⁴ KROEBER, Alfred Louis. 1960. *The Nature of Culture: what culture is*. In: MEAD, Margaret (Ed.). *The Gold Age of American Anthropology*. New York: George Braziller. p. 478.

exclusivamente humano, assim como outros autores, e mantendo uma linha evolucionista da cultura ainda utilizando o termo civilização como sinônimo.

As três citações aqui apresentadas foram publicadas nas edições do *The American Journal of Sociology*, de 1918 e 1927, e expressam ainda a forma como o tema era abordado nas primeiras décadas do século XX, com um conceito ainda em construção, mesmo passados 45 anos do conceito de Tylor.

Em primeiro lugar, a civilização ou 'cultura' é a marca distintiva dos grupos sociais humanos. Todos os grupos humanos o possuem, embora em diferentes graus e qualidades; e, pelo que sabemos, nunca houve grupos humanos, desde o tempo em que a espécie foi formada pelas forças da evolução até agora, sem cultura. O início cultural deve ter sido do tipo mais simples, e será nossa tarefa delinear, se possível, uma teoria científica de sua origem e desenvolvimento. Por outro lado, não conhecemos nenhum grupo sub-humano que possua cultura.³⁵

Finalmente, a reflexão sobre a organização e controle do grupo levou ao governo organizado. Agora, essas coisas - linguagem, indústria, ciência, arte, moralidade, religião, governo, em resumo todas as instituições e realizações humanas - constituem a soma e a substância da cultura humana. Nenhum deles, no sentido apropriado, é encontrado nos grupos de animais abaixo do homem, até onde sabemos; mas essas são as coisas dominantes nos grupos humanos.³⁶

Devemos concluir, portanto, que a cultura é o processo pelo qual o elemento espiritual no homem está gradualmente transformando não apenas o meio material, mas o próprio homem. É verdadeiramente um processo de construção de um mundo humano a partir dos materiais fornecidos pela natureza física, por um lado, e pela

³⁵ ELLWOOD, Charles A. 1918. Theories of Cultural Evolution. *The American Journal of Sociology*. V. 23. Chicago: The University of Chicago Press. p.779-800. p. 780.

³⁶ ELLWOOD, Charles A. 1918. Theories of Cultural Evolution. *The American Journal of Sociology*. V. 23. Chicago: The University of Chicago Press. p.779-800. p. 782.

natureza humana tal como moldada pela evolução orgânica, por outro.³⁷

2.3 Século XX e a Consolidação da Ideia de Cultura

Na década de 1920, já podemos encontrar uma forte influência de Franz Boas na antropologia americana e nos conceitos de cultura da época. Influência observada nos trabalhos de seus alunos, como já percebemos com Clark Wissler e Alfred Kroeber, e muitos outros que serão apresentados a seguir. Embora tenha influenciado toda antropologia ocidental, Boas só apresentou um conceito de cultura mais tarde, no final de sua carreira.

Foi intensamente crítico em relação à corrente evolucionista; no entanto, transmitiu forte influência do conceito apresentado por Tylor, o que percebemos em parte dos trabalhos de seus alunos ao longo dessa primeira metade do século XX, sobretudo nas suas ideias de relativismo cultural, combatendo o racismo e a crença num condicionismo biológico.

Edward Sapir foi mais um desses alunos de Boas. Antropólogo e linguista alemão, fez sua carreira nos Estados Unidos da América, recebendo forte influência de Franz Boas. Como seu aluno, publicou obras diversificadas, mas sempre com base na linguística. Acreditava que a forma como os indivíduos pensavam era influenciada pela linguagem, como podemos ver em alguns de seus conceitos aqui apresentados, respectivamente nos anos 1921, em *Language: An Introduction to the Study of Speech*, 1924, no artigo *Culture, Genuine and Spurious*, publicado no volume 29 do *The American Journal of*

³⁷ ELLWOOD, Charles A. 1927. Primitive Concepts and the Origin of Culture Patterns. *American Journal of Sociology*, vol. 33, p. 1-13. p. 13.

Sociology e, em 1932, na obra *Culture, Language, and Personality*.

Mais uma vez, a linguagem não existe além da cultura, isto é, da assembleia socialmente herdada de práticas e crenças que determina a textura de nossas vidas. Os antropólogos têm o hábito de estudar o homem sob as três rubricas de raça, linguagem e cultura.³⁸

A cultura pode ser definida como o que uma sociedade faz e pensa. A linguagem é um modo particular de pensamento. É difícil ver quais as relações causais específicas podem subsistir entre um inventário selecionado de experiência (cultura, uma seleção significativa feita pela sociedade) e a maneira particular pela qual a sociedade expressa toda a experiência.³⁹

A palavra 'cultura' parece ser usada em três sentidos ou grupos de sentidos principais. Em primeiro lugar, cultura é tecnologia usada pelo etnólogo e historiador da cultura para incorporar qualquer elemento socialmente herdado na vida do homem, material e espiritual. A cultura assim definida coincide com o próprio homem, pois mesmo os selvagens mais humildes vivem em um mundo social caracterizado por uma rede complexa de hábitos, usos e atitudes tradicionalmente conservados.⁴⁰

A chamada cultura de um grupo de seres humanos, como é normalmente tratada pelo antropólogo cultural, é essencialmente uma lista sistemática de todos os padrões de comportamento herdados socialmente que podem ser ilustrados no comportamento real de todos ou da maioria dos indivíduos do grupo.⁴¹

Um outro antropólogo, o americano Roland Borage Dixon, estudou em Harvard, onde fez sua graduação

³⁸ SAPIR, Edward. 1921. *Language: An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt, Brace and Company. p.221.

³⁹ SAPIR, Edward. 1921. *Language: An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt, Brace and Company. p. 233.

⁴⁰ SAPIR, Edward. 1924. Culture, Genuine and Spurious. *The American Journal of Sociology*. V. 29. Chicago: The University of Chicago Press. p.402-429. p.402.

⁴¹ SAPIR, Edward. 1932. Cultural Anthropology and Psychiatry. *Culture, Language, and Personality*, London: University of California Press. p. 140-163. p.151.

e doutorado, e onde mais tarde foi professor. Após estudar linguística e etnologia com Franz Boas, com quem trabalhou como membro da *Jesup North Pacific Expedition*, uma grande expedição antropológica para a Sibéria, Alasca e a costa noroeste do Canadá, que resultou em artigos publicados, já com alguma influência da nova visão de Franz Boas em relação à cultura.

Em sua obra *The Building of Cultures*, publicada em 1928, ele apresentou uma definição de cultura dividida em três categorias, físico, social e religioso, dando ênfase à cultura material e diferenciando de civilização.

A cultura de qualquer povo compreende a soma de todas as suas atividades, costumes e crenças. Estes se enquadram naturalmente em três categorias principais - o físico, o social e o religioso. O punho desses - dos quais o antropólogo costuma falar como constituintes da cultura material, uma vez que trata principalmente de coisas materiais - inclui fatores como alimentos, roupas, moradias, implementos, artes e indústrias. [...] O termo cultura passou a ser utilizado por antropólogos, sociólogos e outros como uma designação para a totalidade dos produtos e atividades de um povo, ordem social e religiosa, costumes e crenças que, no caso dos mais avançados, estamos acostumados a chamar sua civilização.⁴²

Arqueólogo britânico, John Linton Myres foi professor de Oxford, presidente da *The Folklore Society*, uma associação nacional do Reino Unido para o estudo do Folclore e da *Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*. Publicou várias obras sobre suas escavações em Chipre e sobre antropologia. Na sua obra *Political Ideas of the Greeks: With Especial Reference to Early Notions about Law, Authority, and Natural Order in Relation to Human Ordinance*, apresentou um conceito de cultura mais ligado à origem da palavra, do cultivo, não no

⁴² DIXON, Roland Burrage. 1928. *The Building of Cultures*. New York: Charles Scribner's Sons. p. 3.

próprio homem, mas como resultado da ação humana, o que o homem produz.

Pois 'cultura' não é apenas um estado ou condição, mas um processo; como na agricultura ou horticultura, não nos referimos a condição da terra, mas todo o ano do agricultor, e tudo o que ele faz nele; 'cultura', então, é o que resta do passado dos homens, trabalhando em seu presente, para moldar seu futuro.⁴³

Antropóloga americana, Ruth Benedict frequentou todo seu ensino superior na Universidade de Colúmbia, onde conheceu Franz Boas, seu professor e orientador, e onde manteve contato com vários outros antropólogos importantes da época.

Publicou várias obras, a mais famosa delas talvez seja *The Chrysanthemum and the Sword: Patterns of Japanese Culture*⁴⁴, resultado de um estudo sobre a cultura japonesa, no contexto dos esforços de guerra americano para entender a cultura japonesa, publicado em 1946. Nesse contexto, é atribuída a ela a recomendação para que o palácio imperial japonês, assim como o próprio imperador, se mantivesse intactos, como símbolo do poder até o final da guerra.

As três referências à cultura aqui apresentadas respectivamente nas obras *The Science of Custom: The Bearing of Anthropology on Contemporary Thought*, de 1929, *Patterns of Culture*, de 1934 e *Race, Science and Politics*, de 1945, apesar dos anos de diferenças entre elas, apresentam claramente a influência que teve do conceito de Tylor, provavelmente transmitidos através de Boas ao longo de sua carreira acadêmica.

Essa questão de cultura, para dar-lhe seu termo antropológico - aquele todo complexo que inclui todos os

⁴³ MYRES, John Linton. 1927. *Political Ideas of the Greeks: With Especial Reference to Early Notions about Law, Authority, and Natural Order in Relation to Human Ordinance*. New York: Abingdon Press. p. 16.

⁴⁴ BENELECT, Ruth. 1946. *The Chrysanthemum and the Sword: Patterns of Japanese Culture*. Boston: Houghton Mifflin Company.

hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade - demorou a reivindicar atenção científica.⁴⁵

O que realmente une os homens é sua cultura, as ideias e os padrões que eles têm em comum.⁴⁶

Pois cultura é o termo sociológico para o comportamento aprendido: comportamento que no homem não é dado no nascimento, que não é determinado por suas células germinativas como é o comportamento das vespas ou das formigas sociais, mas deve ser aprendido de novo com os adultos a cada nova geração.⁴⁷

2.4 As Influências de Franz Boas e Malinowski

Nas décadas de 1930 e 40, encontramos já uma influência consolidada das ideias de Franz Boas na antropologia mundial, principalmente nos Estados Unidos da América, ideias e métodos também difundidos por Bronislaw Malinowski, na Inglaterra, e que podem ser encontradas em vários dos conceitos e definições de cultura publicados nesse período.

De todos os antropólogos que tiveram um papel de destaque no século XX, Franz Uri Boas, sem margem para dúvida, foi o grande expoente da antropologia americana e mundial. Nascido na Alemanha e naturalizado americano, foi professor da Universidade de Columbia e diretor do departamento de antropologia, desenvolvendo o primeiro doutorado em Antropologia dos Estados Unidos da América, através do qual iria influenciar muitos dos principais nomes da antropologia americana do século XX.

⁴⁵ BENEDICT, Ruth. 1929. *The Science of Custom: The Bearing of Anthropology on Contemporary Thought*. Century Magazine. 1929. In Calverton V. F., (Ed), 1931. *The Making of Man: An Outline of Anthropology*. p. 805-817. New York: The Modern Library. p.806.

⁴⁶ BENEDICT, Ruth. 1934. *Patterns of Culture*. Boston: Houghton Mifflin. p. 16.

⁴⁷ BENEDICT, Ruth. 1945. *Race, Science and Politics*. New York: Viking Press. p. 13.

De origem judaica, Franz Boas era formado em física e geografia, e foi durante uma permanência na ilha Baffin, norte do Canadá, onde realizou um levantamento cartográfico, que se iniciou em antropologia com o estudo dos povos Inuítes, o que lhe abriu portas para a nova ciência ao conviver com os povos locais.

Percebeu que era preciso conviver com os povos estudados para poder entendê-los, muito para além dos estudos teóricos dos primeiros antropólogos, numa ciência que ainda dava seus primeiros passos na academia naquela época, década de 1890.

Através do convívio com os Inuítes, compreendeu que apesar das diferenças, esses povos não eram culturalmente inferiores aos europeus, contrariando as ideias evolucionistas existentes, das quais tornou-se um importante crítico. Em poucos anos, já era referência nos estudos antropológicos nos Estados Unidos, apontando falhas nas ideias evolucionistas e combatendo o racismo que tais ideias fomentavam.

Antes do final do século XIX, tornou-se curador do Museu de História Natural e, anos mais tarde, em 1899, professor de antropologia da Universidade de Columbia, onde criou e dirigiu o Departamento de Antropologia daquela instituição, o que permitiu que suas ideias exercessem forte influência em muitos dos principais antropólogos da época, na maioria, seus alunos ou orientandos. Nomes como Ruth Benedict, Margareth Mead, Claude Lévi-Strauss, Gilberto Freyre⁴⁸, Alexander Goldenweiser, Roland Burrage Dixon, Edward Sapir, Clark Wissler, Robert Harry Lowie, entre muitos outros.

Desenvolveu trabalhos ao longo de toda sua vida com publicações e dirigindo periódicos especializados. No entanto, só veio a publicar um conceito de cultura aos 72

⁴⁸ Gilberto Freyre obteve o Master of Arts pela Universidade de Colúmbia, e embora não tenha sido orientado por Franz Boas, assistia às suas aulas e seguia suas palestras, mantendo contato com Boas.

anos, através de um verbete que ocupou 37 páginas da *Encyclopedia of the Social Sciences*.

Cultura. A cultura abrange todas as manifestações dos hábitos sociais de uma comunidade, as reações do indivíduo conforme afetado pelos hábitos do grupo em que vive e os produtos das atividades humanas determinados por esses hábitos. Devido à heterogeneidade dos hábitos de vida, costuma-se descrever a cultura sob vários pontos de vista distintos: a adaptação do homem à natureza circundante; as relações mútuas dos membros individuais de uma sociedade; e o comportamento subjetivo do homem. A adaptação à natureza inclui a utilização de produtos naturais para fins de nutrição e de abrigo, bem como para fins menos imediatos. As relações entre os indivíduos incluem a vida sexual e as formas de conduta social; o comportamento subjetivo se manifesta na arte, religião, ética e ciência. Esses vários aspectos da vida cultural estão inter-relacionados e sua separação completa em uma descrição sistemática dá uma impressão distorcida do caráter da cultura. No entanto, uma descrição completa não pode ser dada sem considerar cada aspecto da cultura separadamente. [...] é até duvidoso que o comportamento puramente subjetivo, culturalmente determinado, esteja totalmente ausente entre os animais. Os hábitos do pássaro caramanchão sugerem um prazer na forma. Os macacos parecem gostar de ornamentos e movimentos rítmicos. Os animais domesticados distinguem os atos proibidos dos permitidos. Não existe uma lacuna absoluta entre muitos dos aspectos da cultura humana e os hábitos de vida dos animais.⁴⁹

A segunda citação de Boas aqui apresentada é de 1938, extraída da obra *The Mind of Primitive Man*, uma obra publicada inicialmente em 1911, mas que recebeu revisões e ampliações nas edições seguintes, apresentando um conceito sucinto de cultura apenas na edição aqui citada, de 1938.

No que foi um dos principais trabalhos de Boas, ele desconstrói as teorias vigentes no século XIX, em relação à raça e ao evolucionismo cultural, instaurando o

⁴⁹ BOAS, Franz. 1930. *Anthropology. Encyclopedia of the Social Sciences*, vol. 2, New York: Macmillan Company. p. 73-110. p. 79.

relativismo como base dos estudos antropológicos, indo além de seu tempo, ao declarar que as características enumeradas para descrever cultura não são exclusivas dos homens, sendo encontradas também em outros animais não humanos.

Cultura pode ser definida como a totalidade das reações e atividades mentais e físicas que caracterizam o comportamento dos indivíduos que compõem um grupo social coletiva e individualmente em relação ao seu ambiente natural, a outros grupos, aos membros do próprio grupo e de cada indivíduo para ele mesmo. Também inclui os Produtos dessas atividades e seu papel na vida dos grupos. A mera enumeração desses vários aspectos da vida, entretanto, não constitui cultura. É mais, pois seus elementos não são independentes, eles têm uma estrutura. As atividades aqui enumeradas não são de forma alguma propriedade exclusiva do homem, pois a vida dos animais também é regulada por suas relações com a natureza, com outros animais e pela inter-relação dos indivíduos que compõem a mesma espécie ou grupo social.⁵⁰

Considerado um dos pais da antropologia moderna, ao lado de Franz Boas, o antropólogo polonês Bronislaw Kasper Malinowski também foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho de campo para o conhecimento e o estudo das culturas de povos distantes (da Europa). Boas, com estudo sobre os Inuítes da ilha de Baffin, e Malinowski, com estudo sobre os habitantes das ilhas Mailu, em 1914, e Trobriand, em 1915, embora o último tenha nascido no mesmo ano em que Boas realizava seus primeiros estudos na ilha de Baffin.

Aluno de Émile Durkheim, era crítico assíduo do evolucionismo cultural vigente em sua época, conseguiu mostrar, através de suas pesquisas, que os povos estudados não eram “incoerentes”, como afirmavam outros

⁵⁰ BOAS, Franz. 1938. *The Mind of Primitive Man*. London: Macmillan and Co., Ltd. p. 159.

pesquisadores, observando esses povos através das lentes do relativismo cultural.

Eram culturas repletas de significados, portanto, de lógicas e razões que só eles mesmos poderiam entender. Seus trabalhos seguem como exemplos de pesquisa de campo, utilizados ainda hoje pelos antropólogos que desejam realizar suas etnografias com métodos fiáveis.

Sobre o conceito de cultura, são destacadas quatro citações extraídas de dois trabalhos de Malinowski, um de 1931, e outro de 1944. O primeiro, um verbete para o volume 4 da *Encyclopedia of the Social Sciences*, onde exemplifica, em 25 páginas, as questões culturais que defendia em oposição ao evolucionismo. Nele, Malinowski apresenta um exemplo do que Descartes já havia mencionado, em 1837, sobre os contextos em que os jovens membros de uma sociedade são criados e educados.

Mas o homem também varia em um aspecto totalmente diferente. Um infante negro de sangue puro, transportado para a França e criado lá, seria profundamente diferente do que teria sido se fosse criado na selva de sua terra natal. Ele teria recebido uma herança social diferente: uma linguagem diferente, hábitos, ideias e crenças diferentes; ele teria sido incorporado a uma organização social e ambiente cultural diferentes. Essa herança social é o conceito-chave da antropologia cultural, o outro ramo do estudo comparativo do homem. Geralmente é chamado de cultura na antropologia moderna e nas ciências sociais. A palavra cultura é às vezes usada como sinônimo de civilização, mas é melhor usar os dois termos distintamente, reservando civilização para um aspecto especial de culturas mais avançadas. A cultura compreende artefatos, bens, processos técnicos, ideias, hábitos e valores herdados. A organização social não pode ser realmente entendida, exceto como parte da cultura; e todas as linhas especiais de investigação referentes às atividades humanas, agrupamentos humanos e ideias e *beliefs*

humanos podem se encontrar e se tornarem fecundadas no estudo comparativo de culturas.⁵¹

As seguintes três referências foram extraídas do segundo trabalho mencionado, a obra *A Scientific Theory of Culture and Other Essays*, publicado em 1944, onde são reunidos alguns ensaios sobre temas relacionados à cultura e à antropologia.

No início, será bom ter uma visão panorâmica da cultura, em suas várias manifestações. Obviamente, é o todo integral que consiste em implementos e bens de consumo, em cartas constitucionais para os vários grupos sociais, em ideias e ofícios humanos, crenças e costumes. Quer consideremos uma cultura muito simples ou primitiva ou extremamente complexa e desenvolvida, somos confrontados por um vasto aparato, em parte material, em parte humano e em parte espiritual, com o qual o homem é capaz de lutar contra os problemas concretos e específicos que ele enfrenta. Esses problemas surgem do fato de que o homem tem um Corpo sujeito a várias necessidades orgânicas, e que vive em um ambiente que é seu melhor amigo, na medida em que fornece a matéria-prima da obra do homem, e, também, seu perigoso inimigo, uma vez que abriga muitas forças hostis.⁵²

Nossos dois tipos de análise, funcional e institucional, nos permitirão definir a cultura de forma mais concreta, precisa e exaustiva. A cultura é uma parte integrante composta de instituições parcialmente autônomas e parcialmente coordenadas. Está integrado em uma série de princípios como a comunidade de sangue por meio da procriação; a contiguidade no espaço relacionada à cooperação; a especialização em atividades; e por último, mas não menos importante, o uso do poder na organização política. Cada cultura deve sua completude e autossuficiência ao fato de satisfazer toda a gama de necessidades básicas, instrumentais e integrativas. Sugerir, portanto, como foi feito recentemente, que cada

⁵¹ MALINOWSKI, Bronislaw. 1931. Culture. In: *Encyclopedia of the Social Sciences*, vol. 4, p. 621-646. New York: The Macmillan Company. p.621.

⁵² MALINOWSKI, Bronislaw. 1944. *A Scientific Theory of Culture and Other Essays*. Chapel Hill, North Carolina: University of North Carolina Press. p. 36.

cultura cobre apenas um pequeno segmento de sua bússola potencial é, pelo menos em um sentido, radicalmente errado.⁵³

Aqui, eu gostaria de sugerir que devemos nos posicionar em dois axiomas: em primeiro lugar, que toda cultura deve satisfazer o sistema biológico de necessidades, tais como aquelas ditadas pelo metabolismo, reprodução, as condições fisiológicas de temperatura, proteção contra umidade, vento, e o impacto direto das forças prejudiciais do clima e do tempo, a segurança de seres humanos ou animais perigosos, o relaxamento ocasional, o exercício do sistema nervoso e muscular em movimento e a regulação do crescimento. O segundo axioma na ciência da cultura é que toda conquista cultural que implique o uso de artefatos e simbolismo é um aprimoramento instrumental da anatomia humana e se refere direta ou indiretamente à satisfação de uma necessidade corporal.⁵⁴

Nascido na Áustria, Roberto Harry Lowie mudou para os Estados Unidos da América com 10 anos de idade. Mais tarde ingressou como estudante de química na universidade de Colúmbia, mas logo passou para antropologia sob tutela de Franz Boas e foi fundamental para o desenvolvimento da antropologia moderna nos Estados Unidos da América.

Em 1934, publicou a obra *An Introduction to Cultural Anthropology*, onde apresentou um conceito de cultura muito influenciado por Tylor. Três anos depois publicou sua segunda definição na obra *The History of Ethnological Theory*, de 1937.

No sentido científico, ‘cultura’ não significa refinamento incomum ou educação, mas toda a tradição social. Inclui, como disse o grande antropólogo Tylor, ‘capacidades e

⁵³ MALINOWSKI, Bronislaw. 1944. *A Scientific Theory of Culture and Other Essays*. Chapel Hill, North Carolina: University of North Carolina Press. p. 40.

⁵⁴ MALINOWSKI, Bronislaw. 1944. *A Scientific Theory of Culture and Other Essays*. Chapel Hill, North Carolina: University of North Carolina Press. p. 171.

hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade'. A cultura inclui todas essas capacidades e hábitos, em contraste com os inúmeros traços adquiridos de outra forma, nomeadamente pela hereditariedade biológica.⁵⁵

Por cultura, entendemos a soma total do que um indivíduo adquire de sua sociedade - aquelas crenças, costumes, normas artísticas, hábitos alimentares e ofícios que chegam a ele não por sua própria atividade criativa, mas como um legado do passado, veiculado pela educação formal ou informal.⁵⁶

Otto Klineberg foi um psicólogo canadense, professor de psicologia social na Universidade de Colúmbia e na Universidade de Paris. Entre seus trabalhos, destaca-se uma pesquisa sobre a inteligência de estudantes brancos e negros nos Estados Unidos da América, auxiliando de forma científica no combate à segregação racial escolar. Da sua publicação *Race Differences*, de 1934, é possível destacar um conceito de cultura, que, apesar de fazer referência a Tylor, apresenta a ideia popular de cultura em comparação à noção científica e relativista do termo.

O termo cultura foi definido de muitas maneiras; em sua conotação popular e literária, por exemplo, sugere uma forma de comportamento que mostra alto grau de cultivo ou definição. Da forma como é usado aqui, é inteiramente livre de qualquer julgamento de valor e se aplica a todo o 'modo de vida' que é determinado pelo ambiente social. Para parafrasear Tylor, inclui todas as capacidades e hábitos adquiridos por um indivíduo como membro de uma determinada sociedade. Nesse sentido, podemos falar tão corretamente da cultura de um simples esquimó quanto da cultura do europeu mais educado; nesse sentido,

⁵⁵ LOWIE, Robert Harry. 1934. *An Introduction to Cultural Anthropology*. New York: Farrar & Rinehart incorporated. p. 3.

⁵⁶ LOWIE, Robert Harry. 1937. *The History of Ethnological Theory*. New York: George G. Harrap & Company. p. 3.

também as universidades e os clubes noturnos são igualmente aspectos da cultura americana.⁵⁷

Outro psicólogo a apresentar um conceito de cultura foi o americano Carl Jhon Warden. Ele atuou por 32 anos na Universidade de Colúmbia, sendo considerado um dos primeiros e mais importantes psicólogos comparativos da América. Trabalhava também com animais, testando conhecimento dos mesmos e buscando entender a capacidade de seus “objetos de estudo”.

Sua obra *The Emergence of Human Culture*, publicada em 1936, é um trabalho de psicologia social onde apresenta um conceito de cultura no qual faz referência ao “superorgânico”, destacando três aspectos, ou mecanismos, como base da cultura; a invenção, a comunicação e a habituação social, como é possível verificar na referência a seguir.

Aqueles padrões de vida em grupo que existem apenas em virtude da operação do mecanismo triplo - invenção, comunicação e habituação social - pertencem à ordem cultural. A ordem cultural é superorgânica e possui seus próprios modos de operação e seus próprios tipos de padronização. Não pode ser reduzido a mecanismos corporais ou ao complexo biossocial sobre o qual repousa. A concepção da cultura como um tipo único de organização social parece mais facilmente explicável em termos de doutrina atual emergente da evolução.⁵⁸

Respeitado antropólogo americano, Ralph Linton, embora tenha sido aluno de Boas, não estabeleceu uma boa relação com ele, sobretudo por diferenças ideológicas, uma vez que Boas era pacifista e não admirava nacionalismos, diferente de Linton. Provavelmente por isso, não encontramos muitas semelhanças dos

⁵⁷ KLINEBERG, Otto. 1935. *Race Differences*. New York: Harper and Brothers Publishers. p.255.

⁵⁸ WARDEN, Carl John. 1936. *The Emergence of Human Culture*. New York: Macmillan p. 22-23.

conceitos de cultura aqui apresentados com aquele de Tylor, que influenciou muitos dos alunos de Boas.

Das seis referências aqui apresentadas com base nas obras de Linton, cinco delas são extraídas de uma única obra, *The Study of Man: An introduction*, publicada em New York, em 1936. Dessas, merece destaque a quarta referência apresentada, retirada da página 30 da obra, e que chama a atenção para o significado popular do termo em comparação ao seu significado dentro das ciências sociais e humanas.

A sexta referência foi extraída do artigo *Present World Conditions in Cultural Perspective*, publicado no trabalho *The Science of Man in the World Crisis*, editado por Linton, em 1946.

[...] a soma total de ideias, respostas emocionais condicionadas e padrões de comportamento habitual que os membros dessa sociedade adquiriram por meio de instrução ou imitação e que compartilham em maior ou menor grau.⁵⁹

Nenhum termo especial foi cunhado até agora para a hereditariedade social dos animais. Nos seres humanos, a hereditariedade social é chamada de Cultura. O termo é usado em um duplo sentido. Como um termo geral, cultura significa a hereditariedade social total da humanidade. Enquanto como um termo específico uma cultura significa uma linha particular de hereditariedade social.⁶⁰

Sociedades são grupos organizados de indivíduos e a cultura, em última análise, nada mais é do que respostas organizadas e repetitivas dos membros de uma sociedade.⁶¹

O termo cultura, como é empregado em estudos científicos, não carrega nenhuma das conotações de avaliação

⁵⁹ LINTON, Ralph. 1936. *The Study of Man: An introduction*. New York: D. Appleton-Century Co. p. 288.

⁶⁰ LINTON, Ralph. 1936. *The Study of Man: An introduction*. New York: D. Appleton-Century Co. p.78.

⁶¹ LINTON, Ralph. 1945. *The Cultural Background of Personality*. New York: D. Appleton-Century Co. p. 5.

que lhe são atribuídas no uso popular. Refere-se ao modo de vida total de qualquer sociedade, não apenas às partes desse modo que a sociedade considera mais elevadas ou mais desejáveis. Assim, a cultura, quando aplicada ao nosso próprio modo de vida, não tem nada a ver com tocar piano ou ler Browning. Para o cientista social, tais atividades são simplesmente elementos da totalidade de nossa cultura. Essa totalidade inclui também atividades mundanas como lavar louça ou dirigir um automóvel, e para fins de estudos culturais elas se equiparam às 'coisas boas da vida'. Segue-se que para o cientista social não existem sociedades incultas ou mesmo indivíduos. Toda sociedade tem uma cultura, por mais simples que seja essa cultura, e todo ser humano é culto, no sentido de participar de uma cultura ou outra.⁶²

Aqui estão muitas definições possíveis de uma cultura, cada uma das quais é útil em conexão com investigações de um tipo particular. [...] Eu irei arriscar a seguinte definição: A cultura é a configuração do comportamento aprendido e os resultados do comportamento cujos elementos componentes são compartilhados e transmitidos pelos membros de uma determinada sociedade.⁶³

A cultura de uma sociedade é o modo de vida de seus membros; a coleção de ideias e hábitos que aprendem, compartilham e transmitem de geração em geração. A cultura fornece aos membros de cada nova geração respostas eficazes e prontas para a maioria dos problemas com os quais provavelmente serão confrontados. Esses problemas, por sua vez, decorrem da necessidade de indivíduos vivendo como membros de grupos organizados.⁶⁴

Albert Blumenthal, sociólogo da escola de Chicago, foi considerado por muitos como um dos primeiros a utilizar a observação participante nos Estados Unidos da América; ficou conhecido também por seus trabalhos

⁶² LINTON, Ralph. 1945. *The Cultural Background of Personality*. New York: D. Appleton-Century Co. p. 30.

⁶³ LINTON, Ralph. 1945. *The Cultural Background of Personality*. New York: D. Appleton-Century Co. p. 32.

⁶⁴ LINTON, Ralph. 1945. Present World Conditions in Cultural Perspective. In: LINTON, Ralph (ed). *The Science of Man in the World Crisis*, p. 201-21. New York: Columbia University Press. p. 203.

teóricos sobre metodologia e sobre seu conceito de cultura, como é possível ver nos dois trabalhos aqui referenciados: *The Best Definition of Culture*, publicado em 1937, e *A New Definition of Culture*, publicado em 1940.

O segundo, um artigo publicado no volume 42 da *American Anthropologist*, um pouco complexo, apresenta uma nova abordagem sobre o conceito de cultura, reconhecendo como ferramenta fundamental para as ciências humanas, apontando falhas nas definições até então apresentadas, fazendo uma defesa de sua proposta e explicando cada conceito que envolveu a sua “nova definição de cultura”.

A cultura inclui mais do que isso, pois inclui ideias culturais uma vez residentes em mentes culturais e, em uma data posterior, não residentes em tais mentes, mas verificáveis por elas a partir de símbolos materiais. A cultura perdida consiste em todas as partes da cultura que não estão nas mentes culturais nem são verificáveis.⁶⁵

A cultura é o fluxo mundial de ideias culturais desde o primeiro no cosmos até o grande corpo delas no presente - a coisa toda considerada como um agregado, mais todas as relações funcionais que essas ideias têm umas com as outras na mesma mente cultural e com aquelas em outras mentes culturais, mais todos os fenômenos além de ideias culturais, na medida em que tais fenômenos foram afetados de forma identificável por ideias culturais, além de todas as relações entre ideias culturais e fenômenos além de ideias culturais, quando esses fenômenos anteriores foram afetados de forma identificável por eles mais todas as relações entre ideias culturais e fenômenos à parte delas, que não foram afetados de maneira identificável por tais ideias.⁶⁶

Antropóloga americana, Margaret Mead iniciou seus estudos em psicologia, optando por Antropologia na

⁶⁵ BLUMENTHAL, Albert. 1937. *The Best Definition of Culture*. Ohio: Marietta College Press. 13

⁶⁶ BLUMENTHAL, Albert. 1940. *A New Definition of Culture*, p. 577-578. *American Anthropologist*. V. 42. n. 04. p. 571-586.

Universidade de Colúmbia em 1923, mesmo período em que o Franz Boas dirigia o departamento de antropologia daquela universidade. Realizou vários trabalhos de campo na Polinésia e Indonésia, desenvolvendo diversas teorias sobre relações entre culturas, sexo e relações de gênero. Em 1937, publicou a obra *Cooperation and Competition among Primitive Peoples* onde enunciou uma definição de cultura com nítida influência da definição de Tylor.

Cultura significa cultura humana, todo o complexo de comportamento tradicional que foi desenvolvido pela raça humana e é aprendido sucessivamente por cada geração. Uma cultura é menos precisa. Pode significar as formas de comportamento tradicionais que são características de uma determinada sociedade, ou de um grupo de sociedades, ou de uma certa raça, ou de uma determinada área, ou de um determinado período de tempo. Então é possível falar de cultura Zuni, pelo que queremos dizer a cultura que é partilhada por todos os membros da sociedade Zuni.⁶⁷

2.5 Do Culturalismo ao Neoevolucionismo

A década de 1940, período profundamente marcado pela Segunda Guerra Mundial, provocou também algum revisionismo nas ciências sociais e em outras formas de pensamento, seja por uma análise dos acontecimentos presenciados durante a guerra ou mesmo por certos preconceitos em relação à origem de ideias de alguns pesquisadores nascidos em território “inimigo” ou com pensamentos antibélicos.

Nesse período, ainda encontramos a influência de Boas em seus ex-alunos e nos conceitos de cultura produzidos por eles, mas também observamos a volta de teorias já ultrapassadas e que buscaram um

⁶⁷ MEAD, Margaret. 1937. *Cooperation and Competition among Primitive Peoples*. New York: McGraw-Hill Book Company. p. 17-18.

“revisão” capaz de influenciar pesquisadores de todo mundo.

Leslie Alvin White talvez seja um exemplo interessante do que acabo de mencionar. Antropólogo americano, preconizava o que chamavam de *culturologia*, já mencionada pelo filósofo e químico, nascido na Letônia, Friedrich Wilhelm Ostwald, em 1915. Mas também inseriu o que passou a ser chamado de neoevolucionismo, através da seleção de fatores do antigo evolucionismo e que acabou por ter considerável aceitação nas décadas seguintes.

Leslie formou-se em psicologia na Universidade de Colúmbia, onde também obteve mestrado em 1924. Mais tarde, com doutorado em sociologia/antropologia, passou a dedicar-se mais ao tema, inclusive, realizando trabalhos de campo e influenciando uma série de outros antropólogos que viriam a difundir também suas ideias.

Os estudos de Leslie White são considerados uma antítese das ideias de Franz Boas, em claro desacordo com ele, muitas vezes, inclusive, com publicações críticas ao seu estilo literário. Afirmava, por exemplo, que Boas não conhecia os principais trabalhos de Tylor e não sabia o que era o evolucionismo pregado por Tylor, o que também provocava críticas por parte dos “discípulos” de Boas.

Aqui são apresentadas cinco citações de Leslie White a respeito do termo cultura: a primeira delas publicada no volume 07 da *Philosophy of Science*, em 1940, com o título *The Symbol: The Origin and Basis of Human Behavior*, um conceito que buscava no simbolismo a base para a cultura. Seguido por outro artigo, publicado no volume 45 da *American Anthropologist*, com o título *Energy and the Evolution of Culture* reforçando o termo “símbolo”, associado à energia.

Todas as civilizações nascem de, e são perpetuadas pelo uso de símbolos. Uma cultura, ou civilização, é apenas um tipo particular de forma (simbólica) que as atividades

biológicas que perpetuam a vida de um animal particular, o homem, assumem⁶⁸

A cultura é uma organização de fenômenos - objetos materiais, atos corporais, ideias e sentimentos - que consistem ou dependem do uso de símbolos. O homem, sendo o único animal capaz de comportamento simbólico, é a única criatura possuir cultura. Cultura é um tipo de comportamento. E comportamento, seja do homem, mula, planta, cometa ou molécula, pode ser tratada como uma manifestação de energia.⁶⁹

As outras três referências, todas de 1949, são extraídas de duas obras publicadas por Leslie White, a primeira com duas referências chama-se *The Science of Culture: A Study of Man and Civilization*, onde reforça o papel do que se pode traduzir por *simbologização* para definir cultura, que estaria além da cultura material e dependente de capacidades humanas.

Como já vimos, 'cultura' é o nome de uma ordem ou classe distinta de fenômenos, ou seja, aquelas coisas e eventos que dependem do exercício de uma habilidade mental, peculiar à espécie humana, que denominamos 'simbolização'. Para ser mais específico, a cultura consiste em objetos materiais - ferramentas, utensílios, ornamentos, amuletos etc. - atos, crenças e atitudes que funcionam em contextos caracterizados por simbolismo. É um mecanismo elaborado, uma organização de formas e meios exossomáticos empregados por uma espécie animal particular, o homem, na luta pela existência e sobrevivência.⁷⁰

A categoria física é composta de fenômenos ou sistemas não vivos; o biológico, dos organismos vivos. A categoria cultural, ou ordem, dos fenômenos é composta de eventos que dependem de uma faculdade peculiar à espécie humana, a saber, a habilidade de usar símbolos. Esses eventos são as ideias, crenças, línguas, ferramentas,

⁶⁸ WHITE, Leslie Alvin. 1940. The Symbol: The Origin and Basis of Human Behavior. *Philosophy of Science*, vol. 7, no. 4, p. 451-463. p. 463.

⁶⁹ WHITE, Leslie Alvin. 1943. Energy and the Evolution of Culture. *American Anthropologist*, vol. 45, no. 3, p. 1. p. 335-356. p.335.

⁷⁰ WHITE, Leslie Alvin. 1949. *The Science of Culture: A Study of Man and Civilization*. New York: Grove Press. p. 363.

utensílios, costumes, sentimentos e instituições que constituem a civilização - ou cultura, para usar o termo antropológico - de qualquer povo, independentemente de tempo, lugar ou grau de desenvolvimento.⁷¹

A última referência foi extraída do capítulo *Ethnological Theory*, publicado na obra *Philosophy for the Future The Quest of Modern Materialism*, de Roy Wood Sellars, Vivian Jerauld McGill e Marvin Farber, e que busca nos conceitos anteriores um reforço das ideias dos autores sobre símbolo e energia.

Esse mecanismo é a cultura. Cultura, como já vimos, é uma organização de objetos (ferramentas, utensílios, parafernália ritualística, materiais de arte etc.), atos (padrões de comportamento, costumes, rituais, instituições), ideias (crença, conhecimento, tradição) e sentimentos (sentimentos, atitudes) que dependem do uso de símbolos. Um símbolo é uma coisa - objeto, ato, cor etc. - cujo significado é determinado por aqueles que o usam; a fala articulada é a forma mais importante e característica de comportamento simbólico. O homem sozinho é capaz de comportamento simbólico em virtude das propriedades únicas de seu sistema nervoso, que, entretanto, ainda não podem ser descritas, exceto em termos de anatomia grosseira - cérebro anterior excepcionalmente grande, tanto relativa quanto absolutamente; um aumento na quantidade de cérebro resultou em um tipo de comportamento qualitativamente novo.⁷²

Sociólogo americano, William Fielding Ogburn estudou com Franz Boas na Universidade de Colúmbia, onde fez seu mestrado e doutorado, tornando-se mais tarde professor de sociologia da mesma universidade, enquanto que Meyer Francis Nimkoff, educador e sociólogo americano, era mestre e artes e doutor em filosofia.

⁷¹ WHITE, Leslie Alvin. 1949. *The Science of Culture: A Study of Man and Civilization*. New York: Grove Press. p. 15.

⁷² WHITE, Leslie Alvin. 1949. *Ethnological Theory*. In: SELLARS, Roy Wood; MCGILL, Vivian Jerauld; FARBER, Marvin. *Philosophy for the Future The Quest of Modern Materialism*. New York: Macmillan. p. 357-384. p. 374.

Juntos, publicaram em 1940 a obra *Sociology*, que apresenta um conceito de cultura como um sistema interligado, e que busca a ideia de superorgânico e a satisfação das necessidades humanas.

Uma cultura consiste em invenções, ou traços de cultura, integrados em um sistema, com vários graus de correlação entre as partes. Uma classificação útil de partes é em termos de cultura material e imaterial. É a cultura material que avulta em nossos dias; está mudando mais rapidamente e forçando as outras partes do superorgânico, como a vida familiar e a religião, a fazer ajustes nele. Os traços materiais e imateriais, organizados em torno da satisfação das necessidades humanas, nos dão nossas instituições sociais, que são o coração da cultura. As instituições de uma cultura estão interligadas para formar um padrão único para cada sociedade.⁷³

William Boyd Allison Davis foi um antropólogo e educador americano, com mestrado em antropologia na Universidade de Harvard e doutorado em antropologia na Universidade de Chicago. Com estudos sobre segregação racial e cultura dos afro-americanos nos Estados Unidos, foi o primeiro afro-americano a ocupar cargo de professor em uma grande universidade daquele país, a Universidade de Chicago, em 1942.

Davis, em conjunto com já mencionado John Dollard, psicólogo e cientista social, destacado estudioso das questões raciais e de classes sociais no sul dos Estados Unidos, publicaram em 1940 a obra *Children of Bondage: The personality development of negro youth in the urban South*, onde apresentam uma referência sobre cultura enquadrado nas questões raciais americanas.

Finalmente, ficou claro que a estrutura dos corpos dos homens é, para todos os fins práticos, a mesma em todos os lugares; a diferença entre os grupos está em suas culturas, em sua herança social. Os homens se comportam

⁷³ OGBURN, William Fielding; NIMKOFF, Meyer Francis. 1940. *Sociology*. Boston: Houghton Mifflin. p 63.

de maneira diferente como adultos porque suas culturas são diferentes; eles nascem em diferentes modos de vida habituais, e estes devem seguir porque não têm escolha.⁷⁴

Em 1948, Allison Davis publica outra obra chamada *Social-Class Influences upon Learning*, um trabalho sobre educação que aborda a socialização, crianças e a aprendizagem. Dele é possível extrair duas definições de cultura aqui apresentados.

Em seu sentido genérico, cultura inclui todo comportamento que o ser humano apresenta em conformidade com sua família, seu grupo lúdico, seu grupo escolar, sua classe social, sua igreja e todos os seus outros grupos humanos. Os processos pelos quais o indivíduo aprende sua cultura básica estão incluídos no conceito de socialização. A socialização inclui não apenas a aprendizagem social, mas também aqueles processos que ajudam a formar a própria personalidade humana, incluindo seus aspectos emocionais e intelectuais.⁷⁵

A cultura, lembramos, pode ser definida como todo comportamento aprendido pelo indivíduo em conformidade com um grupo. A cultura 'ensina' o indivíduo não apenas a reconhecer certos fenômenos, mas também certos símbolos de fenômenos e as relações lógicas entre eles.⁷⁶

Defensor dos direitos civis dos nipo-americanos presos em campos de concentração nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial, o antropólogo americano Morris Edward Opler ficou conhecido pelos seus trabalhos e publicações sobre o povo Apache. Foi professor em várias universidades e, em 1944, publicou o artigo *Cultural and Organic Conceptions in Contemporary World*

⁷⁴ DAVIS, William Boyd Allison; DOLLARD, John. 1940. *Children of Bondage: The personality development of Negro youth in the Urban South*. Washington: American Council on Education. p. 4.

⁷⁵ DAVIS, William Boyd Allison. 1948. *Social-Class Influences upon Learning*. Cambridge: Harvard University Press. p. 02.

⁷⁶ DAVIS, William Boyd Allison. 1948. *Social-Class Influences upon Learning*. Cambridge: Harvard University Press. p. 59.

History, no volume 46 da *American Anthropologist*, o qual contém um conceito de cultura a seguir apresentado.

A capacidade para a cultura é função da ênfase na plasticidade, no desenvolvimento da adaptabilidade geral em vez de estruturas específicas, na redução da importância do instinto. A inauguração da cultura foi anunciada, podemos acreditar, pela invenção de ferramentas e símbolos. As ferramentas, grosseiras a princípio, eram meios extra orgânicos de fazer o que ele fora forçado a realizar pelo poder de seu próprio corpo naquele momento. Os símbolos (geralmente entendidos como rótulos vocais para objetos e processos familiares) possibilitaram a comunicação (fala, linguagem) e a conservação de quaisquer ganhos acumulados na fabricação de ferramentas e na experiência. Assim, ferramentas e símbolos (ou invenção e comunicação, para expressá-los em termos de processo) podem ser considerados os blocos de construção da cultura.⁷⁷

Professor de Antropologia da Universidade de Harvard, Clyde Kluckhohn foi um antropólogo e teórico social americano com estudos de antropologia na Universidade de Viena e doutorado em antropologia pela Universidade de Harvard, permanecendo nessa instituição como professor de Antropologia Social. Assim, como o antropólogo americano, William Henderson Kelly, também professor nessa mesma instituição.

Kluckhohn foi presidente da *American Anthropological Association*, em 1947, desenvolveu vários trabalhos relacionados aos povos Navajos e se destacou as teorias sobre cultura, publicando várias obras, entre as quais *Mirror for Man: The relation of Anthropology to Modern Life*, em 1949.

Mas foi no ensaio *The Concept of Culture*, publicado em 1945 como capítulo da obra de Ralph Linton, *The Science of Man in the World Crisis*, que Kluckhohn e

⁷⁷ OPLER, Morris Edward. 1944. Cultural and Organic Conceptions in Contemporary World History. p. 452. *American Anthropologist*, vol. 46, no. 4. p. 448-60.

Willim Kelly descrevem um debate realizado a respeito da definição do termo cultura. Dentre os vários conceitos e definições de culturas descritos, foram destacados seis exemplos entre os mais completos e condizentes com o período.

Terceiro Antropólogo: Por ‘cultura’ queremos dizer aqueles processos seletivos criados historicamente que canalizam as reações dos homens tanto a estímulos internos quanto externos.⁷⁸

Segundo Antropólogo: Eu aceito e uso o conceito de ‘cultura’, mas me afasto dessas altas abstrações. Acho melhor ficar com uma definição mais tradicional, como “cultura é aquele todo complexo que inclui artefatos, crenças, arte, todos os outros hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade e todos os produtos da atividade humana determinados por esses hábitos”.⁷⁹

Primeiro Antropólogo: Poderíamos então dizer que a cultura inclui todas as formas de sentir, pensar e agir que não são inevitáveis como resultado do equipamento e processo biológico humano e (ou) situações externas objetivas?⁸⁰

O Médico: Podemos dizer que a cultura em geral, como conceito descritivo, significa o tesouro acumulado da criação humana: livros, pinturas, edifícios e semelhantes; o conhecimento de maneiras de se ajustar ao nosso entorno, tanto humano quanto físico; linguagem, costumes e sistemas de etiqueta, ética, religião e moral que foram construídos através dos tempos?⁸¹

⁷⁸ KLUCKHOHN, Clyde; KELLY, William Henderson. 1945. The Concept of Culture. In: LINTON, Ralph. *The Science of Man in the World Crisis*. New York: Columbia University Press. p. 78-106. p. 84.

⁷⁹ KLUCKHOHN, Clyde; KELLY, William Henderson. 1945. The Concept of Culture. in LINTON, Ralph. *The Science of Man in the World Crisis*. New York: Columbia University Press. p. 78-106. p. 82.

⁸⁰ KLUCKHOHN, Clyde; KELLY, William Henderson. 1945. The Concept of Culture. in LINTON, Ralph. *The Science of Man in the World Crisis*. New York: Columbia University Press. p. 78-106. p.87.

⁸¹ KLUCKHOHN, Clyde; KELLY, William Henderson. 1945. The Concept of Culture. in LINTON, Ralph. *The Science of Man in the World Crisis*. New York: Columbia University Press. p. 78-106. p. 96.

Quarto Antropólogo: Podemos, então, dar a seguinte definição substantiva: Por cultura, significa todos aqueles projetos de vida criados historicamente, explícitos e implícitos, racionais, irracionais e não racionais, que existem a qualquer momento como guias potenciais para o comportamento dos homens.⁸²

Primeiro Antropólogo: Uma cultura é um sistema historicamente derivado de projetos explícitos e implícitos de vida, que tende a ser compartilhado por todos ou por membros especialmente designados de um grupo.⁸³

Em 1946, Clyde Kluckhohn publica a obra *The Navaho*, em conjunto com Dorothea Cross Leighton, médica psiquiatra americana, considerada criadora da Antropologia Médica, fundadora da *Society for Medical Anthropology*. Realizou vários trabalhos de campo, entre eles, em 1940, com o povo navajo, que deu origem a várias publicações.

Uma cultura é o modo de vida de um povo, diferente dos modos de vida de outros povos. Existem certos problemas humanos recorrentes e inevitáveis, e as maneiras pelas quais o homem pode enfrentá-los são limitados por seu equipamento biológico e por certos fatos do mundo externo. Mas, para a maioria dos problemas, há uma variedade de soluções possíveis. Qualquer cultura consiste no conjunto de maneiras habituais e tradicionais de pensar, sentir e reagir que são características das maneiras como uma determinada sociedade enfrenta seus problemas em um determinado momento.⁸⁴

Ainda sobre Clyde Kluckhohn, é possível referenciar mais dois conceitos de cultura apresentados em 1949 e 1951, respectivamente, nas obras *Mirror for Man*:

⁸² KLUCKHOHN, Clyde; KELLY, William Henderson. 1945. The Concept of Culture. in LINTON, Ralph. *The Science of Man in the World Crisis*. New York: Columbia University Press. p. 78-106. p. 97.

⁸³ KLUCKHOHN, Clyde; KELLY, William Henderson. 1945. The Concept of Culture. in LINTON, Ralph. *The Science of Man in the World Crisis*. New York: Columbia University Press. p. 78-106. p.98.

⁸⁴ KLUCKHOHN, Clyde; LEIGHTON, Dorothea Cross. 1946. *The Navaho*. Cambridge: Harvard University Press. p. XVIII - XIX.

The relation of Anthropology to Modern Life, e no capítulo, publicado na obra *The Policy* de Daniel Lerner e Harold Lasswell, sob o título *The Study of Culture*.

Por 'cultura', em antropologia significa o modo de vida total de um povo, o legado social que o indivíduo adquire de seu grupo. Ou a cultura pode ser considerada como aquela parte do meio ambiente que é criação do homem.⁸⁵

Cultura, conforme usado pelos antropólogos americanos, é, sem dúvida, um termo técnico que não deve ser confundido com o conceito mais limitado de linguagem comum e de história e literatura. O termo antropológico designa aqueles aspectos do ambiente humano total, tangíveis e intangíveis, que foram criados pelos homens. 'Uma cultura' refere-se ao modo de vida distinto de um grupo de pessoas, seu "projeto de vida' completo. Os japoneses constituem uma nação ou sociedade. Essa entidade pode ser observada diretamente. A 'cultura japonesa', entretanto, é uma abstração das regularidades observadas ou tendências em direção à regularidade nos modos de resposta desse povo.⁸⁶

Howard Washington Odum foi um sociólogo americano, com doutorado em psicologia e sociologia, o último na Universidade de Colúmbia, dedicando-se aos estudos do folclore afro-americano. Foi presidente da *American Sociological Association*, em 1930, e publicou várias obras sobre folclore afro-americano e sobre sociologia, entre elas, *Understanding Society: The Principles of Dynamic Sociology*, publicado em 1947, e de onde é possível identificar um conceito de cultura onde busca conhecimentos psicológicos e sua visão holística sobre cultura e sociedade.

Embora vários capítulos sejam dedicados a este tema, precisamos observar aqui que a cultura é a soma total

⁸⁵ KLUCKHOHN, Clyde. 1949. *Mirror for Man: The relation of Anthropology to Modern Life*. New York: McGraw-Hill Book Co. p.17.

⁸⁶ KLUCKHOHN, Clyde. 1951. *The Study of Culture*. In LERNER, Daniel; LASSWELL, Harold D. (Eds.), *The Policy Sciences*. Stanford: Stanford University Press. p. 86-101. p. 86.

das características de uma sociedade, a cultura é para a sociedade o que a personalidade é para o indivíduo, a cultura é usada às vezes em contraste com a natureza, que é a palavra-chave que indica o total do mundo físico e as leis da natureza e as relações inseparáveis entre todos os fatores da vida em construção, o conceito de civilização é utilizado em seu sentido usual do estágio mais avançado da cultura, conforme refletido na sociedade moderna, também como um contraste com a cultura primitiva.⁸⁷

Antropólogo americano, aluno de Franz Boas, Melville Jean Herskovits concluiu seu mestrado em antropologia pela a Universidade de Colúmbia com orientação de Boas. Atuou na inclusão dos estudos africanos e afro-americanos no meio acadêmico dos Estados Unidos da América. Realizou trabalhos de campo no Haiti e publicou várias obras, entre elas, *Man and his Works: The Science of Cultural Anthropology*, em 1948, de onde é possível extrair cinco referências sobre cultura, a última da qual, dividida em oito itens fundamentais para o entendimento do conceito.

A cultura é a parte do meio ambiente feita pelo homem.⁸⁸

Uma cultura é o modo de vida de um povo; enquanto uma sociedade é o agregado organizado de indivíduos que seguem um determinado modo de vida. Em termos ainda mais simples, uma sociedade é composta de pessoas; a maneira como eles se comportam é sua cultura.⁸⁹

Cultura, conforme usado neste livro, refere-se à parte do ambiente total que inclui os objetos materiais da manufatura humana, técnicas, orientações sociais, pontos de

⁸⁷ ODUM, Howard Washington. 1947. *Understanding Society: The Principles of Dynamic Sociology*. New York: The Macmillan Company. p. 13.

⁸⁸ HERSKOVITS, Melville Jean. 1948. *Man and his Works: The Science of Cultural Anthropology*. New York: Alfred A. Knopf. p.17.

⁸⁹ HERSKOVITS, Melville Jean. 1948. *Man and his Works: The Science of Cultural Anthropology*. New York: Alfred A. Knopf. p. 29.

vista e fins sancionados que são os fatores condicionantes imediatos subjacentes ao comportamento.⁹⁰

[...] cultura é essencialmente uma construção que descreve o corpo total de crenças, comportamentos, conhecimentos, sanções, valores e objetivos que marcam o modo de vida de qualquer pessoa. Ou seja, embora uma cultura possa ser tratada por um estudante como capaz de uma descrição objetiva, em última análise, ela compreende as coisas que as pessoas têm, as coisas que fazem e o que pensam.⁹¹

[...] a 'cultura' 1. é aprendida; 2. deriva dos componentes biológicos, ambientais, psicológicos e históricos da existência humana; 3. é estruturada; 4. é dividida em aspectos; 5. é dinâmica; 6. é variável; 7. exibe regularidades que permitem sua análise pelos métodos da ciência; 8. é o instrumento pelo qual o indivíduo se ajusta ao seu ambiente total e ganha os meios para a expressão criativa.⁹²

Filósofo, sociólogo e cientista político americano, Harold Dwight Lasswell foi professor da Universidade de Yale, e estudou em várias universidades da Europa. Era conhecido por sua dinâmica e conhecimento transversal em ciências humanas e psicologia, tendo como um dos principais objetos de estudo a cultura. Trabalhou com questões de comunicação e política, analisando, durante a Segunda Guerra Mundial, o poder influenciador das propagandas da Alemanha nazista.

Em uma de suas várias obras, *The Analysis of Political Behavior: An Empirical Approach*, publicada em 1948, é possível encontrar um breve, mais interessante conceito de cultura.

⁹⁰ HERSKOVITS, Melville Jean. 1948. *Man and his Works: The Science of Cultural Anthropology* New York: Alfred A. Knopf. p.154.

⁹¹ HERSKOVITS, Melville Jean. 1948. *Man and his Works: The Science of Cultural Anthropology* New York: Alfred A. Knopf. p.625.

⁹² HERSKOVITS, Melville Jean. 1948. *Man and his Works: The Science of Cultural Anthropology*. New York: Alfred A. Knopf. p.625.

[...] ‘cultura’ é o termo usado para se referir à maneira como os membros de um grupo agem em relação uns aos outros e a outros grupos.⁹³

Nascido na atual Ucrânia, Mischa Titiev fez toda sua formação acadêmica na Universidade de Harvard, concluindo com um doutorado em antropologia e seguindo carreira como professor na Universidade de Michigan. Seus estudos incluíam Japão, sudoeste americano, Chile e Peru.

Entre seus trabalhos publicados, é possível encontrar um conceito de cultura no artigo *Cultural Adjustment and the Interiorization of social Values*, publicado em 1949, no volume 5 da *Journal of Social Issues*.

Embora existam muitas definições de cultura, é universalmente aceito que o termo inclui aqueles objetos ou ferramentas, atitudes e formas de comportamento cujo uso é sancionado sob determinadas condições pelos membros de uma determinada sociedade. Também é axiomático que os valores culturais não podem ser transmitidos por herança biológica.⁹⁴

Dez anos depois, Titiev publicou sua obra mais famosa, *Introduction to Cultural Anthropology*, publicada em 1959, que passou a ser adotada por vários cursos de antropologia pelo mundo. Nessa obra, encontramos duas citações importantes sobre cultura. Na primeira, Titiev argumenta sobre uma separação entre linguagem e cultura. Na segunda, na mesma obra, destaca a não hereditariedade, mas a permanência do que chama de configurações de cultura.

Alguns estudiosos chegariam ao ponto de dizer que língua e cultura são uma e a mesma, mas, para fins práticos, é melhor admitir seus laços estreitos, mas

⁹³ LASSWELL, Harold Dwight. 1948. *The Analysis of Political Behavior: An Empirical Approach*. London: Routledge. p. 203.

⁹⁴ TITIEV, Mischa. 1949. Cultural Adjustment and the Interiorization of social Values. *Journal of Social Issues*, vol. 5, p. 44-47. p.45.

tratá-los como separados. Por definição, a linguagem lida apenas com formas de comportamento que podem ser vocalizadas, mas a cultura também se preocupa com inúmeras atividades, como hábitos motores, que podem nunca ser expressos em palavras nem acompanhados pela fala. Não precisa haver nada verbal sobre tirar o chapéu, mas pode ser um ato importante da cultura e pode transmitir um significado simbólico tão sutil quanto qualquer palavra.⁹⁵

Cultura A gama completa de objetos, valores, significados simbólicos e maneiras repetitivas de comportamento que orientam a conduta dos membros individuais de uma sociedade. Nenhum aspecto da cultura pode ser transmitido biogeneticamente, e cada pessoa deve aprender depois do nascimento as características da cultura que lhe pertencem. Padrões ou configurações de cultura podem persistir além da morte de indivíduos específicos [...].⁹⁶

Douglas Gilbert Haring foi um antropólogo nascido em New York com formação em teologia e mestrado em artes pela Universidade de Colúmbia. Foi missionário no Japão na década de 1920, mais tarde, professor titular de antropologia da Universidade de Syracuse, onde havia iniciado como instrutor em 1927.

Em 1949, publicou o artigo muito sugestivo chamado *Is Culture Definable?*, no volume 14 da *American Sociological Review*, de onde destaco o seguinte conceito de cultura.

O comportamento cultural, portanto, é diferenciado de outro comportamento pelo fato de que seus padrões são aprendidos individualmente a partir de modelos fornecidos por outras pessoas. Visto como cultural, o interesse centra-se no padrão e apenas incidentalmente no organismo que se comporta. Visto como comportamento, o interesse centra-se no fato de aprender; a última moda e as tradições da antiguidade que confrontam o neófito ou

⁹⁵ TITIEV, Mischa. 1959. *Introduction to Cultural Anthropology*. New York: Holt, Rinehart and Winston. p.367.

⁹⁶ TITIEV, Mischa. 1959. *The Theory of Human Culture*. New York: Holt, Rinehart and Winston. p.446.

a criança humana como formas completamente novas de agir ou pensar a serem incorporadas em seu repertório cultural individual. Os fenômenos culturais são definíveis como um aspecto do comportamento humano; 'comportamento cultural denota todo funcionamento humano que se conforma aos padrões aprendidos de outras pessoas.⁹⁷

Antropólogo britânico, Alfred Reginald Radcliffe-Brown estudou psicologia e, mais tarde, antropologia social. Realizou trabalhos de campo em Andamão, no Mar Índico e na Austrália Ocidental. Foi professor na Universidade da Cidade do Cabo, na Universidade de Sydney e na Universidade de Chicago, em seguida, passou a ocupar o cargo da primeira cadeira de antropologia social na Universidade de Oxford, em 1937. Na década de 1940, chegou a atuar como professor visitante da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.

Entre suas várias obras, livros e artigos, destaca-se o artigo *White's View of a Science of Culture*, publicado no volume 51 da *American Anthropologist*, de onde é possível extrair as seguintes referências sobre cultura:

Como sociólogo, a realidade à qual considero a palavra 'cultura' aplicável é o processo da tradição cultural, o processo pelo qual, em um determinado grupo social ou classe social, linguagem, crenças, ideias, gostos estéticos, conhecimentos, habilidades e usos de muitos tipos são transmitidos ('tradição' significa 'transmissão') de pessoa para pessoa e de uma geração para outra. O sociólogo é obviamente obrigado a estudar as tradições culturais de todos os tipos que são encontradas em uma sociedade da qual ele está estudando. A tradição cultural é o processo social de interação de pessoas dentro de uma estrutura social.⁹⁸

⁹⁷ HARING, Douglas Gilbert. 1949. Is Culture Definable? *American Sociological Review*, vol. 14, n. 01, p. 26-32. p. 29.

⁹⁸ RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. 1949. White's View of a Science of Culture. *American Anthropologist*, vol. 51, p. 503-12. p. 510-11.

A palavra ‘cultura’ tem muitos significados diferentes. Como psicólogo, eu definiria cultura de acordo com o significado do dicionário em inglês, como o processo pelo qual um indivíduo humano adquire, por meio do contato com outros indivíduos, ou de coisas como livros e obras de arte, hábitos, capacidades, ideias, crenças, conhecimento, habilidades, gostos e sentimentos; e, por extensão comum na língua inglesa, os produtos desse processo no indivíduo. Como inglês, aprendi latim e francês e, portanto, alguns conhecimentos de latim e francês fazem parte da minha cultura. O processo cultural, nesse sentido, pode ser estudado pelo psicólogo e, de fato, a teoria da aprendizagem é esse tipo de estudo.⁹⁹

2.6 Novas ideias e as Influências Pós-moderna

Na segunda metade do século XX, encontramos um novo contexto político e cultural. Depois de meio século em que duas grandes guerras afetaram parte da população mundial, com os horrores do holocausto e as bombas de Nagasaki e Hiroxima, surge um cenário de divisão entre oriente e ocidente, numa guerra de influências políticas, militares e culturais no âmbito do que foi chamado de Guerra Fria.

Em nível antropológico, há uma verdadeira cisão entre os Estados Unidos da América, que, juntamente, com a Europa dominava o cenário cultural ocidental e os países sobe influência da União Soviética. A cortina de ferro não só dividiu o mundo, mas também criou contextos próprios. Depois de contribuir durante a Segunda Guerra Mundial, sobretudo, com estudos antropológicos “a distância”, sobre o Japão, ao exemplo de Ruth Benedict com sua obra, *The Chrysanthemum and the Sword*, publicado em 1946. Inevitavelmente, a antropologia foi indispensável para conhecer e entender um novo inimigo,

⁹⁹ RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald. 1949. *White's View of a Science of Culture. American Anthropologist*, vol. 51, p. 503-12. p.510-11.

que também exigia as mesmas técnicas de estudo a distância.

Paralelamente a esse contexto, não podemos mencionar grandes diferenças entre os conceitos e definições de cultura das décadas anteriores com os novos conceitos e definição de cultura surgidos nas primeiras décadas da segunda metade do século XX. No entanto, é possível perceber que passaram a surgir outros autores, de outras regiões fora do eixo Estados Unidos da América e Europa, e outro tipos de ciências a se utilizarem desse termo.

Na continuidade das publicações apresentadas até aqui, é possível destacar o sociólogo americano Howard Paul Becker. Formado na Universidade de Chicago, foi presidente da American Sociological Association. Estudou direito e línguas orientais, fez trabalho de campo na Bósnia, aprofundou-se em egiptologia e trabalhou no Museu Etnológico de Berlim, o que o levou a várias viagens etnográficas, inclusive à Micronésia e à Nova Guiné.

Viveu nos Estados Unidos da América durante a Primeira Guerra Mundial, retornando logo a seguir à Alemanha, e mais tarde, voltou aos Estados Unidos, onde foi professor em várias universidades, entre elas, Harvard e Cambridge, fundando, mais tarde, o Instituto de Antropologia Cultural na Universidade Livre de Berlim. Entre suas publicações, está *Through Values to Social Interpretation*, de 1950, quatro anos antes de sua morte, e onde apresenta a definição de cultura abaixo citado:

Uma cultura é o conteúdo imaterial relativamente constante transmitido em uma sociedade por meio de processos de socialização. Artefatos materiais e semelhantes representam apenas alguns dos acompanhamentos necessários de uma cultura.¹⁰⁰

¹⁰⁰ BECKER, Howard Paul. 1950. *Through Values to Social Interpretation*. Durham: Duke University Press. p. 251.

Antropólogo americano, neo-evolucionista do pós-guerra, Julian Haynes Steward é considerado o pai da Antropologia Ecológica. Ficou conhecido por sua teoria própria de evolução cultural. Foi professor em universidades como Michigan, Califórnia e Colúmbia, onde lecionou para uma geração de antropólogos que influenciou as teorias antropológicas em quase todo mundo. O artigo *Area Research: Theory and Practice*, publicado enquanto era professor da Universidade de Colúmbia, no boletim 63 do Social Science Research Council, apresenta um conceito de cultura com as características neoevolucionistas pregada por Steward.

Cultura é geralmente entendida como significando modos de comportamento aprendidos que são socialmente transmitidos de uma geração para outra dentro de sociedades particulares e que podem ser difundidos de uma sociedade para outra.¹⁰¹

Psicólogo e antropólogo australiano, Ralph O'Reilly Piddington foi um defensor dos povos australianos, relatou abusos no tratamento dos aborígenes do noroeste da Austrália, o que levou a seguir os estudos na London School of Economics, onde conheceu e foi aluno de Malinowski. Contribuiu fortemente para a divulgação da antropologia, apoiando trabalhos de campo e construindo uma rede de contatos internacionais e de apoio. Seu trabalho *An Introduction to Social Anthropology*, publicado em Edinburgo, em 1950, apresenta a seguinte definição de cultura:

A cultura de um povo pode ser definida como a soma total dos equipamentos materiais e intelectuais com os quais satisfazem suas necessidades biológicas e sociais e se adapta ao seu ambiente.¹⁰²

¹⁰¹ STEWARD, Julian Haynes. 1950. *Area Research: Theory and Practice*. Social Science Research Council. Bulletin 63. p. 98.

¹⁰² PIDDINGTON, Ralph O'Reilly. 1950. *An Introduction to Social Anthropology*. Edinburgh: Oliver and Boyd. p.3-4.

Formado em antropologia pela Universidade de Chicago, James Sifney Slotkin é um antropólogo americano interessado em antropologia social, etnohistória, cultura e personalidade, e etnopsiquiatria. Foi professor de ciências sociais da Universidade de Chicago. Em 1950, publicou a obra *Social Anthropology, the Science of Human Society and Culture*, onde apresenta um conceito de cultura que traz um pouco de sua diversidade de interesses, como biologia, destacando que artefatos não são cultura, pois são comuns a outros animais não humanos.

Por definição, os costumes são categorias de ações aprendidas de outros. [...] Uma cultura é o conjunto de costumes encontrados em uma sociedade, e qualquer pessoa que age de acordo com esses costumes é um participante da cultura. Do ponto de vista biológico, a cultura é o meio pelo qual uma sociedade se ajusta ao seu meio ambiente [...] Artefatos não são incluídos na cultura. [...] Pode-se notar que os artefatos não estão incluídos na cultura. Isso porque parece mais conveniente comparar o homem com outros animais em termos de seu comportamento do que por meio dos produtos de seu comportamento. Os animais geralmente modificam seu ambiente até certo ponto no processo de ajuste, e essas modificações são produtos de seu comportamento.¹⁰³

Lewis Roberts Binford foi um arqueólogo americano conhecido por promover a etnoarqueologia e por liderar o que foi conhecido como Nova Arqueologia, movimento que associava antropologia e arqueologia e que foi difundido por vários arqueólogos e antropólogos. Teve influência de Leslie White, seu orientador de doutorado, e de outros antropólogos durante seu mestrado e doutorado na Universidade de Michigan.

Um de seus artigos, *Post Pleistocene Adaptations*, publicado em 1968, na obra *New Perspectives in Archaeology*, editado por ele e sua esposa, Sally Binford,

¹⁰³ SLOTKIN, James Sidney. 1950. *Social Anthropology, the Science of Human Society and Culture*. New York: Macmillan. p. 76.

também arqueóloga, reuniu vários artigos dos chamados “Novos Arqueólogos” e lançou as bases da nova forma de trabalhar arqueologia. Nessa obra, encontramos este conceito de cultura, prático e direto, elaborado por Binford:

Cultura são todos aqueles meios cujas formas não estão sob controle genético direto que servem para ajustar indivíduos e grupos dentro de suas comunidades ecológicas.¹⁰⁴

David Murray Schneider, antropólogo cultural americano com doutorado em Harvard em antropologia, realizou trabalho de campo na Micronésia, dedicando-se às pesquisas sobre relações de parentesco nas famílias de classe média dos Estados Unidos e Grã-Bretanha. Entre suas obras está *American kinship: a cultural account*, publicado em 1968, e de onde é possível destacar duas referências ao conceito de cultura, com ênfase no papel simbólico na cultura e o simbolismo da linguagem na mesma:

Este livro trata do parentesco americano como sistema cultural; isto é, como um sistema de símbolos. Por símbolo, quero dizer algo que representa outra coisa, ou alguma outra coisa, onde não há relação necessária ou intrínseca entre o símbolo e aquilo que ele simboliza.¹⁰⁵

Não há dúvida de que a língua é uma parte importante da cultura. É certamente um sistema de símbolos e significados e, portanto, apenas nesse sentido, está de acordo com a definição de cultura que apresentei. Sabemos imediatamente que ‘fantasma’ é uma construção cultural ou unidade de algum tipo porque existe uma palavra para isso, tem um nome, a palavra tem significado

¹⁰⁴ BINFORD, Lewis Roberts. 1968. Post Pleistocene Adaptations. In Binford, Sally R. & Binford, Lewis Roberts. (eds). *New Perspectives in Archaeology*. Chicago: Aldine Publishing Co. 323.

¹⁰⁵ SCHNEIDER, David Murray. 1968. *American kinship: a cultural account*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc. p. 1.

e os nativos amigáveis podem explicar esse significado e definir a palavra.¹⁰⁶

Antropólogo, historiador e sociólogo brasileiro, Darcy Ribeiro é conhecido por seus trabalhos ligados a questões indígenas e de educação. Atuou na política, chegando a vice-governador do Rio de Janeiro, Ministro da Casa Civil e Ministro da Educação no governo federal, na década de 1960. Sofreu perseguição da ditadura da época, sendo forçado a se exilar no Uruguai. Mais tarde, foi senador, já na década de 1990.

Com forte influência neoevolucionista, criou uma lista à qual chamou de “revoluções tecnológicas”, que iniciava com os caçadores-coletores e chegava até a revolução termonuclear. Entre seus vários livros publicados, muitos sobre questões indígenas, o mais famoso é, *O Povo Brasileiro*, publicado em 1995, onde apresenta sua visão da formação histórica, étnica e cultural do Brasil.

No entanto, é na obra *Teoria do Brasil*, publicada em 1972, que se encontra um conceito de cultura, tendo como destaque a ênfase à herança social, e onde se aprofunda nas várias questões conectadas aos conceitos da época.

Os antropólogos definem a cultura como a herança social de uma comunidade humana, representada pelo acervo coparticipado de modos estandardizados de adaptação à natureza para o provimento da subsistência, de normas e instituições reguladoras das relações sociais e de corpos de saber, de valores e de crenças com que explicam sua experiência, exprimem sua criatividade artística e se motivam para a ação. Assim conceituada, a cultura é uma ordem particular de fenômenos que tem de característico sua natureza, réplica conceitual da realidade, tal

¹⁰⁶ SCHNEIDER, David Murray. 1968. *American Kinship: A cultural account*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall Inc. p.3.

como é percebida, e transmitida simbolicamente, de geração a geração, como uma tradição.¹⁰⁷

Com formação em artes liberais e especialização em ciências políticas e sociais pela Universidade de Baylor, nos Estados Unidos da América, o antropólogo e sociólogo brasileiro, Gilberto de Mello Freyre, soma-se ao grupo dos maiores nomes da sociologia e da antropologia do século XX, influenciando fortemente a antropologia brasileira e mundial ainda hoje.

Embora não tenha sido aluno de Franz Boas, foi assíduo assistente de suas aulas e palestras, enquanto cursava seu mestrado e doutorado em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais na Universidade de Colúmbia, mantendo contato permanente com o antropólogo germano americano, o que certamente resultou na grande qualidade de seus trabalhos, destacando-se em várias obras como *Casa-Grande & Senzala*, de 1933, e o já citado ensaio de antropologia ecológica, *Nordeste: Aspectos da Influência da Cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*, publicado em 1937.

Porém, só foi possível encontrar uma referência formal ao conceito ou definição de cultura publicada por Freyre apenas na década de 1970, no artigo *O Brasileiro como Tipo Nacional de Homem Situado no Trópico e, na sua Maioria, Moreno: Comentários em Torno de um Tema Complexo*, publicado no número 6 da *Revista Brasileira de Cultura* daquele ano, e do qual é possível destacar as duas referências a seguir:

Por Cultura entenda-se o conjunto de invenções e de desenvolvimentos de aptidões humanas, tanto materiais — técnicas de construção, de abrigo, de caça, de pesca, de agricultura, de transporte etc., como não-materiais, tais como crenças e ideias. Como conjunto geral, a cultura pan-humana se apresenta sob o aspecto de vários e

¹⁰⁷ RIBEIRO, Darcy. 1972. *Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p. 93-94.

diferenciados conjuntos culturais específicos. tribais, regionais, nacionais, transnacionais. Exemplos: a cultura maia, a bantu, a guarani, a cultura francesa, a cultura germânica, a eslava, a ocidental, a islâmica.¹⁰⁸

Por complexo de cultura deve-se entender uma cadeia de invenções e de desenvolvimentos, associados funcionalmente, em torno de um motivo central ou principal como é, por exemplo, o trigo ou o café ou o vinho, podendo-se também falar de um complexo nacional de cultura desenvolvida, assim inter-relacionada e funcionalmente, em torno de motivos nacionais de existência, convivência, coesão e desenvolvimento: o complexo nacional de cultura japonesa, por exemplo.¹⁰⁹

Conhecido por sua influência na prática da antropologia simbólica, Clifford James Geertz foi um dos antropólogos americanos mais influentes de sua época. Doutor Honoris em diversas universidades americanas, realizou alguns trabalhos de campo na Indonésia que deram origem ao seu trabalho de doutorado sobre crenças e rituais de uma região de Java, na Indonésia.

Foi professor da Universidade de Chicago de 1960 a 1970, quando mudou para o Instituto de Estudos Avançados de Princeton, onde atuou por 30 anos como professor emérito, período em que publicou vários trabalhos importantes, entre eles, *Deep Play: Notes on the Balinese Cockfight*, ensaio incluído na obra *The Interpretation of Cultures: Selected Essays by Clifford Geertz*, publicada em 1973, e que é considerado um exemplo

¹⁰⁸ FREYRE, Gilberto. 1970. O Brasileiro como Tipo Nacional de Homem Situado no Trópico e, na sua Maioria, Moreno: Comentários em Torno de um Tema Complexo. p. 41-57. *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, Ministério da Educação e Cultura, ano II, número 6, outubro/dezembro de 1970, p. 47.

¹⁰⁹ FREYRE, Gilberto. 1970. O Brasileiro como Tipo Nacional de Homem Situado no Trópico e, na sua Maioria, Moreno: Comentários em Torno de um Tema Complexo. p. 41-57. *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, Ministério da Educação e Cultura, ano II, número 6, outubro/dezembro de 1970, p. 47.

clássico de descrição densa, e da qual é possível extrair três referências sobre o conceito de cultura. São eles:

O conceito de cultura que defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, com Max Weber, que o homem é um animal suspenso em teias de significados que ele mesmo fiou, considero a cultura como essas teias, e a análise dela, portanto, não uma ciência experimental em busca do direito, mas uma interpretação em busca de significado. É a explicação que procuro, construindo expressões sociais em sua superfície enigmática. Mas esse pronunciamento, uma doutrina em uma cláusula, exige para si alguma explicação.¹¹⁰

A cultura é o tecido do significado em termos do qual os seres humanos interpretam sua experiência e orientam sua ação; A estrutura social é a forma que a ação assume, a rede de relações sociais realmente existente. Cultura e estrutura social são, então, apenas abstrações diferentes dos mesmos fenômenos. Um considera a ação social em relação ao seu significado para quem a realiza, o outro, a considera em termos de sua contribuição para o funcionamento de algum sistema social.¹¹¹

Na tentativa de lançar tal integração do lado antropológico e alcançar, assim, uma imagem mais exata do homem, quero propor duas ideias. A primeira delas é que a cultura é melhor vista não como complexos de padrões de comportamento concretos - costumes, usos, tradições, grupos de hábitos - como tem sido, em geral, o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam de 'programas') - para governar o comportamento. A segunda ideia é que o homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos extragenéticos de controle fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento.¹¹²

¹¹⁰ GEERTZ, Clifford James. 1973. *The Interpretation of Cultures: Selected Essays* by Clifford Geertz. New York: Basic Books. p. 05.

¹¹¹ GEERTZ, Clifford James. 1973. *The Interpretation of Cultures: Selected Essays* by Clifford Geertz. New York: Basic Books. p. 145.

¹¹² GEERTZ, Clifford James. 1973. *The Interpretation of Cultures: Selected Essays* by Clifford Geertz. New York: Basic Books. p. 44.

Sociólogo e filósofo polonês, Zygmunt Bauman foi professor emérito de sociologia na Universidade de Leeds, Varsóvia. Com um passado atuante na Segunda Guerra Mundial, como soldado do Primeiro Exército Polonês, atuou como instrutor político até a tomada de Berlim. No entanto, já na década de 1960, teve que deixar a Polônia e seguir para Israel, onde atuou como professor na Universidade de Tel Aviv, regressando mais tarde para Polônia, então como professor da Universidade de Leeds.

Entre suas dezenas de obras publicadas, com temas voltados à atualidade, alguns merecem destaque por sua importância na compreensão do mundo, como *Post-modernity and its discontents*, de 1997, *Liquid Modernity*, de 2000, e a obra da qual é possível identificar um conceito de cultura, com o título *Culture as Praxis*, de 1973, cuja tradução em português para edição brasileira chama-se *Ensaaios Sobre o Conceito de Cultura*, publicada em 2012.

Agora, se a cultura humana é um sistema de significação (e deve ser, se ordenar o ambiente humano e padronizar as relações humanas é uma de suas funções universalmente admitidas), o que foi dito até agora sobre a natureza da significação é inteiramente relevante em seu contexto. O que significa que tentar estabelecer o significado de um item cultural, analisando esse item separadamente dos outros, em si, às vezes, é totalmente irrelevante e sempre incompleto e parcial.¹¹³

Historiador britânico, Ulick Peter Burke é professor emérito da Universidade de Cambridge e amplamente conhecido pela importância que dá à história sociocultural para o mundo moderno. Com livros traduzidos para mais de 30 idiomas, é considerado um dos mais importantes historiadores sociais da atualidade.

Em uma de suas obras, *Popular Culture in Early Modern Europe*, publicada em 1978, Burke apresenta um

¹¹³ BAUMAN, Zygmunt. 1973. *Culture as Praxis*. London and Boston: Routledge & Kegan Paul. p. 100-101.

conceito de cultura onde lembra da imprecisão do significado do termo e da difusão de conceitos existentes.

Já em 2004, na obra *What is Cultural History*, Burke desenvolve um pouco mais sua percepção a respeito de cultura e das várias conotações que o termo adquire, apresentando ainda uma interpretação sobre a história e a evolução do termo.

‘cultura’ é um termo impreciso, com muitas definições rivais; o meu é ‘um sistema de significados, atitudes - e valores compartilhados, e as formas simbólicas (performances, artefatos) nas quais eles são expressos ou incorporados’. A cultura, nesse sentido, é parte de um modo de vida total, mas não é idêntica a ele.¹¹⁴

O termo ‘cultura’ é ainda mais problemático do que o termo ‘popular’. Como Burckhardt observou em 1882, a história cultural é ‘um conceito ‘vago’. Costumava se referir à ‘alta’ cultura. Foi estendido ‘para baixo’, para continuar a metáfora, para incluir a cultura ‘baixa’ ou popular. Mais recentemente, também se expandiu para os lados. O termo cultura é usado para se referir às artes e ciências. Em seguida, foi usado para descrever os equivalentes populares às artes e ciências - música folclórica, medicina popular e assim por diante. Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversação, leitura, jogos).¹¹⁵

Roy Abraham Rappaport, foi um antropólogo americano, um dos expoentes da Antropologia Ecológica. Com doutorado em Colúmbia, foi professor na Universidade de Michigan e publicou várias obras sobre suas pesquisas a cerca de rituais e ecologia.

Em 1979, o autor publicou a obra *Ecology, Meaning, & Religion*, referência na Antropologia Ecológica, onde apresenta seu conceito de cultura. O mesmo conceito foi publicado mais tarde, em de 1984, ligeiramente

¹¹⁴ BURKE, Peter, 1978. *Popular Culture in Early Modern Europe*. New York: Harper & Row. p. XI.

¹¹⁵ BURKE, Peter. 2004. *What is Cultural History*. Cambridge: Polity. p. 29.

modificado, na edição ampliada do que talvez seja a sua obra mais famosa: *Pigs for the Ancestors: ritual in the ecology of a New Guinea people*, um trabalho clássico de Antropologia Ecológica em uma sociedade tribal. Referência que não consta na primeira edição da obra, de 1968.

Mas as culturas e os ecossistemas não são diretamente comensuráveis e não podem simplesmente ser compactados dessa maneira. Um ecossistema é um sistema de transações de matéria e energia entre populações de organismos de vários tipos e, entre cada um deles e todos eles, de um lado, e substâncias, coisas e processos não vivos, do outro. Cultura é a categoria de fenômenos distintos dos outros por sua contingência sobre os símbolos. Uma cultura consiste nos fenômenos culturais que distinguem um determinado grupo ou categoria de pessoas de outros¹¹⁶.

Mas as culturas e os ecossistemas não são diretamente comensuráveis. Um ecossistema é um sistema de transações de matéria e energia entre populações ou organismos diferentes e entre eles e as substâncias não vivas que os cercam. Cultura é a categoria de fenômenos distintos dos outros por sua contingência sobre os símbolos. A incomensurabilidade de ecossistemas e culturas torna-se clara quando se considera a analogia implícita na noção de culturas (independentes de, ou pelo menos conceitualmente separadas de organismos portadores de cultura) interagindo com outros componentes de sistemas ecológicos¹¹⁷.

Com mestrado e doutorado pela Universidade de Harvard, o professor emérito da universidade americana de Notre Dame, historiador e antropólogo brasileiro Roberto Augusto DaMatta, atua como professor de Antropologia Social na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Com formação em história pela Universidade Federal Fluminense, tem especialização em

¹¹⁶ RAPPAPORT, Roy Abraham. 1979. *Ecology, Meaning, & Religion*. Berkeley: North Atlantic Books. p. 59.

¹¹⁷ RAPPAPORT, Roy Abraham. 1984. *Pigs for the Ancestors: ritual in the ecology of a New Guinea people*. New Haven: Yale University Press.

antropologia social pelo Museu Nacional, onde também foi chefe do departamento de antropologia e coordenador do Programa de Antropologia Social daquela instituição.

Em seus primeiros trabalhos etnográficos, estudou grupos indígenas, mas também desenvolveu pesquisas relacionados a rituais em indústrias, destacando-se com os trabalhos sobre a identidade brasileira, dos quais publicou vários livros, entre eles *Carnavais, malandros e heróis*, publicado em 1976, e *O que faz do brasil, Brasil?*, de 1984.

No entanto, suas referências ao conceito ou definição de cultura aqui apresentadas foram publicadas somente na década e 1980, inicialmente em uma edição especial do *Jornal da Embratel*, de setembro de 1981, no artigo *Você tem Cultura?*, artigo que mais tarde foi adicionado ao conjunto de textos da obra *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*, publicada em 1986.

De fato, quando um antropólogo social falar em cultura, ele usa a palavra como um conceito-chave para interpretação da vida social. Porque para nós, 'cultura' não é simplesmente um referente que marca a hierarquia de 'civilização', mas a maneira de viver toda de um grupo, sociedade, país ou pessoa. Cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. É justamente porque compartilha de parcelas importantes desse código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas, transformam-se num grupo e podem viver juntos sentindo-se parte de uma mesma totalidade.¹¹⁸

No sentido antropológico, portanto, a cultura, é um conjunto de regras que nos diz como o mundo pode e deve ser classificado. Ela, como os textos teatrais, não pode prever completamente como nos sentiremos em cada papel que devemos ou temos necessariamente que desempenhar, mas indica maneiras gerais e exemplos de

¹¹⁸ DAMATTA, Roberto. 1981. *Você tem Cultura? Edição especial do Jornal da Embratel* (Suplemento Cultural), setembro de 1981. p. 1.

como pessoas que viveram antes de nós os desempenharam.¹¹⁹

Outro antropólogo brasileiro a apresentar referências sobre conceito ou definição de cultura foi Roque de Barros Laraia, doutor pela Universidade de São Paulo e professor titular da Universidade de Brasília. Realizou vários trabalhos de campo junto aos povos Suruí de Rondônia, Akuáwa-Asurini, do Tocantins, e Kamayurá e Urubu-Kaapor, do Maranhão.

Entre suas obras é possível citar *Índios e castanheiro*, publicada em 1967, em coautoria com Roberto da Matta. No entanto, a obra mais conhecida é *O Conceito de Antropológico de Cultura*, publicado inicialmente em 1983, mas reeditado inúmeras vezes com o título mais conhecido, *Cultura: Um conceito antropológico*, adotado por diferentes cursos de ciências humanas em todo o Brasil, e de onde é possível destacar a seguinte referência sobre cultura.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativas, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.¹²⁰

Fundada em 16 de novembro de 1945, a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* – UNESCO, é uma agência da Nações Unidas, cujo objetivo está em consonância com seu nome, promover a paz e a segurança mundial através da educação, ciência e cultura.

Com sede em Paris, tem como sua atividade mais conhecida, a preservação do patrimônio cultural, mas seu principal objetivo é a redução do analfabetismo no

¹¹⁹ DAMATTA, Roberto. 1981. Você tem Cultura? *Edição especial do Jornal da Embratel* (Suplemento Cultural), setembro de 1981. p. 1.

¹²⁰ LARAIA, Roque de Barros. 1983. *O Conceito Antropológico de Cultura*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília. p. 50.

mundo, objetivo que persegue com investimentos e ações em diversas frentes.

Diferente da grande maioria dos conceitos e definições de cultura aqui apresentados, a formulação de um conceito ou definição de cultura pela UNESCO tem uma função prática e fundamental no direcionamento de políticas públicas para estados, nações e instituições de todo mundo.

Porém, até a década de 1970, a ideia de cultura para UNESCO estava mais próxima da ideia de cultura do período anterior a Tylor do que as ideias já difundidas no século XX nas ciências sociais e humanas. Cenário que passa a se alterar somente no início da década de 1980, quando foi incorporada a ideia de modo de vida no conceito de cultura da UNESCO, e que só foi publicado em 1982, na Declaração do México sobre Políticas Culturais.

Portanto, expressando confiança na convergência final dos objetivos culturais e espirituais da humanidade, a Conferência concorda:

que, em seu sentido mais amplo, a cultura pode agora ser considerada todo complexo de características espirituais, materiais, intelectuais e emocionais distintas que caracterizam uma sociedade ou grupo social. Inclui não apenas as artes e letras, mas também modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, sistemas de valores, tradições e crenças;

[...] a cultura dá ao homem a capacidade de refletir sobre si mesmo. É a cultura que nos torna especificamente humanos, seres racionais, dotados de juízo crítico e sentido de compromisso moral. É por meio da cultura que discernimos valores e fazemos escolhas. É por meio da cultura que o homem se expressa, toma consciência de si mesmo, reconhece sua incompletude, questiona suas próprias realizações, busca incansavelmente novos

significados e cria obras pelas quais transcende seus limites.¹²¹

Antropólogo e sociólogo brasileiro, José Luiz dos Santos foi professor de antropologia da Universidade Estadual de Campinas, além de atuar no Museu Paraense Emílio Goelti e no Museu do Índio. Tem doutorado pela Universidade de Londres e publicou várias obras, entre elas, *O que é Cultura*, em 1983, um trabalho com edições e reimpressões sucessivas e adotado por grande parte dos cursos de ciências humanas no Brasil, do qual é possível destacar duas definições ou conceitos de cultura:

Cultura é uma dimensão do processo social, da vida de uma sociedade. Não diz respeito apenas a um conjunto de práticas e concepções, como por exemplo só poderia dizer da arte. Não é apenas uma parte da vida social como por exemplo se poderia falar da religião. Não se pode dizer que cultura seja algo independente da vida social, algo que nada tenha a ver com a realidade onde existe. Entendida dessa forma, cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, e não se pode dizer que ela existe em algum contexto e não em outros.¹²²

Cultura é uma construção histórica, seja como concepção, seja como dimensão do processo social. Ou seja, a cultura não é ‘algo natural’, não é uma decorrência de leis físicas ou biológicas. Ao contrário, a cultura é um produto coletivo da vida humana. Isso se aplica não apenas a percepção da cultura, mas também a sua relevância, à importância que passa a ter.¹²³

María Jesús Buxó Rey é catedrática de antropologia Cultural da Universidade de Barcelona. Autora de

¹²¹ UNITED Nations Education Cultural and Scientific Organization – UNESCO. World Conference on Cultural Policies. México City, 1982: Final report. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. p. 41. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000052505> Acesso em: 25 jun. 2018.

¹²² SANTOS, José Luiz dos. 1983. *O que é Cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense. p.44-45

¹²³ SANTOS, José Luiz dos. 1983. *O que é Cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense. p.45

várias obras como *Antropología de la Mujer*, de 1978, e *Antropología Lingüística*, de 1983. Seu artigo *La Cultura en el Ámbito de la Cognición*, publicado em 1984 na obra organizada por Mercedes Fernández Martorell, *Sobre El Concepto de Cultura*, apresenta o seguinte conceito para o termo.

Cultura é o sistema de conhecimento a partir do qual os significados o ser humano peneira e seleciona sua compreensão da realidade em sentido amplo, bem como interpreta e regula os fatos e dados do comportamento social. Nesse sentido, a cultura constitui um programa de e para a ação social, que atua no ser humano durante o processo de socialização e interação social adulta.¹²⁴

Edgar Henry Schein é um psicólogo suíço que fez sua formação e carreira nos Estados Unidos da América. Com mestrado e doutorado respectivamente na Universidade de Stanford e Harvard, é conhecido por seus trabalhos no mundo do desenvolvimento organizacional e cultura organizacional, tornando-se professor de psicologia organizacional no *Massachusetts Institute of Technology - MIT* em 1968.

Entre seus vários livros, está o *Organizational Culture and Leadership: A Dynamic View*, publicado em 1985, e que recebeu uma segunda edição em 1992, cujo subtítulo passou a ser apenas *Secound Edition*, com textos mais trabalhados e objetivos, como podemos ver nestes dois conceitos de culturas, um da edição de 1985 e outro, mais pragmático, da edição de 1992.

A cultura deve ser vista como propriedade de uma unidade social estável definida de forma independente. Ou seja, se for possível demonstrar que determinado conjunto de pessoas compartilhou um número significativo de experiências importantes no processo de resolução de problemas externos e internos, pode-se supor que tais

¹²⁴ REY, Maria Jesús Buxó. 1984. *La Cultura en el Ámbito de la Cognición*. In: MARTORELL, Mercedes Fernández. 1984. *Sobre el Concepto de Cultura*, editorial Mitre. p.33.

experiências comuns os levaram, ao longo do tempo, a um compartilhamento de visão do mundo ao seu redor e seu lugar nele. Deve ter havido experiência compartilhada suficiente para ter levado a uma visão compartilhada, e essa visão compartilhada deve ter funcionado por tempo suficiente para ser tomada como certa e ter desaparecido da consciência. A cultura, nesse sentido, é um produto aprendido da experiência do grupo e, portanto, só pode ser encontrada onde há um grupo definível com uma história significativa.¹²⁵

Um padrão de suposições básicas compartilhadas que o grupo aprendeu ao resolver seus problemas de adaptação externa e integração interna, que funcionou bem o suficiente para ser considerado válido e, portanto, ensinado aos novos membros como a maneira correta de perceber, pensar e sentir em relação a esses problemas.¹²⁶

Roger Martin Keesing foi um linguista e antropólogo, filho do também antropólogo Felix Maxwell Keessing, neozelandês que atuou como professor na Universidade de Stanford, Califórnia, e da antropóloga e educadora neozelandeza Marie Margaret Martin Keesing, que trabalhou colaborando com seu marido, com quem produziu várias publicações.

Conhecido por sua visão de cultura com base na linguística, publicou várias obras, entre elas *Cultural Anthropology: A Contemporary Perspective*, obra adaptada de uma publicação anterior de seu pai, e publicada pela primeira vez em 1971, reeditada em 1976 e republicada novamente com adaptações e complementos em 1981, onde é possível encontrar o seguinte conceito de cultura, inexistente nas edições anteriores:

Uma cultura é um sistema organizado de conhecimento, mais ou menos compartilhado por indivíduos, que permite que eles se comuniquem, compartilhem significados

¹²⁵ SCHEIN, Edgar Henry. 1985. *Organizational Culture and Leadership: A Dynamic View*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers. p. 07.

¹²⁶ SCHEIN, Edgar Henry. 1992. *Organizational Culture and Leadership: Second Edition*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers. p.12.

e façam coisas juntos para fins comuns. Estrutura social é a rede de relações sociais entre os atores do palco social, em contraste com os roteiros que seguem e os entendimentos que compartilham.¹²⁷

Historiador, filósofo e literato brasileiro, Alfredo Bosi, foi professor emérito da Universidade de São Paulo, onde obteve sua licenciatura em letras, estudou também na Universidade de Florença, no início da década de 1960, mesma época em que defendeu duas teses, sendo uma de doutorado, já no Brasil, com temas de literatura e filosofia italiana.

Com dezenas de obras publicadas, ente elas, a mais conhecida, *História Concisa da Literatura Brasileira*, publicada em 1970, utilizada em várias universidades brasileiras. Mas foi em 1992 que publicou a obra *Dialética da Colonização*, de onde é possível identificar o seguinte conceito de cultura:

O termo, na sua forma substantiva, aplicava-se tanto às labutas do solo, a agri-cultura, quanto ao trabalho feito no ser humano desde a infância; e nessa última acepção vertia romanamente o grego *pai-deia*. O seu significado mais geral conserva-se até nossos dias. Cultura é o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social. A educação é o momento institucional marcado do processo.¹²⁸

Chris Jenks foi professor de sociologia e vice-reitor na Universidade de Brunel. Publicou trabalhos sobre infância, cultura e sociologia, focando numa corrente pós-estruturalista. Em sua obra *Culture*, publicada em 1993, Jenks analisa o conceito de cultura com abordagens aos conceitos de popularização cultural, reprodução

¹²⁷ KEESING, Roger Martin, 1981. *Cultural Anthropology: A Contemporary Perspective*. Second Edition. New York: Harcourt Brace Jovanovich, Inc.

¹²⁸ BOSI, Alfredo. 1992. *Dialética da colonização*. Cia das Letras. p. 16.

cultural e cultura no pós-modernismo, analisando vários estudos culturais. Na sua edição de 2005, ainda acrescenta abordagens sobre cultura visual, cultura urbana e subcultura. Mas é da primeira edição, de 1993, que é possível apresentando a seguinte abordagem sobre o conceito de cultura.

Embora cultura seja um termo familiar em nossa tradição e possa ser empregado para invocar avaliações holísticas dos modos de vida de um povo, suas crenças, rituais e costumes, não é o mais comum. Nós, cientistas sociais, estamos mais acostumados a mobilizar essas baterias de compreensão em ‘conjuntos de ação’. Ou seja, tendemos a usar conceitos mais específicos como, por exemplo, ‘sistemas de valores’ (mesmo ‘sistemas de valores centrais’), ‘padrões de crença’, ‘orientações de valores’ ou noções mais críticas como ‘ideologias’. A cultura, para os teóricos sociais britânicos e americanos, tende a ter sido mais utilmente aplicada como um conceito de diferenciação dentro de uma coletividade do que como uma forma de reunião.¹²⁹

Ángel Aguirre Baztán é um psicólogo e antropólogo espanhol, professor emérito da Universidade de Barcelona e acadêmico Numerário da *Real Academia Europea de Doctores*. Com mais de uma centena de trabalhos publicados, dos temas mais básicos da antropologia até obras mais específicas, como o *Diccionario Temático de Antropología*, publicado em 1993 e reeditado e ampliado em 2018.

Duas de suas obras mais destacadas são: *La Cultura de las Organizaciones*, publicada em 2004, e *Cultura e Identidad Cultural: Introducción a la Antropología*, publicado em 1997, de onde é possível apresentar os seguintes conceitos de cultura:

Cultura subjetiva. Já nos referimos a essa dimensão genitiva (cultivo de) da cultura, referida principalmente à comunidade e derivada do indivíduo. Cultura é aqui, o

¹²⁹ JENKS, Chris. 1993. *Culture*. London: Routledge. p.10.

cultivo (treinamento, educação) de um povo ou de um indivíduo pertencente a ele, em termos de ‘cultura *animi*’. Cultura objetiva. O conceito de cultura objetiva, como ‘a cultura de um povo’, só surge no século XVIII e se expressa em termos de Civilização (na França) e Kultur (na Alemanha). Corresponderia às culturas que atingiram um alto nível de vida urbana e consciência nacional.¹³⁰

Sistema de conhecimento que nos proporciona um modelo de realidade, através do qual damos sentido ao nosso comportamento. Esse sistema está formado por um conjunto de elementos interativos fundamentais, gerados e compartilhados pelo grupo ao qual identificam, pelo que são transmitidos aos novos membros.¹³¹

A cultura é um sistema de conhecimento que nos fornece um modelo de realidade, por meio do qual entendemos nosso comportamento. Este sistema é constituído por um conjunto de elementos interativos fundamentais, gerados e partilhados pelo grupo que identificam (etnia), para os quais são transmitidos aos novos membros (enculturação), sendo eficazes na resolução de problemas.¹³²

Marvin Harris foi um antropólogo americano considerado um dos principais teóricos do materialismo cultural, com diversos estudos sobre as questões étnico raciais no Brasil, África e Índia. Neo-evolucionista, destacou-se na Antropologia Ecológica com a obra *Food and evolution: toward a theory of human food habits*, de 1987. Mas foram as obras *Culture Anthropology*, publicada também em 1987, e *Theories of Culture in Postmodern Times*, publicada em 1998, que fornecem os seguintes conceitos de cultura:

Uma cultura consiste nas formas socialmente adquiridas de pensar, sentir e agir dos membros de uma

¹³⁰ BAZTÁN, Ángel Aguirre. 1997. *Cultura e Identidad Cultural: Introducción a la Antropología*. Barcelona: Ediciones Bardenas. p.2-3.

¹³¹ BAZTÁN, Ángel Aguirre. 2004. *La Cultura de las Organizaciones*. Barcelona: Ariel. p.125.

¹³² BAZTÁN, Ángel Aguirre. 1997. *Cultura e Identidad Cultural: Introducción a la Antropología*. Barcelona: Ediciones Bardenas. p.261.

determinada sociedade. As culturas mantêm sua continuidade por meio do processo de inculturação.¹³³

Alguns sociólogos e antropólogos empregam o termo 'social' para se referir às relações entre os grupos dentro de uma sociedade. Para esses cientistas sociais, a cultura consiste nos modos de vida dos membros de uma sociedade à parte, da estrutura de grupo da sociedade. No uso que seguiremos neste livro, grupos sociais e a relação de um grupo social com outro serão considerados como aspectos da cultura. A família, por exemplo, é um grupo social que se conforma e exhibe a cultura de vida doméstica de uma determinada sociedade.¹³⁴

O único ingrediente confiável nas definições antropológicas de cultura é negativo: cultura não é o que você obtém quando estuda Shakespeare, ouve música clássica ou faz cursos de história da arte. Além dessa negativa, reina a confusão. Para alguns antropólogos, a cultura consiste em valores, motivos e regras e significados ético-morais abrangentes que fazem parte de um sistema social. Para outros, a cultura abrange não apenas valores e ideias, mas todo o conjunto de instituições pelas quais os humanos vivem. Alguns antropólogos veem a cultura como consistindo exclusivamente em maneiras aprendidas de pensar e se comportar, enquanto outros enfatizam as influências genéticas no repertório de traços culturais. Finalmente, alguns veem a cultura como consistindo exclusivamente de pensamentos ou ideias, enquanto outros sustentam que a cultura consiste em pensamentos e ideias mais atividades associadas.

Minha própria opinião é que uma cultura são os modos de vida socialmente aprendidos encontrados nas sociedades humanas e que abrange todos os aspectos da vida social, incluindo o pensamento e o comportamento.¹³⁵

Antropólogo social britânico, Edmund Ronald Leach estudou matemática e engenharia na Universidade de Cambridge, chegando à presidente do Instituto Real

¹³³ HARRIS, Marvin. 1987. *Culture Anthropology*. New York: Harper & Row. Publisher, Inc. p.18.

¹³⁴ HARRIS, Marvin. 1987. *Culture Anthropology*. New York: Harper & Row. Publisher, Inc. p.06.

¹³⁵ HARRIS, Marvin. 1999. *Theories of Culture in Postmodern Times*. Walnut Creek, CA: Altamira Press. p.19.

de Antropologia da Grã-Bretanha e reitor da *King's College* de Cambridge. Após formado, atuou por um período de quatro anos como comercial na China, onde descobriu seu interesse por estudos culturais, e ao final desse período, aprofundou-se em antropologia, depois de passar alguns meses nas ilhas próximas a Taiwan, com anotações etnográficas, principalmente sobre as embarcações locais, o que motivou, ao regressar a Inglaterra, a reiniciar seus estudos na Escola de Economia e Ciência Política de Londres, onde conheceu Malinowisk, desenvolvendo trabalhos no Iraque, Birmânia e Bornéu, tornando-se, em 1953, professor da Universidade de Cambridge.

Entre suas várias obras, muitas delas sobre as perspectivas teóricas de Lévi-Strauss, é possível encontrar o trabalho clássico de antropologia social, *Political Systems of Highland Burma: a study of Kachin social structure*, publicado em 1964, no qual menciona a seguinte observação sobre seu entendimento de cultura:

Como este livro pode ser lido tanto por antropólogos americanos como por antropólogos ingleses, preciso enfatizar que o termo cultura, como uso, não é aquela categoria abrangente que é o tema da antropologia cultural americana. Eu sou um antropólogo social e estou preocupado com a estrutura social da sociedade Kachin. Para mim, os conceitos de cultura e sociedade são bastante distintos. Se a sociedade é considerada um agregado de relações sociais, a cultura é o conteúdo dessas relações. A sociedade enfatiza o componente humano, o agregado das pessoas e as relações entre elas. A cultura enfatiza o componente de recursos acumulados, tanto imateriais quanto materiais, que as pessoas herdaram, empregam, transmitem, adicionam e transmitem.¹³⁶

O filósofo britânico Terry Eagleton é professor de Literatura Inglesa da Universidade de Lancaster. Crítico

¹³⁶ LEACH, Edmund Ronald. 1964. *Political Systems of Highland Burma: a study of Kachin social structure*. London: G. Bell and Sons Ltd. p. 16.

do pós-modernismo, possui mais de 40 obras publicadas, entre elas, *The Illusions of Postmodernism*, de 1996, e *Literary Theory: An introduction*, de 1983, que chegou a vender mais de 750 mil cópias em todo mundo. No entanto, é da obra *The Idea of Culture*, publicada em 2000, que é possível destacar a seguinte definição de cultura.

A cultura não é apenas o que vivemos. É também, em grande medida, para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, realização emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último: estes estão mais próximos para a maioria de nós do que as cartas dos direitos humanos ou tratados comerciais.¹³⁷

Com mestrado e doutorado em economia, o primeiro pela Universidade de Chicago e o segundo pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts, Philip Kotler é autor de mais de 150 artigos e 80 livros, grande parte, diretamente relacionada ao *marketing* e aos negócios, sendo alguns, muito populares no mundo acadêmico, como por exemplo, *Marketing Management: Analysis, Planning, and Control*, de 1967, com reedições em diversos idiomas. Também aprimorou e expandiu conceitos importantes para o marketing, como “Prossumidor” (produtor e consumidor ao mesmo tempo), em seu artigo publicado em 1986, *The Prosumer Movement: a New Challenge for Marketers*¹³⁸, e “Marketing Social”, em seu artigo *Social Marketing: An Approach to Planned Social Change*, publicado em 1971 em conjunto com Gerald Zaltman.¹³⁹

¹³⁷ EAGLETON, Terry, 2000. *The Idea of Culture*. Malden: Blackwell Publishers Ltd. p.131.

¹³⁸ KOTLER, Philip. 1986. *The Prosumer Movement: a New Challenge For Marketers*. *An-Advances in Consumer Research*. V. 13, eds. Richard J. Lutz, Provo, UT: Association for Consumer Research, Pages: 510-513.

¹³⁹ KOTLER, Philip; ZALTMAN, Gerald. 1971. *Social Marketing: An Approach to Planned Social Change*. in *Journal o Marketing*. 35 (3): 3-12.

No entanto, é em sua obra de 1987, *Marketing an Introduction*, que é possível identificar duas referências sobre o que é cultura para Kotler, no âmbito do marketing, como é possível ver a seguir:

Cultura O conjunto de valores básicos, percepções, desejos e comportamentos aprendidos por um membro da sociedade com a família e outras instituições importantes.¹⁴⁰

A cultura é o determinante mais básico dos desejos e comportamento de uma pessoa. Os profissionais de *marketing* tentam rastrear as mudanças culturais que podem sugerir novas maneiras de atender aos consumidores. Subculturas são 'culturas dentro de culturas' que possuem valores e estilos de vida distintos. As classes sociais são subculturas cujos membros têm prestígio social semelhante com base na ocupação, renda, educação, riqueza e outras variáveis. Pessoas com diferentes características culturais, subculturais e de classe social têm diferentes preferências de produtos e marcas.¹⁴¹

Formado em engenharia mecânica pela Universidade de Delft e com doutorado em Psicologia pela Universidade de Groninger, o Professor Geert Hofstede foi o fundador do *Personnel Research Department*. Lecionou Antropologia Organizacional e Gestão Internacional na Universidade de Maastricht, atuando ainda como professor em Hong Kong, Havaí, Austrália e Nova Zelandis, além de publicar vários livros e artigos em diferentes idiomas.

Seu filho, Gert Jan Hofstede é um biólogo populacional e professor de gestão da informação da Universidade de Wageningen, onde também concluiu um doutorado em Produção. Com base em trabalhos de seu pai, criou jogos de simulação sobre comunicação

¹⁴⁰ KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. 1987. *Marketing an Introduction*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc. p. 566.

¹⁴¹ KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. 1987. *Marketing an Introduction*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc. p. 151.

intercultural, publicando obras como *Exploring Culture: Exercises, Stories and Synthetic Cultur*, em 2002.

Já Michael Minkov, ou Misho, como é conhecido, é professor da Universidade de Sofia. Atua com palestras sobre Consciência Intercultural. Formado pela Universidade de Sofia, tem mestrado em Linguística, Cultura e Literatura e doutorado em Antropologia Social pela mesma universidade, onde teve Geert Hofstede como um de seus críticos externos de seu doutorado.

A obra *Culture and Organizations: Software and the Mind. Intercultural Cooperation and Its Importance for Survival*, publicada em 2010, é uma revisão ampliada da obra com o mesmo título publicada em 1991, por Geert Hofstede, e onde, entre outras coisas, explica as diferenças das culturas organizacionais para as culturas nacionais, e onde é possível destacar dois pontos importantes sobre conceito e definição de cultura, um do primeiro livro e outro da obra publicada em 2010.

Na antropologia social, cultura é uma palavra-chave para todos os padrões de pensamento, sentimento e ação mencionados nos parágrafos anteriores. Incluem-se não apenas atividades destinadas a refinar a mente, mas também as coisas comuns e subalternas da vida: saudar, comer, mostrar ou não sentimentos, manter certa distância física dos outros, fazer amor e manter a higiene corporal.¹⁴²

A cultura consiste nas regras não escritas do jogo social. É a programação coletiva da mente que distingue o membro de um grupo ou categoria de pessoas de outro. A cultura é aprendida, não inata. Deriva do ambiente social de uma pessoa, e não de seus genes. A cultura deve ser distinguida da natureza humana de um lado e da personalidade de um indivíduo do outro, embora exatamente onde estão as fronteiras entre natureza e cultura, e entre

¹⁴² HOFSTEDE, Geert. 1991. *Culture and Organizations: Software and the Mind. Intercultural Cooperation and Its Importance for Survival*. New York: Mc Graw Hill. p.5.

cultura e personalidade, seja uma questão de discussão entre os cientistas sociais.¹⁴³

2.7 Problemática do Conceito de Cultura

Após observar os conceitos e definições de cultura até aqui apresentados, assim como o contexto histórico e acadêmico de cada um dos autores responsáveis pelas obras destacadas, é possível mencionar alguns aspectos importantes para o entendimento da história do termo e do seu significado ao longo dos anos. O primeiro deles talvez seja a sua origem geográfica e consolidação como termo ocidental.

Criado no eixo Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos da América, o termo cultura e seu significado antropológico adquiriu consistência e consolidou-se em nível científico na primeira metade do século XX. Embora ainda, popularmente, mantenha forte conotação hierárquica, de grau de instrução ou conhecimentos acadêmicos, cientificamente não há dúvidas quanto ao seu significado relacionado às ações humanas, independente do grau de instrução.

E embora não haja consenso, todos os pesquisadores consultados subentendem, mais ou menos, o que é cultura. Salvo os casos de alguns estudiosos da pós-modernidade que, inclusive, questionam a existência de tal elemento na identidade humana, sugerindo tratar-se de uma criação teórica de antropólogos e sociólogos a fim de melhor entender e interpretar as ações humanas.

Outro aspecto perceptível tem a ver com a grande quantidade de citações de definições e conceitos de cultura, apresentada na primeira metade do século XX, e

¹⁴³ HOFSTEDE, Geert; HOFSTEDE, Gert Jan; MINKOV, Michael. 2010. *Culture and Organizations: Software and the Mind*. Intercultural Cooperation and Its Importance for Survival. New York: Mc Graw Hill. p.6.

que tem como razão alguns fatores importantes de mencionar.

Primeiro, sua profunda relação com o culturalismo norte americano, fundado por Franz Boas, e que tentou buscar no conceito e definição de cultura o seu objeto de estudo, opondo-se as ideias iluministas e ao evolucionismo cultural do século anterior.

Em seguida, podemos lembrar ainda que foi justamente nos Estados Unidos da América que a antropologia ganha mais notoriedade, consolida-se como disciplina acadêmica de estudo multidisciplinar, produzindo a maior quantidade de autores e pesquisadores do tema. Quase todos formados em sociologia, alguns em psicologia e poucos diretamente em antropologia, ciência academicamente mais recente.

Não devemos esquecer, no entanto, que apesar de Alemanha e Inglaterra terem um vasto material teórico sobre estudos antropológicos no século XIX, será a Inglaterra, na primeira metade do século XX, a nos fornecer antropólogos como Malinowski, ou mesmo, França, com seu grande expoente, o pai do estruturalismo, Claude Lévi-Strauss.

Um outro fator que tem algum peso no volume de definições e conceitos aqui citados neste período tem a ver com a própria pesquisa apresentada. E está relacionado ao acesso às primeiras edições de obras bibliográficas do período que, no caso dos Estados Unidos da América, proporciona um melhor acesso, menos burocrático e mais facilitado pelas ferramentas on-line. Além disso, a obra de Alfred Louis Kroeber e Clyde Kluckhohn, *Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions*,¹⁴⁴ forneceu um caminho por onde iniciar as buscas de conceitos e definições que, de outra forma, dificilmente encontraria. Embora, devido à impossibilidade

¹⁴⁴ KROEBER, Alfred Louis; KLUCKHOHN, Clyde. 1952. *Culture: A Critical Review of Concepts And Definitions*. Cambridge: Published by The Museum.

de verificação, várias definições e conceitos apresentados por eles não puderam ser aqui citados.

Um terceiro aspecto perceptível refere-se à segunda metade do século XX, quando já encontramos um novo panorama no que tange aos autores e às obras que apresentam definições ou conceitos de cultura. Apesar de alguns ainda serem antropólogos, sociólogos ou historiadores, surge também *designs*, economistas e pesquisadores de *marketing* que encontram no conceito e definição de cultura uma ferramenta adequada para suas pesquisas e publicações.

Parece que um conceito ou definição para cultura deixou de ser o objetivo da antropologia no final desse período. As novas correntes de finais do século XX e início do século XXI mostram que a busca por um conceito ou definição que traga entre pesquisadores das ciências humanas deixou de ser o foco principal, e até mesmo, objeto de contestação, de alegações de que cultura não passa de uma construção fictícia ocidental, criada por antropólogos.

Contestações à parte, vale a pena lembrar que mais do que uma ferramenta para as ciências humanas, o conceito ou definição de cultura é extremamente importante como parâmetro dos estudos culturais que têm vindo a ser cada vez mais abrangentes na própria antropologia pós-moderna.

Ainda, à medida que os estudos humanísticos passaram a se especializar, tornou-se necessário balizar características próprias da cultura. Pensar e utilizar conceitos e definições passou a ser fundamental para formulação de outros conceitos mais diversos e especializados como o de identidade cultural, aculturação, sobreculturalidade, comunidade cultural, identidade cultural, cultura de massas e tantos outros fundamentais para o entendimento do mundo pós-moderno.

Nesse sentido, é válido relembrar que o conceito apresentado por Tylor, há 150 anos, surgiu como

ferramenta de base para seu trabalho *Primitive Culture*, e de muitos outros depois dele, seguindo ainda hoje como a definição mais citada nos estudos acadêmicos das mais diversas áreas, sendo ainda, a matéria prima de boa parte dos conceitos formulados ao longo do século XX.

À primeira vista, Tylor apresenta um conceito claro, simples e abrangente, que, segundo Kroeber e Kluckhohn, teria permanecido, por algumas décadas, como o único conceito científico de cultura, utilizado até o final do século XIX e início do XX. Porém, à medida em que a antropologia se consolidava como ciência autônoma, começaram a surgir outros conceitos cada vez mais abrangentes e adaptados a outras correntes de pensamento.

Dessa forma, para termos uma noção mais clara de tal diversificação dos conceitos de cultura em finais do século XIX e primeira metade do século XX, é possível verificar que até 1900, mesmo com a existência de outros conceitos de cultura, o de Tylor permaneceu como o mais popular.

Neste trabalho, por exemplo, foi possível identificar seis conceitos ou definições claras de cultura até o ano de 1900, conceitos e definições que podem ser consideradas modernas para seu tempo. Além de outras quatro referências, onde a ideia de cultura se apresenta implícita, mas claramente dentro da ideia antropológica do século XX.

Voltando a Tylor e sua definição de cultura, o antropólogo espanhol Ángel Aguirre Báztan destaca três pontos específicos dessa definição que merecem análise. O primeiro é a referência ao “todo complexo”, numa globalidade do conceito; O segundo, a expressão “produzido pelo homem”, evocando produção humana, e o terceiro, o complemento “enquanto membro de uma sociedade”, indicando que se trata de um conceito coletivo, não individual; portanto, não seria possível considerá-lo como

resultado de atos praticados por um único indivíduo sem um contexto próprio e abrangente¹⁴⁵.

Nessa definição, podemos perceber ainda que o foco está nas manifestações culturais, não individuais, ou que dependem do coletivo. Ainda notamos que a definição de Tylor nada mais faz do que enumerar manifestações culturais, uma vez que o objeto de estudo da antropologia, cultura, só pode ser analisada através de suas manifestações individuais ou coletivas, o que já começa a apontar alguma deficiência tanto na definição de Tylor como na maioria dos conceitos e definições aqui apresentados.

Além disso, numa rápida análise, entre outros aspectos, percebemos que Tylor, assim como Kroeber e Kluckhohn e tantos outros autores, fazem referência ao que é adquirido e transmitido, sem lugar para criação de novos elementos, característica indispensável para a compreensão da cultura no século XXI.

Um segundo conceito de cultura que marcou o início do século XX foi publicado por Kroeber, no volume 19 da revista *American Anthropologist*, em 1917: o artigo *The Superorganic*¹⁴⁶. Assim como Tylor, Kroeber utilizou o termo cultura como sinônimo de civilização, contrapondo o não orgânico (cultura) ao orgânico (biológico), utilizando o termo *Culture* apenas seis vezes, enquanto *Civilization* foi mencionado ao menos, cinquenta e uma vezes no artigo.

Aluno de Franz Boas, Kroeber ficou conhecido inicialmente por esse artigo, ainda hoje citado em muitos trabalhos acadêmicos por todo mundo, servindo de base para formulação de muitos outros conceitos e definições de cultura ao longo da primeira metade do século XX. Seu conceito destaca o diferencial humano diante da natureza, uma “evolução” que ultrapassa o biológico,

¹⁴⁵ BAZTÁN, Ángel Aguirre. 2004. La Cultura de las Organizaciones.

¹⁴⁶ KROEBER, Alfred Louis. 1917. The Superorganic. *American Anthropologist*, vol. 19 N. 02, p. 163-113. p.165.

através das invenções e desenvolvimento tecnológico sem alterações biológicas.¹⁴⁷

O “superorgânico” de Kroeber não trouxe novas informações nem substituiu o conceito de Tylor, mas lançou uma nova interpretação sobre o que é cultura em contraposição ao biológico, embora ainda tenha utilizado como sinônimo de civilização, o que deixou de fazer nos trabalhos dos anos seguintes.

Uma terceira definição de cultura que chama atenção é de autoria do próprio Franz Boas, publicada já na década de 1930, como verbete “Antropologia” da *Encyclopedia of the Social Sciences*¹⁴⁸. Embora quase nunca citada e pouco conhecida, a definição de Franz Boas enfatiza a condição do convívio em sociedade, destacando a relação com a natureza e o comportamento subjetivo do homem.

Porém, diferente da maioria dos conceitos e definições apresentadas ainda hoje, Boas não destaca a cultura como uma contraposição em relação à natureza, diferencial entre os homens e os animais não humanos, chegando a inferir que muitos dos comportamentos culturais dos humanos talvez sejam partilhados também por animais não humanos, declarando que há uma lacuna entre os aspectos da cultura humana e os hábitos dos animais.

Nesse sentido, da mesma forma como Franz Boas definiu as linhas da antropologia do início do século XX, com teorias e metodologias além de seu tempo, podemos perceber que sua definição apresentada já na década de 1930 pode ter aspectos mais atuais do que muitos dos conceitos da segunda metade do século XX, principalmente quando passamos a perceber um maior interesse da ciência na vida de animais não humanos em busca de

¹⁴⁷ KROEBER, Alfred Louis. 1917. The Superorganic. *American Anthropologist*, vol. 19 N. 02, p. 163-113. p.165.

¹⁴⁸ BOAS, Franz. 1930. Anthropology. *Encyclopedia of the Social Sciences*, vol. 2, New York: Macmillan Company. p. 73-110. p. 79.

aspectos que possam explicar muitas das características culturais humanas.

Por fim, um quarto conceito que é possível destacar entre os conceitos e definições aqui apresentados é o de Leslie White, que surge na década de 1940, consolidando-se na década de 1950¹⁴⁹, centrando todas as características da cultura em uma habilidade peculiar à espécie humana, a capacidade de simbolizar, ou “simbolizar”.

A definição de cultura como elemento que diferencia o homem dos animais está presente no conceito de Leslie, no entanto, essa diferença é a capacidade humana para gerar símbolos, não apenas elementos com significado, mas com poder simbólico para além da simples tradução do símbolo em informações práticas com o objetivo único de sobrevivência. E embora diferente dos conceitos anteriores até então, o conceito de White mantém muitas das características das definições e conceitos anteriores, mas apresentou um novo elemento na ideia de cultura.

Não contesta tudo que já se disse a respeito de cultura, mas traz algo novo como a interpretação ou a forma como a cultura material, já mencionada por tantos conceitos e definições, é formada, acabando ainda por reforçar o objetivo “sobrevivência” e o diferencial entre a capacidade humana e dos animais não humanos.

Seu conceito encontra opositores e críticos em vários níveis, ao mesmo tempo que mantém ainda um grande número de teóricos que não só enfatizam essa característica da cultura, como também seguem divulgando-a e aplicando-a a seus trabalhos.

De todos os conceitos e definições apresentados, uma característica constante é a ênfase na cultura material, na produção de ferramentas, na capacidade de aprendizado, transmissão e aprimoramento, assim como

¹⁴⁹ WHITE, Leslie Alvin. 1949. *The Science of Culture: A Study of Man and Civilization*. New York: Grove Press. p. 363.

de acúmulo de invenções. Não há menção ao chamado “efeito catraca”, por exemplo: a capacidade de gerar novas criações, partindo de criações anteriores, mas a ideia está intrínseca em muitos deles.

O século XXI trouxe um novo parâmetro para entendimento do que pode ser considerado cultura, ou melhor, o que não pode ser considerado cultura, e não é algo que nos ajude a definir, mas talvez, coloque por terra tudo que já definimos até então.

A própria criação humana nos leva a repensar os conceitos de cultura do século XXI lançando novas condicionantes para o termo, seja por conta das novas máquinas informáticas, capazes de armazenar dados de forma exponencial, seja pela própria inteligência artificial, capaz de aprender através do convívio com qualquer ser humano.

Não é por ter uma capacidade de armazenamento de dados, resolver uma infinidade de cálculos e até aprender através da relação com humanos que uma máquina dotada de inteligência artificial possui cultura. Cultura não é apenas a construção de ferramentas, sejam simples ou complexas, nem a capacidade de armazenar informações e transmitir a terceiros, nem a capacidade de resolver problemas de forma imediata ou produzir conhecimento até então inexistentes. Cultura é algo mais do que isso, e talvez por essa razão segue ainda hoje sem um consenso esperado.

3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE CULTURA

Podemos dizer que cultura é todo complexo por trás das respostas internas e externas dos indivíduos aos estímulos internos, do próprio corpo, e externos, do ambiente em que está inserido, seja ele social ou natural. Essas respostas, por vezes, visíveis através das manifestações culturais, podem revelar um pouco dos aspectos culturais de um indivíduo ou da comunidade em que vive, muitas vezes com características que se assemelham entre os membros dessa mesma comunidade, principalmente por possuírem um repertório cultural semelhante.

Essas respostas, traduzidas em sentimentos ou ação, por exemplo, poderão ser motivadas por um estímulo interno, seja ele um sentimento como a ansiedade provocada pela falta de perspectiva futura, ou externo, como uma situação de perigo, por exemplo, poderão, ao mesmo tempo ser consideradas um estímulo provocador de uma determinada reação, seja ela o enfrentamento ao perigo ou a proteção com armas, abrigos ou de rituais e divindades. Ou, reação, uma resposta aos estímulos que resultam na produção de hormônios, recordações e conjecturações específicas diante de determinada situação.

Todo este complexo forma o conjunto de ações desencadeadas de forma multilateral, sempre com base no repertório cultural acumulado pelo indivíduo e manifestado através destas ações.

Em outras palavras, podemos dizer que cientificamente todos os dias são iguais, mas a sociedade convencionou significados para alguns dias que podem ser considerados especiais e que motivam determinadas reações, sejam elas padronizadas, em uma comunidade, ou individualmente, com base nos conhecimentos, no repertório cultural do indivíduo ou do grupo. No caso, a convenção que transforma um dia comum em dia especial, domingo, natal, ano novo chinês ou qualquer outra

data referencial, é criada como reação individual ou coletiva para a necessidade de fazer frente às ansiedades que o futuro incerto proporciona, problema que se resolve através da ciclicidade do tempo, da rememoração de determinados episódios culminantes da vida comunitária ou na ênfase de um protetor divino que livrará dos perigos futuros.

A música, as artes plásticas, a dança, ou qualquer outra expressão artística, são respostas individual ou coletiva a estímulos internos, sentimentos gerados por hormônios com base em repertório cultural e em todo contexto social e físico que proporciona, junto de habilidades individuais, formas de expressão capazes de provocar reações em si e em outros indivíduos. Essas respostas, e mesmo os estímulos que as provocam, dependem de uma panóplia de elementos e situações que moldam cada uma delas: hormônios, sentidos, emoções, recordações, ações, entorno, conhecimentos, capacidade física e intelectual, aprendizado e tantas outros condicionantes que se moldam ao longo da vida de um determinado indivíduo ou grupo.

Parte dessas referências tende a adquirir autonomia a nível imaterial numa dinâmica onde as informações passam a não pertencer a um único indivíduo ou comunidade, numa rede de conexão que faz com que esteja em todos os lados e em lugar nenhum ao mesmo tempo. Fora isso, o “homem cultural” poderá se assemelhar a qualquer outro animal não humano que, por instinto ou aprendizagem, mantém-se vivo de forma autônoma, também por suas respostas aos estímulos internos e externos, inatos ou adquiridos ao longa da vida. Embora, diferenciando-se do homem por características inerentes aos humanos, que vão desde as concepções das redes mentais que ligam membros de gerações diferentes e distanciadas umas das outras no tempo e no espaço, até aspectos físicos e biológicos como a capacidade de

uma comunicação complexa capaz de expressar até as mais imperceptíveis informações, físicas ou emocionais.

Nesse sentido, cultura é algo “não visível”, existindo apenas no inconsciente individual e coletivo, restando ao antropólogo apenas estudar suas manifestações traduzidas em ritos e ações, seja uma dança, gosto musical, culinária, religião, hierarquia, até as emoções provocadas ao ouvir um som ou reconhecer determinado objeto como simbólico.

É através de ferramentas como a etnografia e a etnologia que se torna possível identificar características próprias de uma cultura, de uma identidade cultural, o que não significa ter acesso a cultura em si, sem que seja através de deduções ou da criação de teorias. E este é o objeto de estudo da antropologia desde seu surgimento: “deduzir a cultura”.

Quando estudamos uma comunidade específica, um grupo etnográfico com costumes e tradições próprias, percebemos as semelhanças nas formas como esses indivíduos respondem aos estímulos internos e externos, através das manifestações culturais, isto porque as informações e a forma de organizá-las tendem a se “padronizar” ou a assemelhar-se.

É por isso também que as manifestações culturais dos membros de um mesmo grupo parecem familiares aos olhos de um estranho, ao mesmo tempo que aos olhos de um dos membros do grupo, essas semelhanças são menos perceptíveis do que as diferenças entre seus pares. Isso porque há uma individualidade inevitável na forma como cada um responde aos estímulos, mesmo que sejam portadores de um repertório cultural semelhante.

Deve-se ter em conta que os rituais, a religiosidade, a organização familiar, a hierarquia social, até mesmo a arte são formas de respostas aos estímulos e necessidades internas e externas do indivíduo. Tudo isso em busca de equilíbrio social, segurança grupal ou individual, sensação de domínio, equilíbrio hierárquico ou

mesmo uma forma de comunicar sentimentos frutos da interação social.

A capacidade da fala e de uma linguagem complexa, ou a possibilidade de caminhar de forma ereta, somada à capacidade do encéfalo, e não apenas do cérebro, entre muitas outras capacidades, permite a existência do que chamamos de cultura nos humanos, e isso é, sem dúvida, uma vantagem biológica competitiva para o homem em seu meio.

Contudo, essa mesma vantagem, a cultura, se apresenta também como um déficit, uma vez que retira do homem aquilo que garante a sobrevivência de muitos outros animais não humanos: o instinto. E uma vez que, até o momento, acredita-se que o humano é o único animal que nasce sem qualquer informação instintiva, ele necessita inevitavelmente, da construção de um repertório cultural que garanta a sua sobrevivência e integração social.

Em outras palavras: diferente dos outros animais, o homem nasce sem instinto e com a necessidade de desenvolver o que podemos chamar de repertório cultural, um conjunto de informações que são interpretadas e armazenadas de acordo com sua forma de organizar informações e pensamentos, sempre com base em sua experiência simbólica e concreta. Cada ato, cada informação ou cada código não será interpretado puramente pelo seu “significado mecânico”, mas por todos as memórias e sentidos presentes em seu repertório cultural e que estejam associados ao ato, informação ou código presente. Sua mente surge como um conjunto de páginas em branco, e graças à comunicação, verbal e não verbal, e todas as outras formas de transmissão de conhecimentos, incluindo os vários sentidos humanos, esse repertório vai sendo preenchido de forma a reproduzir aquilo que é comum no meio em que o indivíduo vive, sua comunidade, seu meio natural, biológico e social, sua identidade.

De forma mais prática, podemos lembrar das histórias orais, lendas e mitos que explicam o passado nos povos iletrados; mas mais do que isso, os ritos e as reações a elementos sagrados ou naturais, internos e externos, fundamentais para o aprendizado e a formação do repertório cultural de qualquer novo integrante de uma comunidade. As reações de seus pares a determinadas situações, as respostas ou posição que ocupam, até a forma como a sociedade é organizada. Cada indivíduo observa o outro de forma hierárquica, superior, inferior ou como iguais, posicionando-se em meio a todos os ritos do grupo em que vive.

Tudo isso preenche trechos do repertório cultural, construindo a cosmovisão e as ferramentas necessárias para as relações, as soluções para ansiedades humanas e coletivas e para todos os outros elementos que formam a cultura individual e da comunidade, num processo de evolução lenta e conjunta entre tangível e intangível, desde os antecessores dos primeiros hominídeos, animais com cérebro cada vez mais desenvolvidos e capazes de organizar ideias e estratégias. Um processo tão lento quanto à própria mudança biológica, alterando a forma de organizar pensamentos e, conseqüentemente, o mundo ao seu redor.

No entanto, ao criar um repertório cultural específico, o indivíduo adquire capacidade de se adaptar, sobreviver e tirar o melhor proveito de seu ambiente. Quanto mais adaptado, quanto mais vasto for seu repertório cultural, maior será a facilidade de sobrevivência e o seu aproveitamento do entorno. Isso serve tanto para o morador de um bairro de periferia de qualquer metrópole, quanto para um executivo de qualquer multinacional ou para os membros de uma tribo distante das inovações tecnológicas com poucos contatos com mundo urbano.

O repertório cultural de um membro de qualquer comunidade indígena isolada na floresta amazônica é tão importante para o indivíduo e sua comunidade quanto o

repertório cultural de um engenheiro civil a viver em uma grande cidade ou de um morador de qualquer bairro de periferia numa das grandes metrópoles mundiais. Nos seus contextos, são extremamente importantes para a sobrevivência de qualquer um destes indivíduos. Portanto, não há “repertório cultural” melhor ou pior.

Se esse repertório tiver sido criado ao longo de anos de educação familiar, formal ou através da observação do ambiente e se suprir as necessidades de informações sobre o ambiente em que o indivíduo irá se inserir, o resultado será satisfatório. Caso o repertório cultural acumulado pertencer a um ambiente diferente do que aquele ao qual o indivíduo está inserido, ele terá problemas em garantir sua sobrevivência no novo meio.

É como deslocar um indivíduo de uma tribo isolada no Amazonas para uma grande cidade como Londres, ou deslocar um taxista londrino para o meio da floresta amazônica, ambos, com seus repertórios culturais completos para o meio em que vivem. Apesar de o taxista londrino ter decorado mais de 25 mil nomes de ruas e a localização de mais de 100 pontos de interesses da cidade de Londres, requisito indispensável para obtenção de sua licença, e de o indígena ter conhecimento vasto e completo sobre caça, pesca, plantas medicinais e toda forma de sobrevivência na floresta, ambos teriam dificuldades em sobreviver sem apoios em seu novo meio.

Não há um momento específico para o surgimento do que chamamos de cultura nos humanos. Tratou-se de uma adaptação contínua e longa em que os fatores que caracterizam a cultura humana foram surgindo aos poucos. A compreensão da natureza e a resposta aos elementos passaram a ser pensados e refletidos, até a consciência de si próprio.

Poderíamos inferir que o primeiro *homo sapiens*, já com as mesmas características biológicas dos humanos anatomicamente modernos, não se diferenciava fisicamente e biologicamente de qualquer profissional

liberal da atualidade. Vivendo em cavernas há 50 mil anos, os *homo sapiens*, sobrevivendo da caça e da coleta, e constituindo família sem a necessidade da escrita, ou de conhecimentos formais de economia ou engenharia, supriam suas necessidades básicas, utilizando sua capacidade intelectual, sem um repertório cultural mais abrangente ou técnico.

3.1 O Papel da Herança Cultural

O homem é o único animal que necessita de uma herança cultural, tal e qual a herança genética, sem a qual não sobrevive no meio em que se desenvolve. E diferente da genética, essa herança pode vir não só de seus antepassados recentes, mas também de gerações muito distantes no espaço e no tempo, ou de membros da comunidade sem conexão genética ou até mesmo de animais não humanos.

Alguns dos mais icônicos exemplos dessa transmissão entre animais não humanos e humanos podem ser encontrados em lendas ou histórias já bem conhecidas, muitas vezes documentadas, e que refletem perfeitamente a dinâmica da capacidade humana de aprendizagem.

Um dos exemplos mais interessantes é fornecida por uma história de ficção, criada em 1912 pelo escritor americano Edgar Rice Burroughs, primeiro na revista *All-Story Magazine*, depois, em 1914, em formato de livro, e mais tarde, em 1918, difundindo-se como um dos filmes mais icônicos e clássicos da história do cinema, e que narra as aventuras do filho de um casal de aristocratas ingleses, que, após a morte dos pais biológicos, passa a ser criado por primatas.

Tarzan comportava-se como um primata, mas adquiriu todos os seus conhecimentos ao longo da criação junto de sua “família adotiva”. O drama, comum em muitas outras histórias que se confundem com o mundo real

é a adaptação do “homem macaco” ao mundo “civilizado”. Problema encontrado mesmo por humanos criados por outros humanos ao se adaptarem a contextos e grupos sociais diferentes do de sua criação, sejam eles migrantes ou refugiados.

Outro exemplo vindo da ficção, que também é de conhecimento geral, é a história de Mogli, contada na obra *The Jungle Book*, uma coleção de sete contos publicada em 1894 por Rudyard Kipling e que narra as aventuras de Mogli, um jovem indiano criado por lobos. Mais tarde, a história também foi adaptada para o cinema, dessa vez pela Walt Disney Company, em 1967.

São muitas as reflexões possíveis em relação a esses e outros exemplos, e prendem-se ao fato de que, possuindo os mesmos conhecimentos dos seus “pais adotivos”, esses mesmos conhecimentos poderiam ser considerados cultura no homem e não cultura nos animais não humanos. O quesito fundamental seria o fato de não se tratar de conhecimentos instintivos no homem, ao contrário dos primatas e lobos, cujo comportamento, a princípio, seria inato.

Como esses, é possível citar vários outros exemplos. David Le Breton relata alguns desses casos em sua obra *Les Passons Ordinaires: Anthropologie des émotions*, publicado em 2004. Detalhando dois outros casos específicos e documentados, o caso de Amala e Kamala, criadas por lobos e encontradas em 1920, em Midnapur, na Índia, e o caso de Victor de Aveyron, “capturado” em 1800, em Aveyron, na França. Caso esse que serve de fonte para obra de Lucien Malson, que chegou a catalogar cinquenta desses episódios em várias partes do mundo, em *Wolf children and the problem of human nature*¹⁵⁰, inspirada nos relatos de Jean Itard, e publicada em 1972, e

¹⁵⁰ MALSON, Lucien, 1964. *Les Enfants Sauvages: Mythe Et Realite*, Par Lucien Malson; *Suivi de Memoire Et Rapport Sur Victor de L'Aveyron*, Par Jean Itard. Paris: Union Générale d'Editions.

cuja críticas revelaram que alguns dos casos poderiam se tratar de fraudes.

Esses relatos e apontamentos mostram que, para além das questões culturais, a própria biologia humana sofre alterações profundas de acordo com o repertório cultural adquirido e as condicionantes do entorno ao longo dos anos de convívio com animais não humanos, como por exemplo, a insensibilidade ao frio ou o aprimoramento da visão noturna, além das consequentes adaptações ao modo de vida de seus “pais adotivos”, como maxilares proeminentes e calosidades nas palmas das mãos, pés e cotovelos, entre outros.

Nos casos de ficção apresentados, ambos personagens humanos não trazem consigo quase nada de “humanidade” em seu nascimento, apenas o fato de aprenderam com os seus “pais adotivos” aquilo que seria necessário para sobrevivência no meio em que se desenvolveram.

Esses dois exemplos confirmam o fato de o homem nascer sem uma carga cultural própria, mesmo sem instinto que o faria sobreviver em um ambiente hostil, adotando forma de comunicação e outros aspectos de suas “famílias adotivas”, ao mesmo tempo que, à medida que entram na sociedade humana, começam a adquirir informações e elementos culturais do núcleo em que passam a conviver.

Da mesma forma que aprendem a sobreviver com aquilo que observam como exemplo de suas “famílias adotivas”, também percebemos que não adquirem nada do que é reconhecido como fundamental na definição de cultura humana, apesar de o fato de terem aprendido sem utilizar o instinto por si só seria considerado uma característica cultural.

No entanto, não podemos esquecer que mesmo alguns dos mais simples dos animais não humanos necessitam de informações adquiridas, seja de seus ascendentes, seja da própria natureza, num processo de

aprendizagem longo e contínuo. O que nos leva a perceber que conhecimento e aprendizagem não são, por si só, cultura, reforçando o fato de que, mesmo os mais potentes computadores, dotados da mais avançada inteligência artificial, apesar de toda sua capacidade de armazenamento e aprendizagem, não possui o que poderíamos considerar como cultura.

Voltando mais uma vez aos exemplos citados, é possível encontrar alguns requisitos indispensáveis para o desenvolvimento do que poderia ser chamado de cultura nos humanos, entre eles, a estrutura física e biológica, preparada para receber conhecimentos não inatos através do convívio com outros indivíduos, sejam eles humanos ou animais não humanos, o que possibilita o aprendizado e o desenvolvimento de conexões e informações úteis, concretas ou simbólicas, para sua existência.

Tratando-se de estrutura físico-biológica, essa regula desde as questões hormonais, incluindo as emoções, passando pela capacidade de comunicação básica do homem, até as habilidades de manipulação fina de ferramentas, com a ponta dos dedos, por exemplo. Não só fisicamente: membros posteriores, inferiores, órgãos dos sentidos. Mas também, intelectualmente: pequenas alterações genéticas responsáveis por mudanças nas conexões e sinapses cerebrais que proporcionam a aquisição de habilidades exclusivas aos humanos, e que, ao longo da evolução biológica, permitiram também uma “evolução” nas capacidades culturais do homem, durante sua transição entre hominídeo e *homo sapiens*.

Foi um processo de formação lento e contínuo, e que não teve base apenas no período presente em que o indivíduo vive. O repertório cultural do homem contemporâneo, na atualidade, tem elementos tão antigos quanto a própria existência humana. A herança recebida do passado através de histórias, ações, ritos, mesmo

imperceptíveis, nos conecta aos primeiros ancestrais da história humana.

A manipulação do fogo, a invenção da roda, a domesticação de plantas e animais, a fala e a linguagem, técnicas e costumes milenares que passam de geração em geração, e que por vezes, saltam de uma geração para outras muito distantes no tempo através de sinais e mensagens escritas, são alguns desses elementos.

Facilmente, podemos identificar características atuais herdadas do Império Romano, ou da Grécia Antiga, há mais de dois mil anos. Apesar de existirem muitas outras características imperceptíveis, ou invisíveis à nossa percepção, mas que influenciam fortemente as nossas respostas aos estímulos internos e externos. Seja ela a ideia de luz que ilumina, na qual o fogo de *Prometeus* ainda nos influencia ao associar luz com sabedoria, ou a forma como entendemos e reconhecemos símbolos sagrados, que pode anteceder, e muito, às primeiras figuras sagradas produzidas pela humanidade, quem sabe mesmo antes das pinturas rupestres encontradas em cavernas por todo mundo.

A história do que chamamos de “cultura ocidental” tem muito mais do que dois mil anos, mais do que 10, 20 ou 30 mil anos, e são transmitidas de geração em geração. Os medos, as crenças e os significados ocultos em símbolos sagrados, apesar de não nascerem conosco, são inseridos em nosso repertório cultural de forma contínua, nas relações familiares, sociais e até acadêmicas. Estamos estreitamente conectados aos “homens da caverna”. Os primeiros hominídeos ainda vivem em nossas mentes e são retransmitidos de geração em geração.

Assim, cultura adquire mais uma dinâmica, numa analogia com a “nuvem” tão comum na linguagem informática, para definir aquilo que está em todo lugar e em lugar nenhum ao mesmo tempo. Nessa conotação, cultura é muito mais do que um só indivíduo, e é maior do que aquilo que uma determinada comunidade

compartilha. Existe através de uma rede de conexões em uma determinada sociedade, independente do tempo de vida de um determinado indivíduo ou grupo de indivíduos.

3.2 A biologia e os Animais não Humanos

Entretanto, cultura não depende apenas de um cérebro capaz de armazenar e processar dados, mas de capacidades físicas e biológicas próprias, embora as capacidades cerebrais sejam por si só características físicas e biológicas. O homem precisou desenvolver muitas outras características físicas para chegar ao que chamamos de cultura, passando por suas habilidades manuais, poder de comunicação, ou ainda a forma de reprodução e transmissão de conhecimento.

O processo de formação de tais habilidades foi contínuo, e não é apenas histórico. O neurocientista português António Rosa Damásio, em sua obra *Descarte's Error: Emotion and the human brain*, publicada em 1994, fala dos marcadores somáticos gerados através das experiências ao longo da vida, e da estrutura neural capaz de processar sinais relativos ao comportamento pessoal e social.

Neste mesmo sentido, o geneticista britânico Adam David Rutherford, em sua obra *The book of Human: The story of How we Became US*, publicada em 2018, apresenta a importância do surgimento de determinados genes ao longo da evolução humana, que proporcionaram as diferenças que percebemos hoje entre humanos e primatas. O “gene” HACNS1, sigla para *Human-accelerated conserved non-coding sequence 1*, por exemplo, seria responsável pela destreza e capacidade de manipulação fina das mãos humanas, enquanto o FOXP2 auxilia na fala, de forma que apesar dos milênios que nos separam de um antecessor comum aos primatas, seguimos

adquirindo e evoluindo biologicamente ao longo dos últimos milênios.

Em 1959, Mischa Titieiev dizia que “Não há como entender como a cultura surgiu sem levar em conta as maneiras pelas quais a biologia do *Homo sapiens* difere da de outros animais desprovidos de cultura”¹⁵¹. Justamente por essa razão, os estudos com primatas e de outros animais não humanos torna-se fundamental para aprofundar o conhecimento das capacidades e da cultura humana, e tem sido objeto de estudos de antropologia por todo mundo, muitas vezes, embrenhados em florestas, convivendo com primatas e outros animais não humanos.

Voltando mais uma vez aos nossos exemplos, poderíamos dizer ainda que a necessidade que um ser humano tem de ser “cuidado” por outros animais, humanos ou não humanos, é uma consequência da sua estrutura física ao nascer, e é, sem dúvida, indispensável para o desenvolvimento da sua cultura. Essas são características comuns a muitos animais não humanos, como a maioria das aves ou mamíferos que cuidam e defendem suas proles por um longo período. No entanto, realmente não é algo tão comum na natureza.

As tartarugas marinhas, por exemplo, jamais conhecerão seus pais. E certamente, o mundo não é hoje dominado por polvos, um dos animais mais inteligentes da natureza, por mera “casualidade inata” que faz com que polvos recém-nascidos, jamais conheçam seus pais, ou vivam em comunidades, o que inviabiliza a transmissão de conhecimento intergeracional.

Os filhotes de polvo, eventualmente, apenas conhecem sua progenitora no momento do seu nascimento, que coincide muitas vezes com a morte dela. E apesar de serem extremamente inteligentes, e dotados de características capazes de produzir comunicação complexa, tudo

¹⁵¹ TITIEEV, Mischa. 1959. Introduction to Cultural Anthropology. New York: Holt, Rinehart and Winston. p. 436.

que sabem foi o que adquiriram durante sua vida, no convívio com a natureza ou no raro convívio com outros animais da mesma espécie. Mesmo assim, nos surpreendem a cada nova descoberta.

A necessidade da relação com outros seres para que haja cultura é exemplificada no caso dos personagens já citados, desde que consideremos o conhecimento adquirido por humanos junto a primatas como cultura. No caso, justamente por sua incapacidade física de se defenderem ou adquirirem subsistência sem a assistência de terceiros, não existirá cultura, nem humanos, se não houver um convívio, uma relação entre um humano e outro animal, humano, ou não humano, numa inter-relação de troca, mesmo que de farpas.

No entanto, quando se trata de cultura material, as coisas são mais claras. Podemos lembrar que muitos primatas possuem um repertório de ferramentas utilitárias com técnicas de produção própria e usos específicos para cada ferramenta, transmitido de geração para geração. Chipanzés ou Bonobos possuem ainda um repertório de cultura material que pode se diferenciar entre grupos e regiões distintas. E esse é um conjunto de característica suficiente para gerar discussão a respeito da existência de cultura entre os animais não humanos. A falta de um conceito ou definição de cultura que possibilite um consenso não ajuda muito no debate, sobretudo quando as afirmações de que alguns primatas não possuem cultura estejam fundamentadas em argumentos não objetivos.

Cultura pode ser algo inerente aos humanos, talvez próprio dos humanos, também do indivíduo, fora do contexto social, mas estritamente dependente do grupo. Da mesma forma como os primatas e outros animais em grupos sociais e hierárquicos com formas que poderiam, ou não, ser confundidos com cultura, mas que são motivadas por outras características não culturais. Não fosse

também a organização hierárquica dos primatas definida pela força, pelo conhecimento que cada membro do grupo tem em relação à força do outro. E não só, uma força identificada pelo tamanho, cor da pelagem e forma como mostram suas ferramentas de ataque, unhas, dentes.

Enquanto muitos animais possuem hierarquia definida por sua força física, o homem descobriu outras formas de hierarquização e de organização social. Segue aprendendo, criando dados e descobrindo novas formas de melhorar sua existência na sociedade. Mas a principal diferença está no fato de que o homem tem liberdade ou possibilidade de utilizar diversas formas de organização hierárquica que nascem sem uma forma pré-definida.

Embora seja possível citar comunidades de pássaros, peixes e até mamíferos que podem atingir as centenas, senão milhares, de indivíduos, o papel hierárquico desses grupos, apesar de existir, só se torna necessário em momentos culminantes, como nos períodos de acasalamento, por exemplo. Nos humanos, essa organização hierárquica é constante, de forma a controlar e se autocontrolar no convívio partilhado de um mesmo território. Antes desse convívio alargado, até a domesticação de plantas e a agricultura, não havia necessidade de uma hierarquia alargada. No entanto, nem por isso é possível dizer que os humanos já não eram um “animal cultural”, a exemplo da arte rupestre, dos sinais de religiosidade ou técnicas aprimoradas de produção material datadas de centenas de milhares de anos.

Diante dessas várias características culturais, seria possível dizer que o propósito da memória, talvez não da cultura, seja a sobrevivência do indivíduo, algo partilhado não só entre os homens, mas também entre os animais não humanos. Qualquer ser vivo, só vive, porque mantém sua sobrevivência. Nem todos agem por instinto todo o tempo, e alguns possuem um grau de aprendizagem surpreendente. A intuição certamente é parte desse

mecanismo dependente da memória. Lembranças de eventos do passado, além de serem fundamentais para a construção da identidade individual, ajudam também a prever, a evitar problemas futuros e a encontrar soluções rápidas para problemas que já aconteceram no passado e que podem se repetir.

Talvez isso explique o fato de o próprio cérebro ter maior facilidade em fixar memórias carregadas de emoções, pois, além da reação visual, carrega também as lembranças emocionais e hormonais, típicas de momentos culminantes da vida humana. Ao mesmo tempo que podemos falar de episódios vividos em uma guerra, que afetam psicologicamente determinados indivíduos, até situações de perigo ou vividas durante uma caçada ou fuga, indo ao encontro de uma das principais funções atribuídas a cultura, mas não exclusiva dessa, a sobrevivência humana.

3.3 Outras Dinâmicas da Cultura Humana

Outra dimensão importante quando se trata de cultura humana, e que diferencia os homens das “máquinas pensantes”, tem a ver com os sentimentos ou emoções, os mesmos que invadem a mente e o corpo de um cristão fiel ao encontrar uma imagem sacra, ou alguém aficionado por marcas de bolsas ao encontrar uma bolsa só vista em revistas de moda e que tem povoado o desejo de consumo por semanas ou meses.

Nesses exemplos, além de ativarem a mesma área do cérebro de ambos os casos, um outro fator em comum é a ação de hormônios, os mesmos que são responsáveis pelo amor, raiva, inveja, medo, coragem e muitas outras emoções que moldam a vida em sociedade, e que ajudam a promover ações, a princípio ilógicas, do ser humano, incluídas normalmente no rol do que chamamos de cultura.

A hierarquia dentro de um grupo humano, o sentimento de superioridade ou inferioridade, o respeito, as ansiedades e a segurança, o prestígio, a fé e as próprias religiões, a música, a dança e todas as outras características repetidas diversas vezes nos conceitos e definições de cultura aqui apresentados. Todas são influenciadas pelos diversos hormônios que moldam os sentimentos humanos.

Estudado pela endocrinologia comportamental, que relaciona o efeito dos hormônios no comportamento dos animais, incluindo os humanos, os hormônios são mensageiros químicos que conectam o cérebro, no caso, o encéfalo, e o resto do corpo, juntamente com os neurotransmissores, por exemplo, com atuação instantânea e local, na comunicação entre um neurônio e outro. Produzidos por uma série de órgãos, incluindo as glândulas endócrinas, como pâncreas, hipotálamo, tireoide, testículo e ovário, os hormônios não só regulam o metabolismo como são responsáveis por influenciar os mais diversos comportamentos dos humanos e mesmo dos animais não humanos.

Apesar de parte dos mais de 100 hormônios conhecidos seja responsável pelo equilíbrio químico do corpo humano, controlando os níveis de cálcio, açúcar, bem-estar e até o envelhecimento, muitos deles são claramente corresponsáveis por comportamentos indispensáveis para vida em sociedade, como o afeto, motivação, compromisso ético, provocados pela oxitocina, por exemplo, ou ainda, o prazer motivado pela dopamina, ou mesmo, a agressividade e autoconfiança provocadas pela testosterona. São elementos que não agem sozinhos, mas em conjunto com toda experiência e conhecimento adquirido ao longo dos anos, do repertório cultural, das conexões entre símbolos e significados e da ação do entorno, seja natural ou social. São elementos intrinsecamente ligados à identidade de cada indivíduo e

da própria comunidade, da identidade cultural e da própria cultura.

Embora os estudos sobre essas substâncias ainda necessitem percorrer um longo caminho, é possível afirmar que apesar de serem responsáveis por diversos comportamentos, também são desencadeados por esses mesmos comportamentos, num processo bidirecional, não sendo os únicos responsáveis pelas atitudes dos indivíduos, mas o acompanham desde o período fetal até o fim do ciclo vital, ao longo de toda vida.

Uma outra dinâmica relacionada à cultura tem a ver com os símbolos e significados. Ao longo da história da humanidade, significados originais transformaram-se em algo completamente desconectado com sua função inicial. Um dos exemplos mais práticos talvez seja o alfabeto fenício e toda a “evolução” da escrita até o alfabeto ocidental ou latino, utilizado em língua portuguesa.

É possível perceber a origem de determinadas letras e no que se transformaram. O Aleph (touro em fenício) que deu origem à letra A, por exemplo, desenhado pelos fenícios de forma a parecer um animal, um bovino com chifres. Uma origem literal para algo que hoje é simbolizado. Afinal, antes de uma linguagem complexa, os humanos já possuíam capacidade de simbolizar.

A valorização do imaterial, ou a simbolização, tem um início quase que óbvio no desenvolvimento da cultura no homem, com forte influência no repertório cultural e nas emoções, conseqüentemente, no nível hormonal. E a morte, ou a reação perante à morte, talvez seja um elemento que facilita a compreensão dessa transformação entre uma situação prática e algo simbólico.

De matéria orgânica, sem vida, o corpo humano morto transforma-se potencialmente em algo sagrado, exemplificando perfeitamente a transformação do “profano”, sem valor sentimental, em “sagrado”, repleto de simbologia e emoção.

O corpo de um animal de outra espécie é alimento, mas no caso de alguns animais, sobretudo os utilizados no trabalho humano, nem sempre se transformam em alimento, ao mesmo tempo que o corpo de um animal de estimação deixa de ter como destino a alimentação do seu “amigo” estimado.

O corpo do inimigo pode ser considerado troféu, ou mesmo, na antropofagia, alimento simbólico que nutre o vencedor com o poder e a coragem do inimigo capturado, enquanto o corpo de um desconhecido, depois que todos os sinais de vida biológica se esvanecem, é apenas um amontoado de massa orgânica em início de decomposição

Ao mesmo tempo, o corpo de um “ente querido” seja ele um amigo, parente ou alguém muito próximo, de alguma forma, adquire uma simbologia capaz de fazer do mais ateu dos homens, um fervoroso sentimental. E a alma é talvez o melhor exemplo de criação cultural, “existindo apenas” na mente de quem acredita.

Ninguém se conforma com a perda definitiva de um acumulado de experiências e sentimentos que a morte de um amigo próximo pode gerar, e a melhor forma de se conformar com a perda, de reagir a esse estímulo, é a crença de que, mesmo morto, o ente segue presente, existindo em forma de alma, desvanecendo-se aos poucos até o esquecimento total.

Data-se de cerca de 400 mil anos o que se acredita ter sido os primeiros vestígios de enterramento cerimonial de hominídeos, ancestrais dos Neandertais. O que nos leva a crer que antes mesmo desse período, a perda de um ente querido já era sentida, e certamente simbolizada, transformada em momento especialmente sagrado. E, conseqüentemente, os objetos que fariam lembrá-lo também o tornariam simbólicos.

Da mesma forma como os preconceitos se desenvolvem na mente humana, os símbolos seriam “preconceitos reconfirmados” no âmbito da sociedade. A

água benta, não só parece benta, mas todos confirmam seu poder espiritual, mesmo que fisicamente seja uma água com as mesmas características e composição química das outras. A diferença está na forma como é reconhecida com base no repertório cultural e nas alterações hormonais provocadas no indivíduo.

Ao observar o sinal vermelho em um semáforo, em uma viagem, paramos automaticamente, por vezes sem pensar, assim como faria qualquer animal treinado para isso. Mas somente o humano observa a cor vermelha de forma mais profunda; de acordo com seu repertório cultural, poderá, se tiver bagagem informática para isso, produzir sentimentos e significações simbólicas para o ato ou para a própria cor.

Os símbolos estão intimamente ligados às emoções, e essas aos níveis hormonais, e são reações fruto da longa evolução do homem, e responsáveis pela sua sobrevivência. Seja ao observar algum objeto que lhe faz lembrar momentos importantes, ou rituais que o fazem reviver partes de seu passado que deixaram boas ou más lembranças, alguns símbolos têm o poder de trazer tranquilidade uma vez que, conforme suas características associadas, podem representar segurança.

Outro item facilmente explicável tem a ver com a representação simbólica de cada objeto, algo próprio do homem. Um objeto santo, que provoque uma determinada reação ao indivíduo que nele acredita, só o faz depois de um certo nível de convencimento. Ser fiel e acreditar no que um livro ou um sacerdote diz, leva seu tempo, é preciso ser “catequizado”, e isso fará com que objetos, a princípio simples, provoquem reação específica ao indivíduo. E esses exemplos não se limitam apenas aos objetos santos, mas também a marcas de roupa ou de objetos de desejo. Sempre com o princípio de que toda a simbologia por trás do objeto foi trabalhada, ensinada e implantada no indivíduo. Nada surge por acaso; é

aprendido, senão diretamente, mas através de sinais, atos e exemplos.

A neurocientista Gema Calvert, psicóloga pela *London School of Economics* e doutora pela Universidade de Oxford, desenvolveu vários trabalhos sobre o papel das marcas nas reações instintivas do cérebro humano. A forma como o cérebro reage ao se deparar com “símbolos” da moda contemporânea, as suas reações e as razões dessas reações, e percebeu que, muitas vezes, certas regiões do cérebro responsável pelas ações instintivas se ativam quando o indivíduo se deparar com determinadas marcas, da mesma forma que ícones religiosos ou um estupefaciente diante do viciado.

Não importa quão temente a Deus seja o indivíduo, o que vai gerar comoção ou reação emocionais será sempre aquilo no qual ele acredita, uma vaca ao indiano, a água benta ou uma imagem de Cruz ao cristão, ou o logotipo de uma marca famosa de roupa ou de bolsas, tudo terá um peso simbólico de acordo com sua “catequização”.

A presença de um indivíduo diante de uma obra de arte autêntica de um pintor famoso, ou de um músico de uma banda com algum sucesso, provoca um conjunto de emoções, um turbilhão de hormônios sentidos pelo indivíduo como algo prazeroso ou repulsivo, emoções associadas a momentos próprios que o artista, seja ele pintor ou músico, provocou em outras situações.

Essas emoções podem ser a lembrança de uma viagem agradável que foi realizada ao som da música, ou da visita a uma cidade cujas obras do artista plástico foram conhecidas. As emoções e os símbolos não surgem por acaso, têm toda uma rede de informações, experiências e níveis hormonais que trabalham na retaguarda dessa emoção.

Um artista famoso capaz de arrancar gritos eufóricos de seus fãs poderá passar despercebido no meio da multidão em qualquer outro lugar onde suas músicas

não sejam reconhecidas. Ninguém saberá o significado da luz vermelha no semáforo ou a diferença entre a água da fonte e a água benta, se não for treinado ou catequizado para isso. Os símbolos são criados pelo homem de forma a dar poder imaterial aos objetos.

A água benta permanece fisicamente igual em todos os aspectos a todas as outras águas até o momento em que o indivíduo descobre se tratar de uma água que passou por um processo ritual de consagração que a transformou em algo especial, inseriu nela toda uma característica simbólica a qual o indivíduo conheceu durante sua “catequização”, e que, naquele momento, faz-lhe recordar todas as novas características que a água passa a ter e que a diferenciam de qualquer outra água fisicamente similar.

Mas há outros fatores que ainda são confundidos com cultura, como a própria consciência, por exemplo. É senso comum entre cientistas de todas as áreas que grande parte dos animais não humanos possuem consciência, mas não é um verdadeiro consenso, embora alguns testes ajudem a identificar, dentre os animais não humanos, aqueles que podem apresentar consciência. O mais comum é o teste do espelho, onde coloca-se um espelho diante dos animais e espera-se que eles se reconheçam, não agindo como se estivessem diante de outro animal da mesma espécie.

Numa versão mais aprimorada, coloca-se uma marca visível no indivíduo de forma que ele não saiba nem sinta nada, e verifica-se se ao se observar no espelho, o indivíduo vê logo algo diferente em si mesmo, o que levará sua curiosidade e tentativa de retirá-lo. Se ele perceber a marca e tentar retirar de seu corpo, é sinal de que se reconhece, tem consciência de si. Grande parte dos primatas se reconhecem, assim como elefantes, pássaros, peixes e até as crianças humanas a partir dos 18 meses.

Porém, há ainda outros animais que não possuem na visão o seu principal meio de reconhecimento, como os morcegos, por exemplo, ou cães, que apesar de terem boa visão, identificam a si mesmo e aos outros animais pelo olfato. E poderíamos ainda estender essas características a todos os animais que marcam seus territórios com odor, e que sabem diferenciar perfeitamente o seu odor do odor de um possível rival.

Além dos animais que possuem a visão como um dos principais sentidos, podemos também citar outros que, por respeito à hierarquia, não olhariam nos olhos dos seus pares, o que seria uma afronta ao seu rival. Se não olham diretamente para seu reflexo no espelho, não podem se reconhecer.

Sobre esse tema é importante lembrar de um documento não muito famoso, onde em 07 de julho de 2012, um grupo de cientistas, incluindo nomes como de Stephen Hawking, firmou em conjunto uma declaração de reconhecimento de que os animais não humanos possuem um nível de consciência, muitas vezes, semelhante aos humanos: o *The Cambridge Declaration on Consciousness*. Porém, como já foi dito, ter consciência também não é sinônimo de cultura, apesar de que é preciso ter consciência para que haja cultura, para que seja possível comportar-se de forma a se inserir num determinado grupo ou sobreviver no meio. E isso é o que os animais não solitários fazem, sejam eles, chimpanzés, lobos ou cães da pradaria.

A aprendizagem também poderia ser considerada um outro elemento indispensável para a cultura. E quanto a isso, o homem não é o único animal capaz de aprender e acumular conhecimento. E os exemplos de animais não humanos que aprendem, acumulam conhecimento e transmitem conhecimentos de geração a geração são muitos.

O canto das baleias é diferente em diferentes grupos de baleias pelo mundo. E em alguns casos, um

determinado grupo aprende cantos diferentes com outros grupos após um período de convívio em uma determinada região. Da mesma forma como grupos de símios podem utilizar ferramentas diferentes para resolver problemas iguais, em grupos diferentes, mostrando transmissão de conhecimento entre gerações, e até aprimoramento técnico de uma geração para outra.

E mesmo os pássaros, alguns exímios imitadores aprendem sons e até o canto de outros pássaros. Papagaios são um exemplo de pássaros que podem aprender e acumular conhecimento a esse nível.

O biólogo e comportamentalista animal, Constantine Slobodchikoff, professor da Universidade do Norte do Arizona, lembra que os cães das pradarias, um pequeno animal da família dos roedores, possuem uma complexidade de comunicação que supera muitos outros mamíferos, mesmo os primatas. Vivendo em comunidades que podem ultrapassar as centenas de indivíduos, possuem um sistema de comunicação capaz de identificar diferentes tipos de predadores ou invasores, com indicação de velocidade de aproximação, cor da pelagem, direção e periculosidade num sistema de vocalização capaz não só de criar palavras (sons), mas estruturá-las para a formação de frases mais complexas, capacidades até então atribuídas apenas aos humanos.

Antes da domesticação das plantas, da invenção da agricultura, no contexto da vida nômade nos humanos, todo conhecimento adquirido por um indivíduo era transmitido no máximo para seu grupo familiar e de geração em geração. Uma determinada invenção ou novo conhecimento dificilmente seria transmitido a outras grupos humanos. Isso porque não haveria necessidade urgente de criar ou de buscar novas soluções para problemas que teoricamente estavam sendo solucionados com as respostas então existentes.

Ao domesticar as plantas e inventar a agricultura o homem deixa necessariamente de ser nômade,

também, de viver em grupos pequenos, uma vez que quanto maior o grupo, maior a segurança e maior a força de trabalho para a produção alimentar. O que também forçou o homem a se comunicar de forma mais ampla com um grupo maior, suas ideias, soluções e pensamentos agora são distribuídas para um público maior, com uma utilidade mais ampla, assim como os próprios problemas.

Culturalmente a comunicação transformou um grupo de indivíduos em um “grande cérebro”, uma rede neural com partes em cada membro do grupo, conectados entre si, que pensam, solucionam, comunicam, aprendem e geram conhecimento de forma mais alargada, desenvolvendo-se continuamente cada vez com maior velocidade.

A partir daí, as soluções e ideias antes restritas a um pequeno grupo, agora teriam mais continuidade e amplitude. As manifestações antes restritas às necessidades de um grupo nômade e familiar, agora passam a ter que atender problemas mais complexos como a garantia de posse de determinados bens entre indivíduos que mal se conhecem, a especialização de trabalho e a divisão social.

A escrita, a formalização de uma política de estratégia contra as dificuldades presentes e futuras fez do homem um ser que é, ao mesmo tempo, indivíduo e parte de um corpo maior, unido por suas conexões, da mesma forma que as guerras na atualidade, sejam bélicas ou comerciais, são fontes de desenvolvimento tecnológico.

Os ritos, por sua vez, fazem parte desse rol de novas tecnologias, criados aos poucos ou em momentos de crise, transmitidas de geração em geração sem muitas explicações. Desde seu surgimento em momentos em que foram necessárias soluções para determinado problemas, até as gerações futuras, quando os problemas que deram origem a esses ritos já cessaram.

A “solução ritual” deixa de ser necessária, e o indivíduo deixa de ter a razão original para justificar ou entender os ritos que mesmo assim segue repetindo continuamente, num tempo cíclico, já com outras funções como a promoção da segurança e proteção do grupo, a coesão, a resposta a questões relacionadas ao ciclo vital e tornando o futuro próximo, de certa forma, previsível, reduzindo a ansiedade comum nos tempos de incerteza.

Mas os grupos mais alargados também são diversos, e as identidades passam também a se dividir em várias dimensões. Ao mesmo tempo que um indivíduo pode pertencer à comunidade judaica de uma determinada cidade, também poderá pertencer a um corpo específico das forças armadas, torcer para um clube de futebol, cantar no coral lúdico de seu bairro e trabalhar em uma empresa com identidade cultural bem definida.

Poderá ser um pai ou mãe de filhos com alguma característica especial, viúvo ou solteiro, filho de imigrante engajado nas causas sociais e ter tendência a votar em candidatos de esquerda. Nenhuma dessas características o faria menos ou mais nacionalista ou retiraria dele aspectos da identidade cultural regional ou nacional. Até mesmo, essa diversidade de identificação pessoal poderia ser por si só um marcador da identidade nacional que ele carrega.

Na prática, o repertório cultural será moldado de acordo com o entorno do indivíduo. Esse pode ser partilhado com outros membros do grupo, formado no mesmo contexto social, cultural e biológico, o que dará ao grupo, comunidade ou sociedade, capacidade de agir como se fosse um único indivíduo. Pode, então, ser identificado em organizações maiores, como uma empresa ou uma instituição de ensino, por exemplo, onde cada indivíduo partilha o mesmo objetivo da instituição, construindo padrões culturais próprios, e, mesmo que haja divergência, as respostas da instituição tendem a ser única, comportando-se como se fosse um único indivíduo.

Essas características também são encontradas em níveis amplos, como culturas regionais ou nacionais, de um país, por exemplo, onde é possível identificar um conjunto de aspectos culturais, semelhanças na formação de um repertório cultural, seja na padronização da língua falada e escrita, no currículo escolar, nos meios de comunicação em massa, na arte ou música, que transmitem aspectos da identidade considerada nacional, até nas leis e forma de organizar sistemas.

A cultura é algo individual, mas assume uma abrangência coletiva uma vez que a comunidade, numa análise mais alargada, organiza e relaciona informações de forma a também dar respostas aos estímulos internos e externos. Internos com a necessidade de organização familiar, hierarquia, regras e ritos. Externos, com o abastecer alimentar do grupo, o enfrentamento de fenômenos naturais e a defesa contra outros inimigos visíveis e invisíveis.

Assim, quando falamos, por exemplo, de cultura das organizações, estamos, sim, falando de cultura, quando percebemos que um determinado grupo de indivíduos que possuem as mesmas necessidades e objetivos, e cujo repertório cultural é dotado de informações semelhantes sobre a organização, e que precisam responder a estímulos semelhantes, interna e externamente e que desenvolvem juntos uma ideia e sentido próprio característico da organização.

Como uma comunidade cultural, seus costumes, ritos, conhecimentos e regras que objetivam a harmonia do convívio social podem muito bem ser afetados por novas informações no repertório cultural, e serem capazes de romper o equilíbrio entre as necessidades e as respostas produzidas, seja através de uma crise, uma nova tecnologia, a mudança de objetivos, e mesmo a percepção da ineficácia de determinados ritos. Todos esses aspectos são relativos; vão depender uns dos outros, e da própria interpretação sobre eles, assim como a identidade

cultural, as manifestações culturais ou a própria cultura, devem ser sempre contextualizadas, nunca hierarquizadas.

Um baile da Ópera de Viena é uma manifestação cultural, assim como as touradas espanholas ou a mutilação genital de jovens moças em algumas áreas de alguns países do oriente médio. Embora seja uma comparação complicada de ser feita, e apesar de, à primeira vista, não serem nem de perto comparáveis, são manifestações da identidade cultural de determinadas regiões ou povos. E mesmo que cause repúdio ou empatia, culturalmente tem o mesmo valor identitário no seu contexto, que não deve ser usado como pretexto para mantê-la ou fomentá-la.

Um trabalho antropológico que descreva os aspectos culturais dos presidiários de um presídio de segurança máxima no México, se tiver a mesma qualidade técnica, terá então o mesmo valor de um trabalho que descreva os aspectos culturais da alta sociedade de Paris. Assim como um trabalho etnográfico sobre uma favela brasileira teria o mesmo valor cultural que outra obra sobre os aspectos culturais da família real britânica.

De forma geral, o entendimento, a origem, a dinâmica e mesmo o significado do termo cultura, ainda hoje mantêm-se como o “todo complexo”, indicado por Tylor há 150 anos. E à medida que as diversas ciências descobrem novas condicionantes químicas, físicas, biológicas, antropológicas ou sociais, o entendimento do que é cultura pode se tornar ainda mais complexo.

BIBLIOGRAFIA

ADELUNG, Johann Christoph.

1793. *Grammatisch-kritisches Wörterbuch der Hochdeutschen Mundart: mit beständiger Vergleichung der übrigen Mundarten, besonders aber der Oberdeutschen. Von A - E. 1.* Leipzig: Breitkopf und Härtel.

AMEGHINO, Florentino.

1880. *La Antigüedad Del Hombre en el Plata*, V.1. Buenos Aires: Igon Hermanos, Editores.

AMEGHINO, Florentino.

1881. *La Antigüedad Del Hombre en el Plata*, V.2. Buenos Aires: Igon Hermanos, Editores.

AUGÉ, Marc.

1992. *Non-lieux: introduction à une anthropologie de la surmodernité.* Paris: Éditions du Seuil.

AUGÉ, Marc.

1994. *Pour une anthropologie des mondes contemporains.* Paris: Aubier.

BARCELLOS, Antonio Augusto Bonatto.

2018. *Introdução a Teoria Antropológica.* Salamanca: Instituto de Investigaciones Antropológicas de Castilla y Leon.

BAUMAN, Zygmunt.

1973. *Culture as Praxis.* London and Boston: Routledge & Kegan Paul.

BAZTÁN, Ángel Aguirre.

1997. *Cultura e Identidad Cultura: Introducción a la Antropología.* Barcelona: Ediciones Bardenas.

BAZTÁN, Ángel Aguirre.

2004. *La Cultura de las Organizaciones.* Barcelona: Ariel.

BECKER, Howard Paul.

1950. *Through Values to Social Interpretation.* Durham: Duke University Press.

BENEDICT, Fulton Ruth.

1929. *The Science of Custom: The Bearing of Anthropology on Contemporary Thought.* Century Magazine.
1929. In: Calverton V. F., (Ed), 1931. *The Making of Man: An Outline of Anthropology.* New York: The Modern Library. p. 805-817.

BENEDICT, Fulton Ruth.

1934. *Patterns of Culture.* Boston: Houghton Mifflin.

BENEDICT, Fulton Ruth.

1945. *Race, Science and Politics*. New York: Viking Press.

BENEDICT, Fulton Ruth.

1946. *The Chrysanthemum and the Sword: Patterns of Japanese Culture*. Boston: Houghton Mifflin Company.

BIDNEY, David.

1996. *Theoretical Anthropology*. New Brunswick e London: Transaction Publishers.

BINFORD, Lewis Roberts.

1968. Post Pleistocene Adaptations. In: Binford, Sally R. & Binford, Lewis Roberts. (eds). *New Perspectives in Archaeology*. Chicago: Aldine Publishing Co. 323.

BLUMENTHAL, Albert.

1937. *The Best Definition of Culture*. Ohio: Marietta College Press.

BLUMENTHAL. Albert.

1940. A New Definition of Culture. *American Anthropologist*. V. 42. n. 04. p. 571-586.

BOAS, Franz.

1887. Museum of ethnology and their classification. *Science: an illustred weekly jornal*. New York: The Science Company, Vol. IX, n. 228. 17, june 1887. p. 587-589.

BOAS, Franz.

1896. The Limitations of The Comparative Method of Anthropology. *Science*, v. 4. p. 901-908.

BOAS, Franz.

1911. *The Mind of Primitive Man*. New York: The Macmillan Company.

BOAS, Franz.

1930. *Anthropology. Encyclopedia of the Social Sciences*, vol. 2, New York: Macmillan Company. p. 73-110.

BOAS, Franz.

1938. *The Mind of Primitive Man*. London: Macmillan and Co., Ltd.

BOAS, Franz.

1887. Museum of ethnology and their classification. *Science: an illustred weekly jornal*. New York: The Science Company, Vol. IX, n. 228. 17, june 1887. p. 587-589.

Bhaban.

BOSI, Alfredo.

1992. *Dialética da colonização*. Cia das Letras.

BURKE, Peter,

1978. *Popular Culture in Early Modern Europe*. New York: Harper & Row.

BURKE, Peter.

2004. *What is Cultural History*. Cambridge: Polity.

LÉVI-STRAUSS, Claude.

1949. *Les Structures élémentaires de la parenté*. Paris: Presses Universitaire de France.

LÉVI-STRAUSS, Claude.

1955. *Tristes Tropiques*. Paris: Plon.

LÉVI-STRAUSS, Claude.

1958. *Antropologie Structurale*. Paris: Plon.

CLIFFORD, James; MARCUS, George Emanuel.

1986. *Writing Culture - The poetics and politics of ethnography*. Berkley: University of California Press.

CORREA, Luiz Nilton.

2018. Comunidad Cultural. In: BAZTÁN, Ángel Aguirre (Ed.) (2018) *Diccionario Temático de Antropología Cultural*. Barcelona: Delta Publicaciones.

CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da.

2009. *Cultura com Aspas: e outros ensaios*. São Paulo: CosacNaify.

DAMÁSIO, António Rosa.

1994. *Descarte's Error: Emotion and the human brain*. New York: Avon Books.

DAMATTA, Roberto.

1981. Você tem Cultura? In: *Edição especial do Jornal da Embratel* (Suplemento Cultural), setembro de 1981.

DAMATTA, Roberto.

1986. Você tem Cultura? In: DAMATTA, Roberto. 1986. *Explorações: ensaios de sociologia interpretativa*. Rio de Janeiro: Rocca. p.121-128.

DARWIN, Charles.

1871. *The Descent of Man, and Selection in Relation to Sex*. V. 1. London: John Murray, Albemarle Street.

DAVIS, William Boyd Allison; DOLLARD, John.

1940. *Children of Bondage: The personality development of negro youth in the urban South*. Washington: American Council on Education.

DAVIS, William Boyd Allison.

1948. *Social-Class Influences upon Learning*. Cambridge: Harvard University Press.

London: Sheed & Ward.

DESCARTES, René.

1637. *Discours de la méthode pour bien conduire sa raison et chercher la vérité dans les sciences. Plus la Dioptrique. Les Meteores. Et la Geometrie qui sont des essais de cete sic methode par Descartes*. Leude: De l'Imprimerie de Ian Maire.

DIXON, Roland Burrage.

1928. *The Building of Cultures*. New York: Charles Scribner's Sons.

DOLLARD, John.

1939. Culture, Society, Impulse, and Socialization. *American Journal of Sociology*, vol. 44, p. 50-63.

DOUGLAS, Mary.

1966. *Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution an Taboo*. New York: Frederick A. Praeger, Publishers.

DURKHEIM, Émile.

1895. *Les Règles de la Méthode Sociologique*. Paris: Librairie Félix Alcan.

DURKHEIM, Émile.

1912. *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuses: Le système totémique en Australie*. Paris: Quadrige/Presses Universitaires de France.

EAGLETON, Terry.

2000. *The Idea of Culture*. Malden: Blackwell Publishers Ltd.

ELLIOT, Thomas Stearns.

1948. *Notes Towards the Definition of Culture*. London: Faber and Faber Limited.

ELLWOOD, Charles A.

1918. Theories of Cultural Evolution. *The American Journal of Sociology*. V. 23. Chicago: The University of Chicago Press. p.779-800.

ELLWOOD, Charles A.

1927. Primitive Concepts and the Origin of Culture Patterns. *American Journal of Sociology*, vol. 33, p. 1-13.

ESPINA BARRIO, Angel Baldomero.

1997. *Freud y Lévi-Strauss: Influência, aportaciones e insuficiencias de las antropologias dinámicas y estructural*. Salamanca: Universidad de Salamanca.

ESPINA BARRIO, Angel Baldomero.

2005. *Manual de Antropologia Cultural*. Recife: Ed. Massangana.

FERNANDÉZ DE ROTA Y MONTES, José Antonio.

2012. *Una Etnografía de los Antropólogos en EEUU: Consecuencias de los debates pos-modernos*. Madrid: Akal.

FOLSOM, Joseph Kirk.

1928. *Culture and Social Progress*. New York: Longmans, Green and Co.

FRANKFORT, Henri. H.

1948. *Ancient Egyptian Religion: an interpretation*. Nova York: Columbia University Press.

FREZER, James George.

1890. *The Golden Bough: A Study in Comparative Religion*. London: Macmillan And Co.

FREYRE, Gilberto.

1937. *Nordeste: Aspectos da Influência da Cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio.

FREYRE, Gilberto.

1970. O Brasileiro como Tipo Nacional de Homem Situado no Trópico e, na sua Maioria, Moreno: Comentários em Torno de um Tema Complexo. p. 41-57. *Revista Brasileira de Cultura*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, Ministério da Educação e Cultura, ano II, número 6, outubro/dezembro de 1970.

FROW, John.

1995. *Cultural Studies and Cultural Value*. Oxford: Clarendon Press.

GEERTZ, Clifford James.

1973. *The Interpretation of Cultures: Selected Essays by Clifford Geertz*. New York: Basic Book.

GILLIN, John Lewis; Gillin, John Philip.

1942. *An Introduction to Sociology*. Nova York: Macmillan.

GOLDENWEISER, Alexander.

1933. *History, Psychology and Culture*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co., LTD.

GRAEBNER, Fritz.

1911. *Methode der Ethologie*. Heidelberg: Carl Winter's Universitäts Buchhandlung.

HABERMAS, Jürgen.

1985. *Der Philosophischer Diskurs der Moderne: Zwölf Vorlesungen*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag.

HARING, Douglas Gilbert.

1949. Is Culture Definable? *American Sociological Review*, vol. 14, n. 01.

HARRIS, Marvin.

1987. *Culture Anthropology*. New York: Harper & Row. Publisher, Inc.

HARRIS, Marvin.

1987. *Food and evolution: toward a theory of human food habits*. Philadelphia: Temple University Press.

HARRIS, Marvin.

1999. *Theories of Culture in Postmodern Times*. Walnut Creek, CA: Altamira Press.

HATCH, Elvin.

1985. Culture. In: KUPER, Adam; KUPER, Jessica. 1985. *The Social Science Encyclopedia*. London: Routledge & Kegan Paul.

HERSKOVITS, Melville Jean.

1948. *Man and his Works: The Science of Cultural Anthropology*. New York: Alfred A. Knopf.

HILLER, Ernest Theodore.

1933. *Principles of Sociology*. New York: Harper & Brothers Publishers.

HOBBS, Thomas.

1651. *Leviathan, or, The matter, forme, & power of a comon-welth ecclesiasticall and civil*. London: Andrew Crooke, at the Green Dragon.

HOBBS, Thomas.

1668. *Leviathan, Sive, De matéria, forma, & potestate civitatis ecclesiasticae et civilis*. Amsterdam: Joan Blaeu.

HOCKETT, Charles Francis.

1950. Language "and" Culture: A Protest. *American Anthropologist*, vol. 52, n. 1.

HOEBEL, Edward Adamson.

1949. *Man in the Primitive World: An Introduction to Anthropology*. New York: McGraw-Hill Book Company.

HOFSTEDE, Geert; HOFSTEDE, Gert Jan; MINKOV, Michael.

2010. *Culture and Organizations: Software and the Mind. Intercultural Cooperation and Its Importance for Survival*. New York: Mc Graw Hill.

HOFSTEDE, Geert.

1991. *Culture and Organizations: Software and the Mind. Intercultural Cooperation and Its Importance for Survival*. New York: Mc Graw Hill.

HUMBOLDT, Wilhelm von,

1836. *Über die KawiSprache auf der Insel Java nebst einer Einleitung über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Berlin: Koniglichen Akademie der Wissenschaften.

HUNTINGTON, Ellsworth.

1945. *Mainsprings of Civilization*. New York: Wiley.

JACOBS, Melville; STEM, Bemhard Joseph.

1947. *Outline of Anthropology*. New York: Barnes & Noble.

JENKS, Chris.

1993. *Culture*. London: Routledge.

KAPLAN, David; MANNERS, Robert A.

1972. *Culture theory*. Englewood Cliffs: Printice-Hall Inc.

KATZ, Daniel; SCHANCK, Richard Louis.

1938. *Social Psychology*. New York: John Wiley and Sons.

KEESING, Felix Maxwell; KEESING, Roger Martin.

1971. *New Perspectives in Cultural Anthropology*. New York: Harcourt Brace Jovanocivh, Inc.

KEESING, Roger Martin.

1974. *Theories of Culture*. In: SIEGEL, Bernard J. (Ed.) *Annual review of anthropology*. Vol. 3. Palo Alto: Annual Reviews INC. p. 73-97.

KEESING, Roger Martin.

1976. *Cultural Anthropology: A Contemporary Perspective. Second Edition*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

KEESING, Roger Martin.

1981. *Cultural Anthropology: A Contemporary Perspective. Second Edition. Second Edition*. New York: Harcourt Brace Jovanocivh, Inc.

KELLER, Albert Galloway.

1931. *Societal Evolution: A study of the Evolutionary Basis of the Science of Society*. New York: Macmillan.

KIRCHNER, Friedrich.

1890. *Wörterbuch der philosophischen Grundbegriffe*.
Heidelberg: Georg Weiss, Verlag.

KLINBERG, Otto.

1935. *Race Differences*. New York: Harper and Brothers Publishers.

KLUCKHOHN, Clyde; KELLY, William Henderson.

1945. The Concept of Culture. In: LINTON, Ralph. *The Science of Man in the World Crisis*. New York: Columbia University Press. p. 78-106.

KLUCKHOHN, Clyde; LEIGHTON, Dorothea Cross.

1946. *The Navaho*. Cambridge: Harvard University Press.

KLUCKHOHN, Clyde.

1949. *Mirror for Man: The relation of Anthropology to Modern Life*. New York: McGraw-Hill Book Co.

KLUCKHOHN, Clyde.

1951. The Study of Culture. In: LERNER, Daniel; LASSWELL, Harold D. (Eds.), *The Policy Sciences*. Stanford: Stanford University Press. pp. 86-101.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary.

1987. *Marketing an Introduction*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc.

KOTLER, Philip; ZALTMAN, Gerald.

1971. Social Marketing: An Approach to Planned Social Change. *Journal of Marketing*. 35 (3): 3-12.

KOTLER, Philip.

1986. The Prosumer Movement: a New Challenge For Marketers. *An - Advances in Consumer Research*. V. 13, eds. Richard J. Lutz, Provo, UT: Association for Consumer Research, Pages: p. 510-513.

KRAMSCH, Claire.

1998. *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press.

KROEBER, Alfred Louis; KLUCKHOHN, Clyde.

1952. *Culture: A Critical Review of Concepts and Definitions*. Cambridge: Publishec by The Museum.

KROEBER, Alfred Louis.

1917. The Superorganic. *American Anthropologist*, vol. 19, N. 02. p. 163-113.

KROEBER, Alfred Louis.

1928. Sub-Human Culture Beginnings. *Quarterly Review of Biology*, vol.3, p. 325-342.

KROEBER, Alfred Louis.

1948. *Anthropology: Race, Language, Culture, Psychology, Prehistory*. New York: Harcourt, Brace and Company.

KROEBER, Alfred Louis.

1960. The Nature of Culture: what culture is. in: MEAD, Margaret (Ed.). *The Gold Age of American Anthropology*. New York: George Braziller.

KROEBER, Alfred Louis.

1963. *Anthropology: Culture Patterns & Processes*. New York: Brace & World.

LAPIERE, Richard Tracy.

1946. *Sociology*. New York: McGraw-Hill.

LARAIA, Roque de Barros.

1983. *O Conceito Antropológico de Cultura*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília.

LASSWELL, Harold Dwight.

1948. *The Analysis of Political Behavior: An Empirical Approach*. London: Routledge.

LEACH, Edmund Ronald.

1964. *Political Systems of Highland Burma: a study of Kachin social structure*. London: G. Bell and Sons Ltd.

LEDERACH, John Paul.

1995. *Preparing for peace: Conflict transformation across cultures*. Syracuse, NY: Syracuse University Press.

LESSER, Alexander.

1952. Evolution in Social Anthropology. *Southwestern Journal of Anthropology*. V.8. p. 134-146.

LINTON, Ralph.

1936. *The Study of Man: An introduction*. New York: D. Appleton-Century Co.

LINTON, Ralph.

1945. Present World Conditions in Cultural Perspective. In: LINTON, Ralph (ed). *The Science of Man in the World Crisis*, p. 201-21. New York: Columbia University Press.

LINTON, Ralph.

1945. *The Cultural Background of Personality*. New York: D. Appleton-Century Co.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien.

2004. *Le Temps Hypermodernes*. Paris: Bernard Grasset.

LOWIE, Robert Harry.

1934. *An Introduction to Cultural Anthropology*. New York: Farrar & Rinehart incorporated.

LOWIE, Robert Harry.

1937. *The History of Ethnological Theory*. New York: George G. Harrap & Company.

LUNDBERG, Andrew George.

1939. *Foundations of Sociology*. New York: The Macmillan Co.

LYND, Robert Staughton.

1940. *Knowledge for What? The place of social Science in American Culture*. Princeton: Princeton University Press.

MALINOWSKI, Bronislaw.

1922. *Argonauts of the Western Pacific: An Account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea*. London: Routledge & Kegan Paul LTD.

MALINOWSKI, Bronislaw.

1931. Culture. In: *Encyclopedia of the Social Sciences*, vol. 4, p. 621-646. New York: The Macmillan Company.

MALINOWSKI, Bronislaw.

1944. *A Scientific Theory of Culture and Other Essays*. Chapel Hill, North Carolina: University of North Carolina Press.

MALSON, Lucien,

1964. *Les Enfants Sauvages: Mythe Et Realite, Par Lucien Malson; Suiivi de Memoire Et Rapport Sur Victor de L'Aveyron, Par Jean Itard*. Paris: Union Générale d'Editions.

MAQUET, Jacques Jérôme.

1949. *Sociologie de la Connaissance*. Louvain: Publications Universitaires de Louvain.

MARETT, Robert Ranulph.

1928. *Man in the Making: An Introduction to Anthropology*. New York: Doubleday, Doran, Incorporated.

MARTORELL, Mercedes Fernández.

1984. *Sobre el Concepto de Cultura*. Barcelona: editorial Mitre.

MAUSS, Marcel.

1925. Essai sur le Don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques. *L'Année Sociologique* N.S.1. Année (1923-1924) p. 30-186.
- MAUSS, Marcel; DURKHEIM, Emily.**
1902. De quelques formes primitives de classification: Contribution à l'étude des représentations collectives. *L'Année Sociologique*, V.1. Année (1901-1902) p. 1-72.
- MEAD, Margaret.**
1970. *Culture and commitment; a study of the generation gap*. New York: The American Museum of Natural History.
- MEAD, Margaret.**
1928. *Coming of age in Samoa; a psychological study of primitive youth for western civilization*. New York: William Morrow & Company.
- MEAD, Margaret.**
1937. *Cooperation and Competition among Primitive Peoples*. New York: McGraw-Hill Book Company.
- MENGHIN, Oswald.**
1934. *Geist und Blut: Grundsätzliches um Rasse, Sprache, Kultur und Volkstum*. Vienna: Schroll.
- MILLER, Neal Elgar; DOLLARD, John.**
1941. *Social Learning and Imitation*. New Haven: Yale University Press.
- MOORE, Jerry D.**
2004. *Visions of Culture: an introduction to anthropological theories and theorists*. New York: Altamira Press.
- MORRIS, Charles William.**
1946. *Signs, Language and Behavior*. New York: Prentice-Hall Inc.
- MORRIS, Charles William.**
1948. *The Open Self*. New York: Prentice-Hall.
- MURDOCK, George Peter.**
1932. The Science of Culture. *American Anthropologist*, vol. 34, pp. 200-115.
- MURDOCK, George Peter.**
1941. Anthropology and Human Relations. *Sociometry*, vol. 4, n. 02. p. 140-149.
- MURDOCK, George Peter.**
1949. The Science of Human Learning, Society, Culture, and Personality. *The Scientific Monthly*, vol. 69, n.06, p. 377-381.

MURRAY, Raymond William.

1943. *Man's Unknown Ancestors: The Story of Prehistoric*. Milwaukee: Bruce Publishing Company.

MYRES, John Linton.

1927. *Political Ideas of the Greeks: With Especial Reference to Early Notions about Law, Authority, and Natural Order in Relation to Human Ordinnce*. New York: Abingdon Press.

NIETZSCHE, Friedrich.

1872. *Die Geburt der Tragödie: Unzeitgemässe Betrachtungen, Erstes bis viertes Stück*. Leipzig: Druck und Verlag von C. G. Naumann.

ODUM, Howard Washington.

1947. *Understanding Society: The Principles of Dynamic Sociology*. New York: The Macmillan Company.

OGBURN, William Fielding; NIMKOFF, Meyer Francis.

1940. *Sociology*. Boston: Houghton Mifflin.

OPLER, Morris Edward.

1944. Cultural and Organic Conceptions in Contemporary World History. *American Anthropologist*, vol. 46, N. 4. P. 448-60.

OSGOOD, Cornelius.

1940. Ingalik Material Culture. *Anthropology*, N. 22.

OSGOOD, Cornelius.

1942. The Ciboney Culture of Cayo Redondo, Cuba. *Anthropology*, N. 25.

OSTWALD, Friedrich Wilhelm.

1907. The Modern Theory of Energetics. *The Monist*, vol. 17. N. 04. Oxford University Press. p. 481-515.

OSTWALD, Friedrich Wilhelm.

1915. Principles of the Theory of Education. *Rice Institute Pamphlet 2*, p. 191-221.

PANUNZIO, Constantine Maria.

1939. *Major Social Institutions: An Introduction*. New York: The Macmillan Co.

PARK; Robert Esra; BURGESS, Ernest Watson.

1921. *Introduction to the Science of Sociology*. Chicago: The University of Chicago Press.

PARSONS, Talcott Edgar Frederick.

1949. The Position of Sociological Theory. *American Sociological Review*. V.13 N. 2. Wisconsin: American Sociological Society. p. 156 – 168.

PARSONS, Talcott Edgar Frederick.

1949. *Essays in Sociological Theory*. Glencoe, Illinois: Free Press.
- PARSONS, Talcott Edgar Frederick.**
1951. *The Social System*. Glencoe, Illinois: Free Press.
- PERRY, William James.**
1918. *The Megalithic Culture of Indonesia*. Manchester: Longmans, Green & Co.
- PERRY, William James.**
1923. *The Children of the Sun: A study in the Early History of Civilization*. London: Methuen & Co. Ltd.
- PERRY, William James.**
1924. *The Growth of Civilization*. London: Methuen & Co. Ltd.
- PIDDINGTON, Ralph O'Reilly.**
1950. *An Introduction to Social Anthropology*. Edinburgh: Oliver and Boyd.
- PRENDERGAST, Christopher (Ed.).**
1995. *Cultural Materialism: on Raymond Williams*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- PRITCHARD, Evans.**
1940. *The Nuer: A Description of the Modes of Livelihood and Political Institutions of a Nilotic People*. Oxford: At The Clarendon Press.
- PRITCHARD, Evans.**
1951. *Kinship and Marriage Among the Nuer*. Oxford: At The Clarendon Press.
- PRITCHARD, Evans.**
1956. *Nuer Religion*. Oxford: At The Clarendon Press.
- RABINOW, Paul; MARCUS, George Emanuel;
FAUBION, James Daniel; REES, Tobias.**
2008. *Designs for an anthropology of the contemporary*. London: Duke University Press.
- RABINOW, Paul.**
1977. *Reflections on Fieldwork in Morocco*. Los Angeles: University of California Press.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald.**
1922. *The Andaman Islanders: a study in social anthropology*. Cambridge: Cambridge at the University Press.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald.**
1931. *The Social Organization of Australian Tribes*. Melbourne: Macmillan & Co. Limited.
- RADCLIFFE-BROWN, Alfred Reginald.**

1949. White's View of a Science of Culture. *American Anthropologist*, vol. 51, p. 503-12.

RAMACHANDRAN Lakshmana; DHARMALINGAM, Thirumoorthi.

1976. *Health Education: A New Approach*. New Delhi: Vikas Publishing House.

RAPPAPORT, Roy Abraham.

1968. *Pigs for the Ancestors: ritual in the ecology of a New Guinea people*. New Haven: Yale University Press.

RAPPAPORT, Roy Abraham.

1979. *Ecology, Meaning, & Religion*. Berkeley: North Atlantic Books.

RAPPAPORT, Roy Abraham.

1984. *Pigs for the Ancestors: ritual in the ecology of a New Guinea people*. New Haven: Yale University Press.

RATZEL, Friederich.

1882. *Anthropo-Geographie: oder, Grundzuge der Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte*. Stuttgart: Englehorn.

RESTREPO, Eduardo.

2016. *Esculas Clasicas del Pensamento Antropológico*. Cusco: Vicente Torres Editor.

REY, Maria Jesús Buxó.

1984. La Cultura en el Ámbito de la Cognición. In MARTORELL, Mercedes Fernández. *Sobre el Concepto de Cultura*. editorial Mitre.

RIBEIRO, Darcy.

1968. *O Processo Civilizatório: Etapas da evolução sócio-cultural*. São Paulo: Civilização Brasileira.

RIBEIRO, Darcy.

1972. *Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

RICKERT, Heinrich.

1896. *Die Grenzen der naturwissenschaftlichen Begriffsbildung: Eine logische Einleitung in die historischen Wissenschaften*. Freiburg und Leipzig: Akademische Verlagsbuchhandlung von J. C. B. Mohr.

RÓHEIM, Géza.

1934. *The Riddle of the Sphinx, or human origins*. London: Hogarth Press.

RÓHEIM, Géza.

1943. *The Origin and Function of Culture*. New York: Nervous and Mental Disease Monographs.
- ROUSE, Irving.**
1939. *Prehistory in Haiti: A Study in Method*. New Haven: Yale Publications in Anthropology, N. 21.
- RUGGEBERG, Eduardo Subirats.**
1984. El Concepto de Cultrua. In: MARTORELL, Mercedes Fernández. *Sobre el Concepto de Cultura*. Barcelona: Editorial Mitre.
- RUTHERFORD, Adam David.**
2018. *The book of Human: The story of How we Became US*. Orion Publishing Group.
- SAHLINS, Marshall David; SERVICE, Elman Rogers.**
1960. *Evolution and Culture*. New York: The University of Michigan Press.
- SAHLINS, Marshall David.**
1972. *Stone Age Economics*. Chicago & New York: Aldine - Atherton, INC.
- SANTOS, José Luiz dos.**
1983. *O que é Cultura*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- SAPIR, Edward.**
1921. *Language: An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt, Brace and Company.
- SAPIR, Edward.**
1932. Cultural Anthropology and Psychiatry. *Culture, Language, and Personality*, London: University of California Press. pp. 140-163.
- SAPIR, Edward.**
1924. Culture, Genuine and Spurious. *The American Journal of Sociology*. V. 29. Chicago: The University of Chicago Press. p.402-429.
- SAPIR, Edward.**
1949. *Cultural Anthropology and Psychiatry In Culture, Language, and Personality*. London: University of California Press. p. 140-163.
- SCALICHII, Pauli.**
1559, *Encyclopaediae, seu Orbis disciplinarum, tam sacrarum quam prophanarum, epistemon: Pauli Scalichii de Lika*.
- SCHEIN, Edgar Henry.**
1985. *Organizational Culture and Leadership: A Dynamic View*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- SCHEIN, Edgar Henry.**

1992. *Organizational Culture and Leadership: Second Edition*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

SCHMIDT, Wilhelm.

1937. *Handbuch der Methode der Kulturhistorischen Ethnologie*. Münster: Aschendorf.

SCHNEIDER, David Murray.

1968. *American kinship: a cultural account*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc.

SCHURTZ, Heinrich.

1900. *Urgeschichte der Kultur*. Leipzig: Bibliographisches Institut.

SEYMOUR-SMITH, Charlotte.

1986. *Dictionary of Anthropology*. Boston: G.K.Hall & Co.

SEYMOUR-SMITH, Charlotte.

1986. *Macmillan Dictionary of Anthropology*. London: Macmillan.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique.

2009. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto.

SIMCHOWITZ, Sascha.

1902. *Kultur und Bildung. Die Kultur: Halbmonatsschrift*. N.01. Köln: Verlag Schafstein & Co., p.01-06.

SIMMONS, Leo W. (Editor).

1942. *Sun Chief, the Autobiography of a Hopi Indian*. New Haven: Yale University Press.

SLOTKIN, James Sidney.

1950. *Social Anthropology, the Science of Human Society and Culture*. New York: Macmillan.

SMALL, Albion Woodbury.

1905. *General Sociology: An Exposition of the Main Development in sociological Theory from Spencer to Ratzenhofer*. Chicago: University of Chicago.

SMITH. Grafton Elliot.

1911. *The Ancient Egyptians and the origin of Civilization*. London - New York: Harper & Brothers.

SMITH. Grafton Elliot.

1934. *Human History*. London: Jonathan Cape Ltd.

SOROKIN, Pitirim Aleksandrovich.

1937. *Social and Cultural Dynamics*. V. 1. New York: American Book Company.

SOROKIN, Pitirim Aleksandrovich.

1947. *Society, Culture and Personality: Their Structure and Dynamics, A System of General Sociology*. New York: Cooper Square Publishers.

SPENCER, Herbert.

1892. *Principles of Ethics*, V. 1. New York: Appleton and Company.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre.

1986. *Relevance: communication and cognition*. Oxford: Basil Blackwell.

SPERBER, Dan.

1974. *Le Symbolisme en Général*. Paris: Herman.

STEWART, Julian Haynes.

1936. The economic and social basis of primitive bands. In: LOWIE, Robert Harry. (Ed.) *Essays on Anthropology in Honor of Alfred Louis Kroeber*. Berkeley: University of California Press. p. 311-350.

STEWART, Julian Haynes.

1950. Area Research: Theory and Practice. *Social Science Research Council*. Bulletin 63.

STEWART, Julian Haynes.

1955. *Theory of Culture Change: The methodology of multilineal evolution*. Urbana: University of Illinois Press.

SUMNER, William Graham; KELLER, Albert Gallo-way; DAVIE, Maurice Rea. 1927. *The Science of Society*. 4 vols. New Haven: Yale University Press.

SUTHERLAND, Robert Lee; WOODWARD, Julian Lawrence.

1940. *Introductory Sociology*. 2nd ed. Chicago: J. B. Lippincott.

TAYLOR, Walter Willard.

1948. A Study of Archaeology. *American Anthropological Association, Memoir*, N. 69.

THOMAS, William Isaac.

1937. *Primitive Behavior: An Introduction to the social sciences*. New York: McGraw-Hill Book Company, Incorporated.

THURNWALD, Richard.

1950. *Der Mensch Geringer Nanirbeherrschung: Sein Aufstieg Zwischen Vernunft Und Wahn*. Berlin: de Gruyter.

TITIEV, Mischa.

1949. Cultural Adjustment and the Interiorization of social Values. *Journal of Social Issues*, vol. 5, p. 44-47.

TITIEV, Mischa.

1959. *Introduction to Cultural Anthropology*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

TOZZER, Alfred Marston.

1925. *Social Origins and Social Continuities*. New York: Macmillan.

TURNER, Victor; TURNER, Edite.

1978. *Image and Pilgrimage in Christian Culture: Anthropological perspectives*. New York: Columbia University Press.

TURNNEY-HIGH, Harry Holbert.

1949. *General Anthropology*. New York: T. Y. Crowell.

TYLOR, Edwar Burnett.

1861. *Anahuac: Or Mexico and the mexicans, ancient and Modern*. London: Longman, Green, Longman, And Roberts.

TYLOR, Edwar Burnett.

1865. *Researches into the Early History of Mankind and the Development of Civilization*. Chicago – London: Jhon Murray, Albemarle Street.

TYLOR, Edward Burnett.

1871. *Primitive Culture: Researches Into The Development of Mythology, Philosophy, Religion, Art, and Custom*. V.I. London: Jhon Murray, Albemarle Street.

UNITED Nations Education Cultural and Scientific Organization – UNESCO.

1982. *World Conference on Cultural Policies. México City, 1982: Final report*. Paris: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000052505> Acesso em: 25 jun. 2018.

VILLAMIL DE RADA, Emeterio.

1888. *La Lengua de Adán y el Hombre de Tiahuanaco*. La Paz: Camarlinghi Ed.

WARD, Lester Frank.

1903. *Pure Sociology: A Treatise on the Origin and Spontaneous Development of Society*. New York: The Macmillan.

WARDEN, Carl Jhon.

1936. *The Emergence of Human Culture*. New York: Macmillan.

WESTAWAY, Frederick William.

1934. *The Endless Quest: Three Thousand Years of Science*. London: Blackie & Son Limited.

WHITE, Leslie Alvin.

1940. The Symbol: The Origin and Basis of Human Behavior. *Philosophy of Science*, vol. 7, no. 4, p. 451-463.

WHITE, Leslie Alvin.

1943. Energy and the Evolution of Culture. *American Anthropologist*, vol. 45, no. 3, pt. 1. p. 335-356. 335.

WHITE, Leslie Alvin.

1949. Ethnological Theory. In: SELLARS, Roy W.; MCGILL, Vivian Jerauld; FARBER, Marvin. *Philosophy for the Future The Quest of Modern Materialism*. New York: Macmillan. p. 357-384

WHITE, Leslie Alvin.

1949. *The Science of Culture: A Study of Man and Civilization*. New York: Grove Press.

WHITE, Leslie Alvin.

1959, *The Evolution of Culture: The Development of Civilization to the Fall of Rome*. New York, London, Toronto: McGraw-Hill Book Company, Inc.

WILLEY, Malcolm Macdonald.

1929. The Validity of the culture Concept. *American Journal of Sociology*, vol. 35, p. 204-219.

WILLIAMS, Raymond.

1960. *Culture and Society: 1780-1950*. New York: Anchor Books Doubleday & Company, Inc.

WILSON, Logan; KOLB, William Lester.

1949. *Sociological Analysis: an introductory text and case book*. New York: Harcourt, Brace & Co.

WINSTON, Sanford Richard.

1933. *Culture and Human Behavior*. New York: The Ronald Press Co.

WISSELER, Clark.

1916. Psychological and Historical Interpretations for Culture. *Science*, vol. 43, p. 193-201.

WISSELER, Clark.

1920. Opportunities for Coordination. in Anthropological and Psychological Research. *American Anthropologist*, vol. 22, n.1, pp. 1-12.

WISSELER, Clark.

1929. *An Introduction to Social Anthropology*. New York: H. Holt.

WONDJI, Christophe.

1986. *La Chanson populaire en Côte-D'Ivoire: essai sur l'art de Gabriel Srolou*. Présence Aricaïne.

WUNDT, Wilhelm Maximilian,

1922. Philosophical Dictionary, apud SCHMIDT, Walter. Was ist Gartenkultur und wie fordert man sie? In: 2004. *der Studngarten* n. 1.

WUNDT, Wilhelm Maxmilian.

1912. *Elemente der Völkerpesichologie: grundlinien einer psychologischen Entwicklungsgeschichte der Menschheit*. Leipzig: Alfred Kröner Verlar.

YOUNG, Kimball.

1942. *Sociology: A Study of Society and Culture*. New York: American Book Company.

YOUNG, Kimball.

1946. *Handbook of Social Psychology*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. LTD.

YOUNG, Kimball.

1934. *An Introductory Sociology*. New York: American Book Company.

ZIEGLER, Leopold.

1903. *Das Wesen der Kultur*. Leipzig: Euge Diedrichs Verlag.